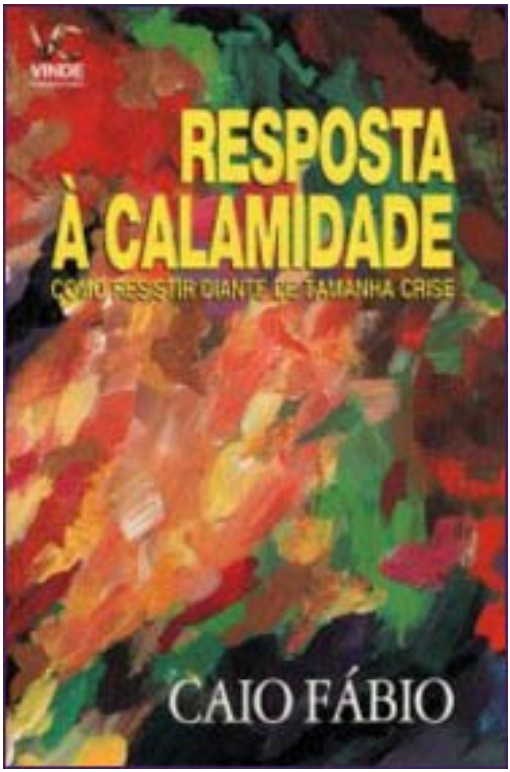


Caio Fábio

RESPOSTA À CALAMIDADE

Rio de Janeiro
Revisão: Allinges Lens César Mafra e Sandra Regis
Capa: Jonas Lemos
Projeto Gráfico: Formaggio
3ª edição, 1997
ISBN 85-7271-019-1

Dedicatória

À minha querida mãe, heroína da perseverança.

Índice

Apresentação
Resposta à Calamidade
Cristo e a sua relação com a dor e o sofrimento humano
Deus não desiste de amar (João 21)
"Lázaro, vem para fora" (João 11)
Medo de descrer
Vida sob a Graça
O discípulo de Cristo
Uma bomba chamada Se
Vida em abundância
Em busca da Terra Prometida

APRESENTAÇÃO

Em tempo de crise, dor, miséria, desemprego; elevado custo de vida, pânico, desamor e perplexidade - quando não há portas abertas nem saída - requer-se um homem que tenha mais do que um otimismo mediano. Exige-se dele um esforço que extrapole muitas vezes aquilo que a nossa natureza produz.

Quais são os seres humanos capacitados a viver neste tempo de crise? De forma irônica um antigo texto das Sagradas Escrituras mostra os traços corajosos do homem que poderá vencer nos conturbados dias em que vivemos.

Capítulo 1

Resposta à Calamidade

“Então disse Eliseu: Ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor. Amanhã, a esta hora mais ou menos, dar-se-á um alqueire de flor de farinha por um ciclo, e dois de cevada por um ciclo, d porta de Samaria. Porém o capitão, a cujo braço o rei se apoiava, respondeu ao homem de Deus Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu, poderia suceder isso? Disse o profeta: Eis que tu o verás com os teus olhos porém disso não comerás.

Quatro homens leprosos estavam à entrada da porta, os quais disseram uns aos outros Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos? Se dissermos: entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos lá; se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamos, pois, agora, e demos conosco no arraial dos siros; se nos deixarem viver, viveremos, se nos matarem, tão-somente morreremos.

Levantaram-se ao anoitecer para se dirigirem ao arraial dos siros; e, tendo chegado k entrada do arraial, eis que não havia lá ninguém. Porque o Senhor fizera ouvir no arraial dos siros ruídos de carros e de cavalo. e os ruídos de um grande exército; de arraial dos siros ruídos de carros e de cavalos, e os ruídos de um grande exército; de maneira que disseram uns aos outros: Eis que o rei de Israel alugou contra nós os reis dos heteus e os reis dos egípcios, para virem contra nós. Pelo que se levantaram, e, fugindo ao anoitecer, deixaram as suas tendas, os seus cavalos e os seus jumentos, e o arraial como estava; e fugiram para salvar a sua vida. Chegando, pois, aqueles leprosos à entrada do arraial, entraram numa tenda e comeram e beberam e tomaram dali prata, e ouro e vestes e se foram, e os esconderam, voltaram, e entraram em outra tenda e dali tomaram alguma coisa, e a esconderam.

Então disseram uns para os outros: Não estamos fazendo bem; este dia é dia de boas-novas, e nós nos calamos; se esperarmos até a luz da manhã, seremos tidos por culpados; agora, pois, vamos, e o anunciemos à casa do rei. Vieram, pois, e brandaram aos porteiros da cidade, dizendo: Fomos ao arraial dos siros e eis que lá não havia ninguém, voz de ninguém, mas

somente cavalos e jumentos atados, e as tendas como estavam. Então os porteiros gritaram e fizeram anunciar a boa-nova no interior da casa do rei.

Levantou-se o rei de noite, e disse a seus servos: Agora eu vos direi o que é que os siros nos fizeram. Bem sabem eles que estamos esfaimados. por isso saíram do arraial, a esconder-se pelo campo, dizendo: Quando saírem da cidade, então os tomaremos vivos, e entraremos nela. Então um dos seus servos respondeu e disse.

Tomem-se, pois, cinco dos cavalos que ainda restam na cidade, pois toda a multidão de Israel que ficou aqui de resto, terá a mesma sorte da multidão dos israelitas que já pereceram; enviemos homens, e vejamos. Tomaram, pois, dois carros com cavalos; e o rei enviou os homens após o exército dos siros, dizendo: Ide, e vede. Foram após eles até o Jordão; e eis que todo o caminho estava cheio de vestes e de armas que os siros na sua pressa tinham lançado fora. Voltaram os mensageiros e os anunciaram ao rei" (II Rs. 7:1-15).

Corria o ano de 850 a.C., aproximadamente. Jorão, monarca de Israel, celebriza-se fatidicamente por ser autor de atos malignos, adotando um comportamento à margem dos critérios de Deus.

O tempo no qual as cenas trágicas descritas no capítulo 7 de II Reis ocorrem é extremamente óbvio: tempo de miséria e de fome. O v 24 do cap. 6 nos mostra a razão. É que havia um cerco, uma opressão estrangeira, uma forte redução na produtividade do povo israelita, que se viu sitiado, preso a uma estagnação econômica absoluta. O sítio estrangeiro teve como conseqüência fome e improdutividade, pela impossibilidade de se sair ao campo para render o que se podia render no trabalho, já que estavam aprisionados dentro da própria cidade. As implicações econômicas conseqüentes resumem-se na mais terrível e angustiante miséria.

Mas o que se pode prever como resultado deste sítio estrangeiro é facilmente enumerável em três itens básicos. Inicialmente, conforme o v 25 diz, adveio uma fome tenebrosa, caracterizada pela elevação assustadora dó custo de vida. Registra-se aí que a cabeça de um jumento ficou a preço de

caviar; o esterco de pomba, lá na feira, atingiu uma especulação absurda, em termos comparativos ao que se pedia.

Outro item daquela situação trágica é a miséria absoluta documentada pelo episódio das duas mães (vs.28 e 29). Esta é uma narrativa espantosa! Trata-se de duas mulheres famintas, que propõem cozer um dos dois filhos, e comê-lo. Ao acabar a ração, cozinhariam o segundo, e assim sobreviveriam por mais algum tempo.

Fizeram isto com o primeiro, mas a paixão materna da outra mulher recusou-se a servir o filho como opção de alimento para a semana seguinte. É a essa altura que o problema é levado ao rei.

Essas narrativas a respeito de uma época tenebrosa nos trazem à mente situação muito próxima a nossa realidade no mundo atual, quando se sabe que na Etiópia sete milhões de seres humanos estão sitiados pela miséria, definhando, tornando-se pele e ossos; na Somália, o desespero leva seres humanos a brigarem por comida misturada ao lixo; e ainda de maneira mais próxima no nordeste brasileiro nossos conterrâneos famintos já passaram pela experiência de comer camaleão para sobreviverem; e mais que alguns de nossos concidadãos nas favelas se alimentam de ratos!

O último item dessa tragédia, que aparece no v 27, descreve a derrota interior do líder da nação, que revela o mais absoluto pessimismo, a mais profunda amargura, dor e falta de opção possíveis. "Se o Senhor não te acode, donde te acudirei eu? ...", diz ele à mãe.

A miséria, o desemprego, a elevação do custo de vida, e os conseqüentes dramas familiares, a desmotivação da liderança e das classes dominantes, que manipulam, que têm a responsabilidade de imprimir o ritmo das coisas no país, não são um fenômeno à antiga do reinado de Jorão. Tudo isso faz parte da nossa realidade cotidiana, das imposições da vida em torno de cada um de nós. No entanto, em meio a essa tragédia, Eliseu o homem de Deus, o profeta do Senhor, profetiza que Deus proporcionaria uma saída para seu povo. Isto está dito no cap.7, vs. 1 e 2, onde ele afirma: "Amanhã, a estas horas mais ou menos, a oferta será maior que a procura. Vai haver abundância. Deus fará um milagre; a situação se resolverá." Todavia, para

que o milagre aconteça, quais são os seres humanos aptos, capacitados a viver neste tempo? Para se viver no tempo da abundância basta ser humano. Mas para viver no tempo de calamidade importa ter mais do que a natural humanidade.

No tempo de crise, dor, miséria, desemprego; de custo de vida elevado, pânico, perplexidade, quando não há portas abertas nem saídas, requer-se um homem que tenha mais do que um otimismo mediano.

Pede-se dele um esforço que ultrapasse muitas vezes aquilo que nossa humanidade natural produz.

Quais serão os seres humanos capacitados a viver neste tempo de crise? Este texto ironicamente nos responde. A resposta é extremamente irônica, quase absurda, e cala tudo quanto possa constituir-se arrogância.

Inicialmente, o v 3 do cap 7 diz que têm de ser pessoas que sabem o que é padecer. Os heróis desse tempo de crise não são os soldadinhos de chumbo, os capazes de grandes jogadas diplomáticas, os grandes homens e potentados da história; são quatro leprosos! E leprosos, naquele tempo - mais do que no nosso - eram homens estigmatizados, seres cuja vida era de padecimento, existência de dor, de segregação, alienação.

Para vivermos neste tempo onde tudo se reduz, onde tudo se achata, se esmaga; onde humilhações acometem pais de família; onde o desemprego é uma realidade; onde a crise provoca situações inervantes, estressantes, criando nos lares tumultos mentais terríveis, precisamos saber o que é padecer. Precisamos ser gente que aceita ser discriminada; gente que admite viver sem status; gente que admite a realidade de uma vida solitária.

Essa é a lição dos leprosos. Esses são os leprosos: os discriminados, sem status, solitários - homens do padecimento, os únicos preparados para enfrentar de frente a dor, pois sabem o que é padecer.

Num tempo como esse exige-se de nós que vivamos no espírito de I Coríntios, 29-31 que diz: "Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se não o fossem, mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se

alegrassem; e os que compram como se nada possuíssem; e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem, porque a aparência deste mundo passa".

A mensagem que a Palavra de Deus nos traz é de desapego. Para vivermos neste tempo temos de ter no coração e na alma a força do desapego. Isso me faz lembrar um amigo que durante quinze anos gerenciou uma multinacional, com capital estrangeiro, trabalhando com equipamentos eletrônicos aqui no Brasil. A empresa cresceu, expandiu-se, entrou no ramo de computadores, tornou-se enorme, e ele ocupando um alto cargo, de extrema importância.

Depois de alguns anos chegou à conclusão de que poderia ele mesmo estabelecer seu próprio negócio no ramo. Mudou-se então para outra cidade, indo muito bem no princípio. Estabeleceu-se ali com o maior capricho e conforto, num bom escritório, negociando com componentes eletrônicos, computadores e toda a moderna parafernália para o bom desempenho dos negócios. Na verdade ele ia de vento em popa; jamais teria sonhado tanto. De repente, quando a crise acometeu a nação, ele foi atingido. Seu negócio começou a dar marcha à ré, e entrar no redemoinho do dilúvio, até que soçobrou. Viu-se subitamente destituído de tudo - sem o antigo emprego e sem capital - tendo de viver numa situação humilhante na praça, no mercado. Resolveu então voltar para a cidade de onde saíra. Agora, batendo de porta em porta, à procura de emprego, não sabia o que fazer: a família insegura, filhos crescendo, os meses passando.

Mas esse homem encontrou um caminho para responder a sua realidade. Aproximando-se da esposa, disse-lhe: "Faça bolinhos de bacalhau." A mulher passou a encher bandejas desses bolinhos, que ele oferecia pelas praias. Tabuleiros e tabuleiros foram consumidos. E ele declarando: "Enquanto não puder voltar à situação que tinha não vão passar fome!" Fez isso durante meses. Mandou aumentar a mesa da copa; a mulher agora fazia bolinhos em série; bandejas e bandejas que ele levava à praia para vender.

Aquele homem com esse ir e vir de trabalho conseguiu manter dignamente a família, sair de todas as situações dramáticas e deprimentes, estabelecendo-se por fim num sólido negócio, no qual veio a prosperar.

Para enfrentar este tempo os homens têm de ser de fibra, gente que tem em si a força do desapego, e que sabe o que é padecer. Caso contrário, o que sobra são estilhaços, nada mais, das imensas pedras.

O texto também ensina que para viver neste tempo as pessoas têm de entender que a ação é a única maneira digna de se enfrentar a morte. A indolência, a morbidez, a apatia, os braços cruzados, a negligência, a indiferença, a preguiça, a derrota sem luta são indignos. O v 3 diz que esses homens perguntaram a si mesmos: "Para que estaremos nós aqui até morrermos? Se vamos morrer, vamos então enfrentar a morte com ação." Morrer sentado na indiferença é morrer indignamente. A única forma de se enfrentar a tragédia é com ação.

Ação de amor à vida, ação de luta contra o mal, ação de serviço é a única maneira digna de se enfrentar situações deprimentes e difíceis.

Quando era menino, aos doze anos de idade, mais ou menos, fui convidado por meu pai a visitar um adversário seu, um homem contra quem ele advogava uma causa. Vencida esta, estava determinado que pagasse o que devia.

Tratava-se de uma questão comercial: ele havia comprado muita coisa do cliente de meu pai, falira e não repusera o valor da compra.

Paramos à porta da loja, entramos e demos com aquele homem corpulento, prematuramente calvo, os poucos cabelos embranquecendo, com um ar de extremo desânimo. Meu pai expôs-lhe, então, as razões de sua visita. Ao ver-lhe lágrimas nos olhos, papai, que se convertera meses antes, compadeceu-se tremendamente dele. Disse então a si mesmo que não tinha condições de prensar contra parede um homem que estava vivendo em circunstâncias tão difíceis. Penalizado, disse-lhe: "Esqueça, por favor, que sou advogado. Esqueça que vim aqui para fazer cobranças. Deixa-me falar-lhe de Jesus." E começou a falar-lhe da graça de Deus, do amor de Cristo, de como Jesus poderia encher-lhe a vida, dar- lhe força na adversidade.

O homem chorou muito, chamou a esposa, o filho mais velho e juntos oramos.

No domingo meu pai o levou à igreja, no segundo também, e ele acabou se decidindo por Jesus Cristo.

Aquele homem deprimido, destruído, aprendeu que a única maneira digna de enfrentar a morte é com ação. Foi à luta! Saiu em busca de emprego. Tendo um certo nível de conhecimento, tinha capacidade para gerenciar.

Resolveu então procurar uma empresa. Falando com o diretor, disse-lhe: "Eu queria um cargo. Trabalho com chefia de seções, chefia do setor de pessoal etc..." Foi abrindo o leque de opções de serviço. O diretor lhe disse: "Reconheço que o senhor tem um bom currículo, mas infelizmente não estamos precisando desse tipo de serviço, nem estamos interessados." Ele então ajuntou: "O senhor tem interesse em algum tipo de serviço? Tem algum tipo de serviço para um homem honesto?" O homem respondeu: "Sim tenho, mas não para um homem do seu porte na vida. Tenho vaga para vigia noturno". Ele disse: "Obrigado".

O homem se despediu, o outro abriu fechou a porta, e pouco depois ele batia de volta. O homem disse do outro lado: "Pode entrar." Aparece nosso amigo, sem paletó, sem gravata, mangas arregaçadas, e diz: "Eu vim aceitar o emprego. Fui só mudar o jeito de vestir."

Isso aconteceu por volta de 1968. Ele me disse que aquele diretor ficou tão impressionado, que declarou: "Um homem que tem a coragem que o senhor tem precisa ter um lugar de chefia na minha indústria".

E o colocou na posição da qual ele desistira.

Sim, a única maneira de se enfrentar a morte com dignidade é com ação!

Para viver neste tempo, ainda diz o texto que importa que as pessoas entendam que a vida só tende a melhorar. É o que diz o versículo 4: "Se nós entrarmos na cidade, há fome na cidade morreremos lá. Se ficarmos sentados aqui também morreremos. Vamos então ao arraial do inimigo.

Se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, apenas morreremos..."

Do ponto em que está só tende a melhorar... O cristão, mais do que qualquer outro ser na vida, pode viver esse projeto de

existência. Porque a vida dele é a vida de um sentenciado à morte; ele é alguém que carrega uma cruz, que abriu mão de bens, valores, posição, de status; sua obsessão é o Reino de Deus. Romanos 6.12 diz que ele tem de se considerar morto para o pecado, as paixões, o mundo, tudo, enfim. Mas no nome de Deus ele vive aqui, e num certo sentido é o ser mais vivo da Terra, paradoxalmente o mais morto do planeta. Paulo diz que ele é o lixo do mundo, a escória de todos, a reação da bênção à força das maldições. É ser morto para ser vivo em Cristo Jesus.

Perde-se a vida, para achá-la em Cristo.

Para o cristão essa é a atitude mais fácil: "Se ficar sentado aqui eu morro; se entrar na cidade, morro também. Portanto, deixe-me enfrentar a vida. Se me matarem, morro; se não me matarem, vivo."

Só tende a melhorar, daqui para a frente! Isso porque para o cristão a morte está encurralada: "O viver é Cristo e o morrer é lucro!"

Somente quem já morreu para a vida tem condições de vivê-la com otimismo.

Só quem não considera como bens os bens deste mundo, tem a coragem de se aventurar. Somente os que já estão mortos é que têm a possibilidade de enfrentar a morte com coragem. Apenas os que sabem, admitem, confiam em que todas as coisas cooperam conjuntamente para o bem daqueles que amam a Deus reagem corajosamente à vida.

Por último, para viver este tempo as pessoas têm de entender o "kairós" de Deus - o tempo de Deus, o tempo da oportunidade, o tempo próprio, nevrálgico; o tempo da convivência divina. Só os que entendem o tempo de Deus, a hora de Deus, é que podem viver nesta conjuntura. O v. 5 nos diz que depois que fizeram esta reflexão eles se levantaram ao anoitecer. Poderiam ter esperado o amanhecer. Levantaram-se, porém, no tempo impróprio, humanamente falando: o sol se pusera, a noite chegara, quando se dispuseram e foram. O tempo de Deus nem sempre é o melhor tempo, do ponto de vista humano. Ele, às vezes, vem vestido com a cor do absurdo, do improvável. Contudo, para vivê-lo temos de ter no coração discernimento, de modo a descobrir, em meio ao improvável, as probabilidades da vontade de Deus, da hora de Deus, da

urgência de Deus, do dia "D"de Deus para nossa vida. Isso pode muitas vezes acontecer contra tudo e todos, contra qualquer situação, contra a noite, contra a tribulação. Porque o tempo de Deus vem não raras vezes numa hora humanamente ridícula. Mas quando é a hora de Deus o milagre acontece!

Esses são os homens, as mulheres, os seres humanos aptos a enfrentarem uma hora como esta. Mas preste atenção: Que faz Deus por esses que têm coragem de agir no tempo da calamidade? Que faz ele em favor desses cujo destemor se manifesta através das tragédias circunstantes? Que faz em favor desses de espírito indômito, que pela fé aceitam a guerra e os conflitos da vida? Os vs. 5 e 7 nos respondem. O 5 diz que eles - os leprosos, os inválidos, os débeis, os improváveis, os derrotados aos olhos dos homens - "levantaram-se ao anoitecer'. E diz o v 7 que os inimigos "fugiram ao anoitecer". Já imaginou a simultaneidade dessas ações? Os leprosos se levantam ao anoitecer, e os inimigos, por sua vez, fogem quando eles se levantam.

Deus manifesta uma ação simultânea. Quando esses fracos se levantam com fé, com esperança em nome do Senhor, em nome do Deus da vida e da sobrevivência, Deus se levanta adiante deles. Aleluia! É a vitória do fraco. É a graça de Deus que se aperfeiçoa na fraqueza. É a glória do nome do Senhor, que resolve se revelar nos pequenos, nos fracos, nos humildes, nos débeis e naqueles que não são, para reduzir a nada aqueles que são ou pensam que são. É o Deus batalhador, Deus guerreiro, o Deus que peleja por aqueles que nele confiam. Eles se levantam e Deus ergue-se diante deles. Faz ouvir tropel de exércitos; faz ouvir cascalhar de rodas de carros; faz ouvir a terra tremer. Apavora o coração dos soberbos. Estremece a alma dos dominadores, que fogem, deixando para trás mulas, jumentas, carros, roupas, instrumentos de guerra, tendas, víveres, cereais, tudo! Deixando como herança para os fracos seus próprios despojos.

"Deus alimentou os fracos e despediu vazios os arrogantes", disse Maria no seu cântico magnífico.

Hoje, quem sabe, é o dia e a hora de você ficar de pé, sair de seu abatimento, sua derrota, sua depressão; sair desse quadro terrível de acomodação; expulsar de dentro de si a visão sombria; exorcizar os demônios do medo que tomam conta da

sua mente; extirpar da lama esses pensamentos que impõem derrota.

Quem sabe este é o dia de você - frágil, débil, derrotado aos olhos dos homens e do mundo - ficar de pé em nome de Deus? Pode ser que seja escuro, improvável, mas se for hora de Deus não haverá opositor que lhe resista! Haverá uma ação simultânea. Deus fará complô com você; será seu aliado - louvado seja o nome do Senhor!

Concluindo: já vimos quem são os homens desta hora. Já vimos o que Deus fez em favor deles. Vamos ver agora qual será a atitude dos que receberam o benefício de Deus nos tempos da calamidade. Porque Deus nunca abençoa, favorece, beneficia, sem que isso traga implicações.

Quais devem ser as atitudes desses a quem o Senhor beneficia no tempo da calamidade?

Primeiro o v 8 diz que eles devem tomar posse do que Deus lhes dá. Os leprosos entraram de tenda em tenda e tomaram posse de tudo. Que ironia! É o dia da caça, não do caçador. É o dia dos leprosos!

Tome posse! Pode ser uma pequena oportunidade, como a daquele homem que aceitou ser vigilante noturno. Tomou posse! É algo, pegue! É o bolinho de bacalhau, segure! Tome posse do que Deus lhe está dando.

E mais: eles devem avaliar a sua responsabilidade, diz o v 9: "Este dia é dia de boas-novas. Nós não estamos fazendo bem. Nós nos apoderamos sozinhos daquilo que pode manter a vida". Quando Deus nos abençoa no tempo da calamidade, tanto quanto a bênção que ele coloca diante de nós, cresce nossa responsabilidade.

Quem tem, numa época em que ninguém tem, tem para ter com extrema responsabilidade, generosidade e altruísmo.

Por último, eles decidem partilhar com outros o que receberam: vieram e bradaram aos porteiros da cidade. Dividiram, compartilharam! (v. 10) Não é preciso ser adivinho, profeta ou sábio para entender que muitos a nossa volta, numa ou noutra área, de uma forma ou de outra, sofrem junto com a legião dos que sofrem neste país sofrido, numa hora difícil.

Sofrimentos variados: econômico, profissional, quem sabe na área emocional, f sita ou psicológica. As variedades que podem acometer em termos de dor uma infinidade de pessoas que cruzam conosco - incógnitos, anônimos - são inúmeras. Mas a receita de Deus é a mesma. Sua promessa é idêntica: "Levante-se com fé e andarei a sua frente".

As implicações são iguais e os resultados também. Aprenderemos a viver uma vida que seja, em si, uma resposta à calamidade.

Capítulo 2

CRISTO E A SUA RELAÇÃO COM A DOR E O SOFRIMENTO HUMANO

"Jesus, sabendo disto, afastou-se dali, e acompanhou-o uma grande multidão de gente, e ele curou a todos. E recomendava-lhes rigorosamente que não descobrissem. Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz:

"Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz: porei sobre ele o meu espírito e anunciará aos gentios o juízo. Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumega, até que faça triunfar o juízo; e no seu nome os gentios esperarão" (Mateus, 12:15-21).

Eu lhes diria que este texto nos oferece uma das mais belas e ricas idéias sobre a relação que Jesus estabelece em amabilidade, simpatia e compassibilidade com a dor, a fraqueza, a debilidade e a miséria nossa, de seres humanos caídos - tantas vezes derrotados pelos efeitos do pecado em nossa vida.

Tenho sido aquecido por este texto e cogitado sobre as condições do povo em direção a quem a simpatia de Jesus se manifesta. Vejo algumas condições básicas que atraem a simpatia do Senhor para com esse povo sobre o qual ele deseja manifestar seu amor, sua misericórdia, sua simpatia e sua graça.

Observemos a preocupação de Deus dirigida àqueles que estão sob o domínio de uma religião cristalizada, estratificada e legalista! Observe o contexto do cap. 12:1-14 de Mateus! Inicialmente, Jesus ensina que a religião dos judeus emprestava ao sábado um papel muito mais preponderante do que à fome e às necessidades humanas. Eles chegaram ao cúmulo de, em razão do sábado, se zangarem com Jesus, pois seus discípulos, instigados pela fome, entraram em meio aos trigais para se alimentar.

Do v 9 ao 14 vemos relatado um outro problema também surgido por este motivo. Ao curar um homem de mão mirrada Jesus, recebeu a revolta daqueles homens que viam no sábado algo muito mais importante que a dor de um ser humano, como se fosse possível haver blasfêmia maior do que cruzar os braços ante a desgraça do próximo.

Jesus num contexto como esse, vendo um povo que não tinha vida na religião, prendendo-se a legalismo, mandamentos humanos, fórmulas litúrgicas, equações moralistas, tudo aquilo que não encharcava, não produzia, não jorrava sangue e vida em ninguém - onde as oportunidades que a religião podia oferecer eram exauridas, muito mais do que em qualquer outro contexto -, demonstrou uma profunda preocupação para com as pessoas.

Jesus manifesta também sua simpatia para com aqueles que estão debaixo da influência de doenças físicas, mentais e psicológicas. Observe-o em Mateus, 4:24 percorrendo as cidades, curando lunáticos, pessoas que tinham problemas mentais, endemoninhados, paralíticos, enfermos, coxos, todas sorte de doença, abrindo mão de outros compromissos para socorrer as necessidades imediatas desses flagelados.

A simpatia de Jesus também se manifesta àqueles que estão na negridão espiritual da falta de fé e de esperança. Parece-me maravilhoso o fato de Mateus haver citado, no capítulo 4, uma profecia de Isaías, que diz que quando Jesus começou o seu ministério na Galiléia foi para cumprir o que fora dito por intermédio do profeta à terra de Zebulom e à terra de Naftali, ao povo que andava em trevas, na obscuridade, que não tinha diante de si qualquer perspectiva; que jazia na sombra da morte, mas que de repente recebeu o resplandecer da luz. Pois Jesus mais do que ninguém manifesta sua simpatia àqueles que estão na mais absoluta obscuridade, nas trevas mais cerradas,

sem nenhum facho, nenhuma fresta, nenhuma perspectiva, que lhes indique uma luz de esperança, ainda que à distância.

Portanto, esse povo que está nesses níveis de opressão sempre será objeto da compassividade divina, de sua simpatia, e interesse em socorrer o mais pronto possível. Mas que revela Jesus de si mesmo ao povo oprimido e necessitado?

O v. 18 nos ensina que quem crê nele conhecerá a justiça salvadora de Deus. Nesse contexto, essa justiça divina se manifesta através da seguinte expressão: "Ele anunciará juízo aos gentios". Esse servo amado de Deus, escolhido e separado, esse em quem Deus fez repousar, aninhar, o seu Espírito, vai anunciar o juízo aos pagãos, aos alienados. Esta palavra juízo, neste texto imediato, específico, aqui e à luz do contexto de Isaías - de onde ela foi tirada - está sempre se referindo à salvação que Deus concederia aos pagãos e aos gentios mediante a revelação justificadora do Messias, o que de fato aconteceu.

Ele está nos ensinando que esse povo vivia como estávamos vivendo, espiritualmente falando, alguns sob opressão e dores muito vívidas, na própria carne. Todos nós, porém, com uma alegria imensa podemos nos considerar alcançados por essa misericórdia divina, que nos anunciou o juízo de Deus contra o pecado e a morte: a justiça salvadora de Deus aos gentios, aos pagãos. Em cada um de nós essa justiça se manifesta no evangelho, de fé em fé: "O justo viverá pela fé."

Justiça que alcançou o seu clímax na cruz do Calvário, quando Jesus disse: "Está pago, está consumado, não há dívida nenhuma; quem crê tem a vida eterna; ainda que seja o mais injusto dos homens, é considerado justo, recebe a justiça divina, e sua salvação poderá ser uma realidade.

Todos nós já estivemos nesta situação, presos a uma total obscuridade, mas o Senhor nos trouxe o juízo e a justiça justificadora de Deus em Cristo Jesus, que nos propicia salvação e vida eterna pela fé no sacrifício de Cristo na cruz do Calvário.

Esse texto prossegue nos ensinando que quem se relaciona com Jesus pode ter a certeza de estar tendo um relacionamento com o mais amável e compassivo de todos os seres humanos, que tem a capacidade de propiciar-nos um tratamento mental, espiritual e psicológico capaz de nos curar desde as entranhas.

Não encontro nenhum outro texto nas Escrituras que fale mais deste ministério terapêutico de Jesus do que este, e que descreva de forma mais simbólica, mais suave e mais forte o que Jesus pode fazer pelo psiquismo humano, pela mente, por nosso espírito.

Ele trouxe justiça salvadora, mas também terapia, cura, alívio, descanso, reforma, tratamento individual. Observe como o texto descreve este ministério terapêutico do Senhor Jesus, e como Ele pode desempenhá-lo.

Inicialmente, está dito que ele não veio para contender ou discutir. Veja o v 19:

"Não contenderá." Isso me parece lindo. Quando olho para Jesus durante as suas manifestações de vida nas páginas do Evangelho, vejo-o sempre confrontando a verdade, mas jamais discutindo. Vejo Paulo discutindo. De vez em quando ele se exaltava. Mas Jesus resolvia todas as questões com uma contra-questão. Ou então colocava algo tão contundente, que seus opositores se retiravam envergonhados. Ele não veio para contender, arengar, protestar, altercar.

A atitude teológica de Jesus - que não incluía a apologia, a discussão, mas a relação fortíssima da sabedoria com a verdade e o amor- faz-me lembrar algo que me aconteceu certa vez.

Eu havia sido convidado a participar de um programa de televisão dirigido há muitos anos por uma senhora. Ao chegar ao local, senti-me horrivelmente desanimado. O calor era terrível. Imaginar que teria de trocar de roupa para enfrentar aqueles spots desumanos me fez perder a coragem. Pensei comigo: "Não vou não!" Mas algo começou a agitar-se dentro de mim, perturbando-me.

Ela já havia telefonado para confirmar a minha ida, explicando que gastaria bastante tempo na entrevista, que era, portanto, imprescindível a minha presença. Pensando no mau exemplo que daria se não fosse, voltei atrás.

Ao chegar lá, o assunto era o Éber de meu livro Nos Bastidores dos Espíritos.

Aquela senhora o conhecera, lembrava-se do auge de sua carreira no espiritismo, e queria saber o que dizia o livro sobre ele. Ao entrar no camarim, dei com um "preto velho" e umas

velas esquisitas acesas à volta. Eu sabia que ela era espírita, e além de espírita, macumbeira brava! Entrei ali, portanto, na base do "Eu te repreendo em nome de Jesus!" Ela estava sentada e me recebeu efusivamente:

- Oi, pastor, sente aí. Como é o livro de Éber, hein?

- Ele conta os fenômenos que realizava - disse eu.

- Ele admite que aquilo realmente acontecia? - perguntou.

- Sim, admite! - respondi.

- Então qual é a razão de ser do seu livro? Se ele admite, evidentemente é espírita...

- Ele admite a fenomenologia, mas nega a fonte que realizava aquilo - retruquei.

- Eu não entendi, não...

- Ele não admite que eram espíritos humanos desencarnados.

- E não eram? Então que eram?

- Eram fontes escusas, fontes malévolas.

- E quem eram?

- Era o diabo.

Ela foi arregalando os olhos, parou, ficou me olhando ensimesmada. Arrematei então: - É bom você saber disso, pois o que vou contar daqui a pouco diante das câmeras é isso: que era o diabo quem promovia aqueles fenômenos.

- Mas era o diabo mesmo?

- Era, não tenha dúvida não!

Ao começar finalmente a programação, ela avisou: "Hoje vamos ter um programa controvertidíssimo. Como a pessoa já compareceu outras vezes, tendo apresentado temas também muito controvertidos, sem jamais provocar irritação e discussão, pelo contrário, derramando uma paz muito profunda em meu coração, tenho a certeza de que novamente vai falar sem despertar contendas".

Antes de eu entrar no ar, presenciara uma dança tresloucada, ali, de uma escola de samba. Escondi-me atrás dos

bastidores e ali fiquei com o rosto na presença de Deus, suplicando-lhe que viesse encher com a sua graça aquele local. Depois apareceu não sei quem, e então se armou uma briga política, uma confusão horrível.

Chegou finalmente a minha vez. Aquela mulher, olhando-me no rosto, me perguntou:

- Diga-me uma coisa: quem eram os espíritos que trabalhavam no Éber? Fui educado, e respondi:

- Bem, antes de tentar uma resposta, queria tentar uma premissa racional. Você me permite?

- Sim, permito.

- Para mim Jesus é Deus, sabia disso? Você sabia que para um espírita kardecista Jesus é o maior espírito de luz?

- Também em qualquer outra religião da Terra, Jesus é o maior entre os maiores. Por exemplo: no Alcorão, Jesus é maior que Maomé. O Alcorão o chama de Espírito de Deus, o Verbo de Deus, a Palavra de Deus - maior do que o profeta. Em qualquer credo ou filosofia, Jesus é maior do que os maiores. Correto?

- Correto - confirmou a mulher.

- Então vamos ver o que o maior entre os maiores, Jesus, nos ensinou nos Evangelhos sobre a relação com os mortos e com os vivos.

Percorri a seguir junto com ela as páginas bíblicas, mostrando- lhe que não há contato ou relacionamento com quem morre. Quando o argumento estava todo costurado em cima do Antigo Testamento, disse a ela:

- Agora vamos ver o que o "espírito de luz" diz no Novo Testamento:

"Examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida".

"Errais não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus". Fui citando as Escrituras e o que Jesus dizia sobre o Antigo Testamento.

Expliquei que ele afirmava ter o Velho Testamento autoridade, e então continuei:

- Vamos ver agora o que o Antigo Testamento diz sobre o assunto. Li Deuteronômio, 18.9-12; Levítico, 11; Isaías, 9.10.

A mulher foi murchando, sem abrir a boca para contestar. E eu fiquei pensando que quando o Senhor está presente o que acontece é isto: "Não contenderá!" Tudo aconteceu com tamanho impacto que quando o programa terminou coloquei a mão no ombro dela, e ela comovida, me disse:

- Puxa, quando você vem aqui sinto uma paz tão grande!

- Sabe, o que você precisa é de Jesus! - disse-lhe.

Não foi uma lágrima furtiva, mas lágrimas aos borbotões que desceram por sua face, misturadas à maquiagem de um rosto que se esforçava por esconder dos muitos espectadores a tristeza e a falta de paz.

- Você precisa entregar sua vida a Jesus, ter um encontro com ele, crer Nele para ser salva, para ter vida eterna - aconselhei-a carinhosamente.

Saí dali sem que tivesse havido nenhuma discussão ou conflito. O conflito que houve foi apenas aquele último, silencioso, que invadiu um coração sem paz em razão da confusão das trevas em que vivia. Não houve discussão porque o Senhor estava ali, e quando ele está presente não há contenda, guerra, altercação alguma.

Outro ensinamento que este texto nos dá é que Jesus não veio para reprimir com violência. O v. 19 diz que ele não gritará, não acusará ninguém. Vejo isto muito claro na sua reação diante da atitude injusta e inexplicável de Pedro, que o traiu na casa de Caifás. Ele estava sentado na varanda quando Jesus saiu da sala de Caifás, passando pela sacada para descer ao calabouço, tendo forçosamente que passar pelo local onde o discípulo se encontrava.

O maravilhoso é que ao passar Jesus não lhe disse, como seria de se esperar: "Tu me negaste, foste fraco, não agüentaste o rojão; onde está a tua fé? Tu afrouxaste, Pedro! E as tuas juras de amor, onde foram parar?" Diz a Bíblia: "Fitando-o o Senhor, Pedro, caindo em si, desatou a chorar".

Jesus não veio a este mundo para contender com ninguém ou ficar atrás das pessoas, perturbando-as; tampouco para reprimir, coibir, massacrar, agredir a mente. Ele disse: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt. 11:28-30).

Fitando-o o Senhor, Pedro chorou amargamente. O silêncio é muitas vezes mais forte, mais dramaticamente intenso e eficiente do que uma multidão de palavras. O silêncio e o olhar do Senhor Jesus quebrantaram o coração de Pedro, moveram-lhe as estacas da consciência mais do que qualquer coisa que ele pudesse ter ouvido.

Outra verdade é que Jesus não veio para exercitar e manipular as mentes. O v19 diz: "E nas praças não se ouvirá a sua voz".

Isso tem relação com a linguagem manipuladora do comício demagógico. Não tem nada a ver com a pregação em praça pública, ou com o ajuntamento político sério e ordeiro ao ar livre, e sim com o fato de ter o ser humano o hábito de manipular o próximo - ou seja, imprimir forma com as próprias mãos - engendrando, forjando, maquinando idéias e pensamentos no seu coração e mente. Isto Jesus não veio fazer de forma alguma neste mundo. João, 6:15 conta que "sabendo(..)Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou se novamente, sozinho, para o monte." O texto está nos ensinando que Jesus se negava a ser líder político, como também a transformar seus discípulos em pessoas mentalmente obcecadas.

Jesus não veio para realizar comício demagogo, gritar anarquicamente em praças, manipular mentes, dominar pensamentos.

O texto também nos ensina que Jesus não veio esmagar, despedaçar os que já estão quebrados pela vida. Veja a maravilha contida no v 20: "Não esmagará a cana quebrada." Jesus não veio quebrar nem o que quebrado está. Não veio desmontar nem o que desmontado está. Não veio humilhar,

diminuir, rachar os que já estão humilhados, depauperados, rebaixados e arrasados pelas circunstâncias.

Basta lembrar, para reconhecer a face magnânima de Jesus, o episódio da mulher adúltera, sem rosto ou nome, tirada do leito do adultério, flagrada adulterando e carregada até a praça pública enrolada nos lençóis do leito do pecado, para ser apedrejada mal vestida, seminua, desgrenhada!... E os homens exigiam de Jesus que esmagasse a cana partida, que apagasse a torcida, a mecha, o pavio que mal fumegava. Que arruinasse, destruísse aquilo que a vida já havia transformado em estilhaços; que apedrejasse o que já não tinha mais jeito humanamente falando. E Jesus então, contendo as exigências, desumanas e mesquinhas, disse: "Quem dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra". E eles, pressionados pelas próprias consciências, retiraram-se um a um. Foi aí que Jesus disse:

- Mulher, ninguém te condenou?

- Ninguém, Senhor.

- Onde estão teus acusadores?

- Já foram.

- Eu tampouco te esmago, te quebro. Agora vai. Vai e não peques mais.

Que natureza misericordiosa, terna e mansa a de Jesus! Ele se recusou a tocar o que estava ferido, a empurrar mais fundo o que estava semi-enterrado; a enxovalhar mais ainda o enodoado, sujo, enegrecido pela poeira de carvão de sua vida miserável. Seu único desejo era pôr de pé o que estava partido, mudar as vestes ao esmolambado, ensaboar o imundo, erguer o desalentado, aliviar o cansado e o oprimido pelos vendavais da vida.

Jesus veio ainda para reavivar a pequena chama, a pequena centelha de fé, por menor que seja no coração humano. É isso o que diz o versículo 20: "...nem apagará a torcida que fumega". Torcida, mecha, pavio de lamparina, fifó, candeeiro, quando mortiço, querendo apagar, tremeluzindo, bruxuleando, apenas fumaçando, fumegando. Ou seja, uma vida ou uma fé que se exauria, que chegava ao fim, não tinha mais combustível que a mantivesse acesa. Qualquer brisa que passasse a apagaria. Mas

no conceito de Jesus, qualquer centelha, ou fagulha de fé, por mais fraca que seja é melhor do que trevas absolutas; pode crescer, criar energia, incendiar. E onde ele encontra essa fagulha, essa faísca de esperança, essa centelha de sonho, ele a protege: cobre-a com as mãos amorosas, para que não morra.

Sim, o Senhor Jesus não veio para apagar, e sim para reavivar, reacender, lançar mais lenha ao fogo, mais carvão à brasa. Ele é como álcool, que transforma a brasa mortiça em fogaréu, em luz, em fulgor. Ele sopra amorosamente sobre o coração quase a apagar-se, reaviva o espírito amortecido, baço, fosco.

Pois ele veio para que a luz bruxuleante crie pujança e brilho, até ser luz acesa sobre o monte, iluminando com tal fulgor, que o mundo todo a veja e a admire, e as obras de amor, esperança e fé o glorifiquem.

É maravilhoso o potencial manifesto em Jesus de aproveitar o pequeno. Lembro-me de quando, junto com Pedro e João, ele desceu do monte da transfiguração. Ao chegar lá em baixo,, viu que os discípulos estavam inutilmente tentando expulsar o demônio de um menino. Ao vê-lo, o pai correu e lançou-se-lhe aos pés, suplicando que tivesse piedade do filho, terrivelmente endemoninhado, a tal ponto que nem os discípulos haviam conseguido libertá-lo. Então Jesus exclamou, contrariado: "Ó geração incrédula! até quando atarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-mo". E levaram-lhe a criança. Perguntou então ao pai: Há quanto tempo isto lhe sucede?' Respondeu ele: "Desde a infância, e muitas vezes o tem lanudo no fogo ou na água. É uma vida horrível a que levo, vigiando. Se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos!" E Jesus disse:

"Se podes! tudo é possível ao que crê!" E o homem disse: "Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé!" (Marcos, 9:14-29).

Encontro nessa expressão do pai aflito, desesperado, a confirmação de que Jesus não apaga a torcida que fumega. Havia nele uma fagulhazinha quase invisível; microscópica, -de fé; uma torcida pequenina, cuja tênue fumaça indicava ao Mestre que nele ainda existia fé, esperança: "Eis aqui a torcida que fumega, quase se apagando; acende-a, Jesus, por misericórdia! Ajuda-me na minha falta de fé!" E o Senhor, generoso, manso e amoroso, aproveita o pequeno pavio para

acender a fé naquele homem e libertar o filho das garras do espírito maligno.

Dá prazer conviver com Jesus desta maneira: reconhecendo que ele é manso, que não veio para contender, atiçar o mal, reprimir, manipular mentes ou esmagar com exigências, legalismo, jugo, mas aproveitar o que de mínimo possa haver para refazer, levantar, recriar - para glória do seu próprio nome.

O tempo

Mas até quando ele irá manifestar-se dessa maneira? Pois não será para sempre. Hoje é o dia sobremodo oportuno, o dia da salvação; é a chance! Esse tempo no qual Jesus se manifesta graciosa, pacífica, e amavelmente com todos os homens não é eterno. A Bíblia diz que isso vai acontecer até que ele exerça o juízo vencedor. No seu nome esperarão os gentios (v. 21). E como é que esse juízo, essa justiça divina prevalecerá na face da terra? Pois será de três maneiras: Primeiro, através da justiça salvadora de Deus.

Há um número de redimidos, mas Jesus não vai contender, nem acusar; tampouco gritar ou - impor.

Não vai quebrar, esmagar ou lançar ninguém; ou apagar a torcida que fumega. Ele vai aproveitar o que de pouco possa haver na fraqueza e debilidade até que o número de eleitos ou de salvos seja atingido, pois sua vontade é que ninguém se perca.

O juízo vai também prevalecer quando o ensino e os mandamentos do Senhor forem conhecidos de todas as nações. O Evangelho do Reino será então pregado a todos os povos; a todos os gentios. Depois disso é que virá o fim. E quando essa mudança de comportamento vai acontecer? Depois de os eleitos terem sido alcançados e o Evangelho pregado a todas as nações. Ele então se manifestará em glória. Diz a Bíblia que o comportamento de Jesus já não será o mesmo. II Tessalonicenses, 1:7b-9 diz: "...quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.

Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder".

Hoje ele não vem para contender, condenar, impor, gastar mentes, dirigir vidas por calendários ou cabrestos, condicionar comportamentos; tampouco para quebrar ou achatar existências já partidas ou esmagadas - vem para aproveitar o que de raro ou de tênue possa encontrar em nós. Mas chegará o dia - quando o juízo já houver prevalecido, a justiça de Deus salvo todos os eleitos em Cristo Jesus, o ensino e a Palavra de Deus se embrenhado em todo o mundo - em que o juízo virá e Jesus contenderá com a vara da sua boca, cobrando, exigindo, determinando, amassando e achatando todos aqueles que no tempo da oportunidade, no dia da salvação, no ano da graça, no tempo do favor e da misericórdia, não acataram sua palavra tão amável que diz: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave [não quebra nem amassa ninguém], e o meu fardo é leve" (Mateus,11:28- 29)

Agora, pense nisto: Cristo veio a este mundo revelar a possibilidade de você receber salvação e ida eterna. Veio para mostrar que aqueles que se relacionam com ele não precisam viver sob sentimento de culpa ou peso. Não veio para esmagar ou condenar ninguém; não veio para ficar reprimindo ou manipulando, nem quebrando aquilo que já está quebrado, derrotado. Ele veio aproveitar a fagulhinha, a centelha, a torcida que fumega; veio soprar como a brisa o vento do seu Espírito, para produzir vida e luz. Mas isso tem um tempo. E haverá um tempo no qual isso vai mudar. E mudará rapidamente para aqueles que derem de mão a essa chance de misericórdia e graça. A Bíblia diz que para esses, Deus se tornará fogo consumidor. E dura coisa é cair nas mãos do Deus vivo!

Ele não veio para pisar no psiquismo, e sim para restaurar. "Eis aqui o meu servo que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça

vencedor o juízo. E no seu nome - no seu nome! - esperarão os gentios!"

Capítulo 3

Deus não desiste de amar (João 21)

Deus não desiste de nós, não abre mão de andar em nosso encalço. Ele descobre nosso paradeiro, insiste em manter-nos perto de si.

Para isso perturba nossa vida, cria inconveniências subproduzidas e patrocinadas por seu amor, pois em sua mente e no seu coração divino e supracósmico - além de toda compreensão - ele é incapaz de assumir em si mesmo a desistência de nossa própria vida.

A história de Pedro, melhor que qualquer outra, ilustra este fato e a insistência de Deus em não abdicar do direito que tem sobre a nossa existência. Se pensarmos em Pedro como uma vida que pode nos ilustrar essa realidade da afirmação que faço, torna-se de suma importância que avaliemos quem ele era, qual o seu perfil, como era constituído, qual tipo de sua existência, qual a sua tessitura moral, emocional, psicológica e de caráter, para que, em definindo a sua personalidade, possamos detectar semelhança conosco, de modo a nos animar a alentar quanto ao fato de que Deus não desiste de nós.

Se pensarmos no temperamento de Pedro vamos encontrar marcas, traços, sinais inequívocos de que ele era um tipo sanguíneo, extrovertido, falante, audacioso e paradoxalmente acovardado. Isso se torna claro quando observamos alguns confrontos de Jesus com ele - por exemplo, no mar da Galiléia, quando Jesus, premido pela multidão, vendo um barco por perto, entra nele, afastando-se das imediações da praia.

Do barco ele proclama a Palavra de Deus, após o que convida o dono da embarcação e seu sócio a saírem ao largo, para novamente pescar. Pedro explica que já o fizera a noite inteira, mas que trabalhara de maneira inócua, e apesar de tantas horas insone, todo o seu esforço capitulara - não

apanhara um peixe sequer. Mas apesar disso, acrescenta: "...se insistes, sob a tua palavra lançarei as redes".

Ao se fazerem ao largo e lançarem a rede, diz a Bíblia que ele se encheu de peixes, Pedro, pescador experiente, que conhecia aquele lago como a palma de suas mãos, constatando o milagre, voltou-se para Jesus, ajoelhou-se a seus pés e disse: "Senhor, afasta-te de mim, porque sou pecador." Mas Jesus lhe respondeu:

“Vou fazer de ti um pescador de homens".

A partir dali Pedro anda com Jesus, segue sua trajetória, come com ele, dorme junto dele, vai com ele a toda parte, passa por riscos do discipulado, na mais fascinante história de vida que a um homem possa acontecer. O Espírito Santo começa a trabalhar na sua mente, fazendo-o ver Jesus como Messias. Aliás, é quando andam na direção do monte Hermom, de Cesaréia de Felipe, que ele inquire de seus discípulos: "Quem diz o povo ser Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem João Batista, outros: Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?" Pedro, tomando a palavra, faz de rompante sua famosa profissão de fé: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus".

Diz a Bíblia no versículo 21 do capítulo 16 de Mateus, que a partir dali "começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas", ser humilhado, cuspido, golpeado, maltratado, despido, pregado na cruz, abandonado; levar sobre si os pecados dos homens e ressuscitar no terceiro dia. Ao dizer isso, Pedro, chamando-o à parte, pôs-se a reprová-lo, dizendo: "Imagina, logo tú; 6 Mestre! Não é possível que tal te aconteça! Que idéias mais negativas, mais absurdas! Que raciocínios mais sombrios!" "Mas Jesus, voltando- se, disse a Pedro: Arreda! Satanás, tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens".

Pedro era homem de contradições. Costumava fazer afirmações veementes: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei."

Na mesma noite, tem um repente de violência: lá no Getsêmani, premido pelas circunstâncias, puxa da espada, enquanto Jesus é preso, e golpeia a orelha do criado do sumo sacerdote. Logo em seguida, este aparente gesto de bravura se traduz numa experiência da mais absurda covardia. O mesmo Pedro da espada, quando pressionado, foge no meio da noite, abandonando Jesus, sua amizade, suas convicções, sua declaração de fé, aprendizado, descobertas, revelações, tudo!

Esse era Pedro: de temperamento fogoso e contraditório, impetuoso tanto para praticar pseudos atos de bravura quanto fugas de covardia. Sua fraqueza maior se evidencia na casa de Caifás. Jesus está preso, e Pedro, que fugia da escuridão, volta sorrateiramente, penetra no pátio e vê pessoas em volta de um braseiro, conversando sobre o Cristo. (Que estaria acontecendo lá dentro?)

Enquanto isso Jesus é inquirido, confrontado, questionado pelas autoridades da religião judaica. Lá fora, uma criada passa servindo os que ali se encontravam, vê Pedro e diz: "Este é um deles". Mas ele contesta: "Não o sou". Pouco depois os que ali estavam dizem-lhe: 'verdadeiramente és um deles, porque também tu és galileu. Ele, porém, começou a praguejar e jurar: Não conheço esse homem de quem falais."

Nesses episódios Pedro evidencia toda a sua inconstância, seu caráter instável, e sem nenhuma firmeza. Nega todas as suas convicções, abdica de sua crença, apostata de seu compromisso com Jesus.

E como fica seu mundo psicológico? (É bom que pensemos nele também com as categorias do mundo psicológico.) Depois desses anos de caminhada com Jesus, se fosse eu que negasse o Mestre dessa forma, iria à loucura, à paranóia; minha alma ficaria desatinada e se desestruturaria; eu me reduziria a nada! Pois foi o que sucedeu a Pedro. Jesus se encontrava ali, numa sala, embaixo. Era preciso passar pelo pátio para descer a um plano inferior, na prisão da casa do sumo sacerdote Caifás, onde ele passou o resto da noite.

E quando vem saindo, o galo está cantando. Jesus, que dissera a Pedro que isto aconteceria, encontra o olhar do discípulo, encolhido em sua vergonha. Ele o fita, e vê nos olhos

do apóstolo melancolia, covardia, fraqueza, morte antes da morte. Então Pedro chora.

O homem-pó sai dali, entra na noite escura - e que noite tenebrosa! -, envereda pelos bosques, passa pelo meio dos pinheiros, dos olivais, vai chutando pedras, sufocado pelos gemidos e as lágrimas quentes e grossas que lhe rolam pelas faces. Reduzira-se a menos que homem. Negara tudo mais que a si mesmo: negara a Deus. Agora o que lhe resta são pesadelos, em noites terríveis. Na primeira noite a madrugada o encontra insone, a mente em brasas, vozes inquirindo-o, insistentes:

"Tu és um deles!" "Não sou!" "Tu és galileu!" "Não o conheço!"

Assim decorrem duas noites de angústia mental. Pedro, por assim dizer, está dominado pela síndrome do canto do galo. Todas as vezes que o galo canta ele estremece. Sua alma está reduzida a nada, golpeada por todos os lados pelos chicotes da negação. Incapaz de levantar a cabeça tem agora uma auto-imagem completamente aniquilada; sua dignidade é um zero à esquerda. Negara o próprio nome: Pedro, ou Cefas, que significa pedra. Pedra coisa nenhuma! Já não era Pedro-pedra, mas Pedro-pó. Seu nome tornara-se mentira. Desistira de si mesmo. Fartara-se de si.

Cansara-se de ser discípulo; cansara-se de aventuras, do Reino de Deus, de sonhar com transformações e revoluções de amor. Desiludira-se de todos, porque antes de tudo se desiludira de si mesmo.

Pedro desistira de si próprio, mas Jesus não desistira de Pedro. E esta é a realidade: Jesus não desiste de ninguém: nem de você, nem de mim. Você pode ter desistido de si mesmo; pode sentir-se até absolutamente em desacordo com as verdades do Reino de Deus; ver-se aquém e abaixo de todos os desvios e níveis de vida propostos pelo Reino de Deus, contudo Jesus não renuncia a você. Diz a Palavra de Deus que a primeira evidência de que Jesus não desiste de Pedro é o recado que lhe manda. O túmulo está lacrado mas vem um anjo do céu.

A escolta romana está presente. Todos pensam que Jesus dorme o sono eterno no jazigo de José de Arimatéia. Eis que um terremoto sacode o lugar. O anjo remove a pedra. Às mulheres e aos circunstantes próximos ao túmulo ele diz:

"Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto. Mas ide, dizei aos seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse".

Voltando as mulheres para casa, encontram os discípulos, e dizem: "O Senhor está vivo! Um anjo deu a notícia. Os soldados romanos ficaram inertes; a terra tremeu! Jesus está vivo! O túmulo está vazio! Há um recado dizendo que devemos ir para a Galiléia. Há uma menção especial a Pedro. O Senhor disse que a presença dele no encontro é de suma importância..." E eles prosseguem: - Pedro, volte não pode faltar. Você tem de estar na Galiléia junto com os outros! Você tem de ir! Jesus espera por você! Ele quer vê-lo. É imprescindível que você esteja lá!

E Pedro finalmente se dispõe a ir. E vai: reduzido, alquebrado, sem moral, desautorizado, com a auto-imagem esfacelada de alguém que negou o Senhor. Vai pronto para receber uma exortação; vai para que Jesus o censure, dedo em riste. Vai para ser acusado, punido, na presença de todos. Vai para ser humilhado e esmagado; vai porque Jesus lhe ordenou que fosse.

De tal forma ele desistira de si que, em chegando à Galiléia nem pôde esperar a aparição de Jesus.

Volta às redes, ao barco, ao mar, à pesca, e acontece tudo como da primeira vez. Pesca a noite toda junto com os amigos. Lança a rede e puxa, na monotonia de lançar e puxar a noite toda sem apanhar um só peixe. De manhã cedo, enfadado, cansado, frustrado pela noite vazia, vai para a praia, e alguém grita de lá: "Amigos, vocês têm aí alguma coisa de comer?" E eles respondem: - "Não!" A voz da praia insiste: "Lancem a rede à direta do barco e achareis". E eles lançam.

Já não podem puxá-la, tão grande é a quantidade de peixes. João olha e pensa alto: Eu me lembro disto. Já aconteceu antes, aqui mesmo. A cena é muito semelhante. É o Senhor!

E Pedro, ouvindo que é o Senhor, se veste, lança-se ao mar. Os outros vão remando, com os barcos abarrotados ao ponto de quase irem a pique. O homem-pó nada até a praia, sai encharcado, cabisbaixo, em direção a Jesus. Chegam também os

demais, e Jesus diz: - Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.

E Pedro, sozinho, numa demonstração de compensação psicológica não deseja a ajuda de ninguém. O homem frustrado, o caído, tenta fazer tudo sem o auxílio de quem quer que seja. Quer puxar a rede, trazer os 153 grandes peixes até a praia. Jesus diz: "Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar".

Há ali um braseiro. Eles assam os peixes e é nessa oportunidade que Jesus dá início à solene conversa com Pedro.

O que acontece é que Jesus não desistiu de Pedro. E ele não desiste de nós.

E é nessa perspectiva de não desistência que ele nos faz hoje as mesmas perguntas que fez a Pedro. Ele faz a pergunta que reedifica, energiza o caído. Mas só há uma maneira de soerguer, levantar um apóstolo; só há uma maneira de reconstruir uma alma fragmentada como a de Pedro; só há uma maneira de restaurar a mente destruída, auto-imagem esmagada, o mundo psicológico esfacelado, a fé desmoronada.

E como é bom que Jesus seja diferente de nós! Jesus se aproxima. Ele acaba de cear. Volta-se para Pedro e diz: "Pedro, tu me amas?" Pois esta é a grande pergunta: "Tu me amas?" Como Jesus é diferente de mim! Provavelmente eu me aproximaria de Pedro, pigarrearia, ajeitaria bem o colarinho clerical, pegaria a minha Bíblia para dar um tom mais solene e diria: "Mas filho, você promete que nunca mais vai fazer isso?" Ou então: "Que foi que aconteceu, homem?" Ou provavelmente: "Eu não disse que isso iria acontecer? Agora você está aí com esse complexo de canto de galo..." Ou com acidez: "Como é que um homem da sua estatura, da sua estirpe, um homem que teve tantos privilégios, cai em circunstâncias de tanta fraqueza, tanta fragilidade?!" Mas Jesus é diferente. Quanta sabedoria há em suas perguntas! Ele trata os homens, por mais esbagaçados que estejam, com a maior dignidade. Não esmaga a cana quebrada. Não apaga a torcida que fumega. Não destrói os últimos lampejos da alma humana. Ao contrário: reconstrói a cana quebrada, acende a chama que ficou no pavio.

"Pedro, tu me amas? Tu me amas, Pedro?" Na resposta de Pedro, e só nessa resposta, poderia haver cura para a sua vida, seu caráter e sua mente. Preste atenção: só o amor responde à

altura do discipulado. Só a resposta de amor responde à altura da santidade. Só a resposta de amor responde à altura das reivindicações de Jesus. Não é nosso moralismo, legalismo ou religiosismo. Tampouco o biblicismo. Mas unicamente a resposta de amor à pergunta de Jesus:

- "Tu me amas?"

Se você não puder responder, do fundo do coração, "Eu te amo", não há meios de responder à altura do convite do discipulado e da obediência. "Se me amardes" - diz Jesus em João, 14.15 -, "guardareis os meus mandamentos".

Paulo diz que uma vida que vive em devoção, que tem o temor do Senhor, que está em comunhão com Jesus é uma vida que responde positivamente ao amor de Cristo. 11 Coríntios, 5:14 nos mostra porque o amor de Cristo nos constrange, nos convulsiona, nos quebranta. É o amor de Cristo que nos conduz à santidade. É a perseverança, o temor do Senhor, o desejo de ser agradável a Deus. Não é nenhuma outra coisa. 0 resto cria fachada, máscara põe capuz, pinta com os cosméticos de pseudopiedade, mas não produz vida.

Só o amor responde à altura da pergunta de Jesus: "Tu me amas?"

Há algum tempo me encontrava em Atenas, onde passaria um dia, devendo viajar no fim deste para a Suíça. Estava absolutamente só, hospedado num grande hotel. A agência de viagens, encarregada de fazer meu traslado desse hotel para o aeroporto, enviou uma jovem para ir ter comigo, antes que eu seguisse viagem. Era uma brasileira residente em Atenas. Quando chegou, com três horas de antecipação, viu-me na portaria do hotel.

Notei, desde os primeiros momentos, que a moça parecia insinuar-se com olhares lascivos, gestos convidativos com os lábios, trejeitos físicos e corporais sensuais. A situação se prolongou por uns dez minutos, e em meu coração temi julgar se o que estava percebendo era de fato o que estava percebendo. Tentei racionalizar, convencer-me: "Vai ver que estou imaginando coisas; talvez, por estar exagerando a perspectiva da solidão, esteja começando a imaginar que essa moça está me dizendo qualquer coisa com seu jeito de ser". Mas cinco minutos

depois não restaram muitas dúvidas de que, no mínimo, ela estava extremamente insinuante.

Eu estava sozinho, do outro lado do mundo, num hotel de quatro estrelas, a chave do quarto à mão, mas a voz do Espírito Santo em meu coração dizia:

"Tu me amas?"

- Sim, eu te amo - respondia.

Só o amor responde à altura da fidelidade e do discipulado, esteja você onde estiver e com quem_ estiver. Pressentindo a possível insinuação, voltei-me para aquela moça e comecei a falar-lhe de Cristo. Logo notei que ela foi se quebrantando, sua mente deu uma volta. Depois de anunciar Jesus deixei-a no aeroporto tratando-me com imenso respeito e consideração.

Só o amor responde à altura da obediência e da fidelidade. Só o amor soergue o caído.

"Tu me amas?" pergunta Jesus "Se me amas, isto é tudo. O resto é conseqüência. O resto é comentário. Quem me ama guarda os meus mandamentos."

A partir daí, Jesus faz acentuar sua graça sobre a fraqueza humana. Há afirmações inequívocas e quase dramáticas e coreográficas da sua graça sobre a vida de Pedro. Senão, observe: Ele produz afirmações verbais que se sobrepõem às afirmações verbais da negação na vida de Pedro.

- Pedro, tu me amas?

- Senhor, eu te amo.

Três a um para a negação.

- Pedro, tu me amas?

- Sim, eu te amo.

Três a dois para a negação.

- Pedro, tu me amas?

- Eu te amo Senhor. Três a três!

- Pedro, segue-me! Pedro, segue-me! Pedro, segue-me! Pedro, segue-me!

Lá estão as afirmações que Jesus pede, exige - todas de amor -, para cobrirem todas as afirmações da negação que possam haver surgido em sua vida.

A seguir vêm as afirmações circunstanciais. Pedro negou Jesus diante de um braseiro. Há dois lugares no Novo Testamento onde aparece a palavra braseiro. A primeira é na casa de Caifás, onde Pedro negou a Jesus, a segunda é aqui, na praia, onde há um braseiro. Jesus cura a mente de Pedro.

Você se lembra daquelas labaredas da negação? Chamas de negação? - "Eu não o conheço, não sei quem ele é. Juro que não o conheço. Deixem-me em paz!

Não o conheço!" Chamas de negação se misturam a chamas de afirmação, com as brasas que acendem e incendeiam o amor: "Pedro, tu me amas?" "Eu te amo, Senhor!"

Sei que muitos têm vivido o esforço legalista de se manter no padrão do Reino de Deus. Alguns já desistiram de si mesmos. Alguns caíram ao nível do cinismo, quem sabe, até da indiferença. Reclamam de si: "Não consigo viver nesse patamar; não consigo responder a essas reivindicações do Reino".

Jesus olha para você. A questão dele é: "Tu me amas? Se me amas poderás responder à altura do padrão do Reino de Deus".

- Tu me amas? - eis a questão!

Vamos avaliar em que nível se desenvolve a nossa vida. Você pode ter desistido de si, mas Deus não desiste de você. Na sua graça ele quer nos afirmar e nos fortalecer. Ouça o que Pedro diz no final de sua vida. Cansado, ele é agora o Pedro que aprendeu a responder à altura do discipulado respondendo ao amor. No fim da sua vida, na sua primeira epístola, ele diz: "Ora, o Deus de toda graça, que em Cristo Jesus vos chamou a sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá." O Deus de Pedro é agora o Deus de toda a graça!

É somente na certeza do amor-que-não-desiste que se vive com a coragem de enfrentar as próprias contradições e derrotas. A história de Pedro deveria no mínimo nos tornar humildes, despojados, quebrantados, e apenas confiantes no amor e no poder de Deus.

A maior expressão do poder de Deus é sua capacidade de perdoar. Per-do-ar!

Caso você esteja alquebrado e interiormente destroçado, entregue-se ao Cristo vivo e ressurreto, capaz de juntar seus pedaços.

E lembre-se: Ele não desiste de o amar!

Oração de Pedro

Três vezes Te neguei.

Três vezes me perguntas: - Tu me amas?

Três vezes fui a Ti e a missão que a mim confiaste.

Três vezes me confias de novo Teu rebanho

- Apascenta minhas ovelhas - dizes.

Três vezes condenado,

Três vezes acusado pelo canto do galo

e minha atormentada consciência.

Contudo três vezes Tua voz interrompe meus gemidos

E teu amor três vezes acentua a Tua graça

e me faz esquecer três vezes haver dito que não Te conhecia.

Não mais três vezes,

Porém milhares de vezes

quero Te dizer que Te amo, Jesus,

que Te amo, Te amo!

Caio Fábio

Capítulo 4

"Lázaro, vem para fora" (João 11)

Estava enfermo Lázaro, da aldeia de Maria e de Marta, sua irmã. Mandaram recado a Jesus a esse respeito. Jesus amava muito Lázaro. Ao ouvir a notícia, disse a seus discípulos: "Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado".

Jesus ficou mais dois dias no lugar onde estava, comentando depois com os discípulos: "Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo". Eles pensavam que o Mestre se referia ao sono comum, peculiar dos homens. Mas o Mestre lhes diz explicitamente: "Lázaro morreu, e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele".

Quando Jesus chega, encontra Lázaro sepultado fazia já quatro dias. Disseram a Marta, irmã deste, que Jesus chegara à aldeia. (O v 20 diz que ela, ao saber disto, saiu ao seu encontro.) Maria, porém, ficou sentada em casa. Ao aproximar-se de Jesus, disse: "Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá".

Declarou-lhe Jesus: "Teu irmão há de ressurgir. "Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia".

Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Crês isto?"

Nada estava errado com Lázaro. Com sua vida, nada absolutamente estava errado. Com as suas coisas; com a sua casa; sua família, as irmãs, os amigos, quiçá até com seus negócios. Não havia problemas imediatos e circunstanciais na vida de Lázaro. Nada estava errado com ele, e ao mesmo tempo tudo estava errado, porque ele estava morto.

Há em torno de nós milhares de homens e mulheres vivendo esse drama. Não são todos os que se incluem nas

promessas de Deus de curar-nos de taras, manias, complexos, vícios; de libertar-nos de cadeias tremendas.

Há os que pela própria situação de sua vida - os tranqüilos desesperados - nem sequer se dão conta da angústia que os acomete, da infelicidade que os atinge, pois são criaturas mortas!

Há na Bíblia um texto contundente, de Paulo, que diz: "Ele [Jesus] vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef. 2:1,2). Há um outro, em Lucas, 9:57, no qual Jesus convida um homem a segui-lo. E este responde:

"Permite-me ir primeiro sepultar meu pai". Mas Jesus contesta: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai, e prega o Reino de Deus".

O que Jesus estava dizendo é que cada um entenda que existem homens que são fisicamente vivos mas espiritualmente mortos. Ou seja, deixa que os homens vivos, mas que estão espiritualmente mortos, cuidem de enterrar aqueles que estão mortos fisicamente e mortos espiritualmente.

Nada estava errado com Lázaro; e tudo estava errado com Lázaro, porque ele estava morto. Talvez o mesmo esteja acontecendo em sua vida.

Talvez você esteja dormindo ao lado de um homem morto; talvez você esteja servindo refeições para filhos mortos; talvez você esteja cuidando de seu jardim, zelando pela ordem e a limpeza de sua casa para uma família morta; talvez você, moça, esteja noiva de um rapaz morto, ou você, moço, de uma moça morta. Porque há criaturas que, conquanto vivas - o corpo sua, os olhos fitam, o coração pede, a mente tem vontades, elas têm manifestações emotivas, de raiva, ira ou mesmo simpatia - têm no entanto o espírito morto. É um princípio de Jesus. É uma lei espiritual. E para que possamos entender e discernir isto temos de, antes de mais nada, compreender os níveis que caracterizam nossa própria existência.

O primeiro nível que me caracteriza como criatura que existe é o nível físico. São esses elementos e esses

instrumentais, de membros e de sentidos, que permitem que uma vida mais profunda que está dentro de mim se expresse através de mim: minha visão, minha audição, minhas sensações, meu olfato, meu corpo. Mas ainda que todas essas coisas me sejam suprimidas, todos os meus sentidos se embotem e se inibam, todavia eu ainda estou vivo, pois tenho um outro nível de existência mais vasto e profundo.

Quem assistiu ao filme "Johnny vai à guerra" percebeu isto. Um rapaz, ao voltar da guerra, veio todo mutilado: sem braços, sem pernas, os olhos arrancados por uma explosão, os ouvidos e a boca destruídos (respirava por um tubo). Não tinha maneira nenhuma de comunicar-se com o mundo externo - algo tenebroso, uma prisão horrorosa, um universo de escuridão, onde sua imaginação se misturava à percepção das vibrações que recebia do ambiente. Todavia, apesar de não contar com nenhum dos sentidos, Johnny estava vivo. E por quê?

Porque tinha um outro nível de vida, o nível da alma! E alma, na Bíblia (palavra hebraica "nephacce" ou "psyche", no grego) dá idéia de sensibilidade, de ricas e variadas sensações. Ter alma é ter vontade. Ter alma é ter apetite, é ter prazer. Ela está associada aos sentimentos e aos princípios vitais.

Você precisa entender que possui essa área em você; porque você e uma criatura que reage emocionalmente, experimenta prazer ou desprazer com as coisas a que está de alguma forma relacionado.

Outro nível de vida é o nível do espírito. Espírito é a parte do homem que anela por Deus; que tem contato com ele; que busca comunhão íntima com ele. É isto, precisamente que nos diferencia dos animais como um todo. A maior defasagem, a maior dicotomia, a maior separação, a maior brecha que possa haver entre o homem e o animal não é a racionalidade. Não é apenas porque um porco não pensa e eu penso que estou acima dele. É precisamente porque tenho dentro de mim um elemento abstrato, mas absolutamente real, que tem fome de comunhão com Deus. Eu tenho um espírito e é esse espírito que faz de mim uma pessoa -pessoa que tem uma relação com a eternidade, relação essa capaz de se voltar sobre si mesma e descobrir-se interiormente. É por isso que me angustio, e você também; é por isso que me deprimo, e você também; é por isso que me chamo por um nome; é por isso que eu sou eu; e você é você! Sou uma

pessoa e não uma coisa. Não sou um instinto; não sou uma direção; não sou mera intuição. Sou mais que isso: sou uma pessoa que se conhece, que se percebe, e percebe o mundo fora de si.

É isso que nos diferencia dos outros animais: temos o espírito, a pessoa profunda, o ego dentro de nós.

Também o espírito nos diferencia dos animais em razão da vontade de orar, buscar a Deus, ter comunhão com ele, basicamente. Vacas não oram.

Quando vou ao Zoológico com meus filhos e vejo camelos ajoelhados nunca penso que estão orando. Sempre penso que estão pastando. Camelo não ora. Mas quando vejo um ser humano, seja atrás de uma vela, seja encostado a um nicho, seja onde for, de joelho,, sempre imagino que está orando - pode ser o mais espiritual de todos os homens, vivendo um cristianismo profundo e tremendo, ou um zulu cultuando o pau ou a pedra, o homem mais primitivo que possa existir neste mundo. A alma do homem quer comunhão com a divindade: é isso que caracteriza o nosso espírito.

Uma outra característica da nossa vida interior, espiritual, é que basicamente nosso espírito nasce crente. Isto é, quando um homem se diz ateu, quando declara não crer em Deus, apostatando dos céus, tornando-se irreverente com a divindade, achando que a idéia de Deus é uma idéia irracional, inviável, impraticável para a vida, deve saber todavia, o seguinte: essa nunca foi, não é, e nem será uma conclusão primária. O ateísmo nunca é, a priori, opção original. O ateísmo sempre ocorre mais tarde, a posteriori. Isto porque lá no íntimo do homem, desde o instante em que ele veio ao mundo já vem inerentemente ligado ao fato de ter em si - como criatura e entidade espiritual - consciência de que há um Deus no Céu. Ele se torna ateu por causa de um padre hipócrita ou um pastor imoral e mercenário; uma decepção com a instituição religiosa na qual foi criado; idéias adquiridas na universidade ou coisas para as quais não encontrou resposta. Entretanto, nunca o ateísmo surge nele em criança, porque a alma humana admite de princípio o fato da existência de um Deus criador do Universo.

Para que você saiba que é possível estar fisicamente vivo e espiritualmente morto, você tem de discernir - e imediatamente -

um fato: a realidade de que esses três níveis, ou seja, o nível físico, o nível da alma e o nível do espírito, para existirem não se faz necessária uma simultaneidade. Isto é: Lázaro estava morto fisicamente, mas estava vivo espiritualmente. Seu corpo morrera, mas a alma e o espírito não. De igual maneira, é possível que você esteja fisicamente vivo, mas espiritualmente morto.

Será que você gostaria de fazer um teste, para verificar se está vivo ou morto nesses diferentes níveis? Para saber se você está vivo espiritualmente não basta ter seu nome no rol de membros da igreja.

Há um teste contundente, há uma bússola, alguma coisa determinante, um aparelho para detectar a nossa vida espiritual diante de Deus.

O primeiro sintoma de estar você vivo ou não diante do Senhor é esta realidade: morto não tem apetite. Os evangelhos ensinam que Marta e Maria faziam quitutes saborosos (Lc. 10). Posso no entanto garantir-lhe que depois de quatro dias de putrefação, depois de envolto na sombria morte, não havia perfume de comida apetitosa que levantasse Lázaro daquela tumba, simplesmente porque nada apetece aos mortos. Espiritualmente, mortos também não têm apetite. É por isso que homens mortos espiritualmente não têm gosto pela Bíblia e sua leitura, não gostam de oração, não têm fome de Deus. Quando eles se voltam para o céu não é por causa de Deus como Deus: é por causa das coisas que lhe possam advir - os benefícios, as curas, as bênçãos, enfim, os resultados. Não é a pessoa de Deus que os atrai, pois eles não têm apetite de Deus. Deus não é para eles o grande prazer da vida.

Eis porque é uma luta trazer certos jovens à igreja (às vezes é porque os cultos são sem graça mesmo, mas muitas vezes é porque eles não têm apetite de Deus). É por isso que tantas esposas tentam em vão trazer o esposo ao templo: mortos não tem apetite para eventos espirituais, reuniões espirituais, mensagens espirituais, realidades espirituais!

E mais: mortos não têm ação. O que caracteriza a morte é a inércia mais profunda. Eles não se movimentam, não reagem, não vibram. E mortos espirituais têm o seu paralelo no nível espiritual. Não têm ação espiritual. Eis por que não gostam de

atividades espirituais. Sua argumentação é que não têm tempo. É o vestibular que está consumindo o tempo todo; ou o trabalho que os está absorvendo completamente; são atividades outras - o curso de pós-graduação, o mestrado, o PHD, o noivado; são os preparativos do casamento; é a crise econômica, a falta de dinheiro. É, enfim, qualquer coisa: o fato é que estão "ocupadíssimos"! Mas têm tempo de ver a corrida de Fórmula 1 de Mônaco ou da Alemanha, assistir à novela, ao jogo de futebol, ir à praia, participar do "week-end" com a família ou os amigos, ir à sauna, viajar, etc. Eles têm tempo porque criam tempo. Conseguem ter ação no nível físico e no nível da alma, mas não no nível do espírito. Dizem não ter tempo. Mas não se trata de falta de tempo, mas falta de ação. É que eles estão mortos!

Mortos também não reagem ao amor.

Primeiramente, não reagem ao amor de Deus. 0 texto diz que Jesus chorou, quando chegou à sepultura de Lázaro. Ele o amava. No entanto este não reagiu ao amor de Jesus. Suas lágrimas não o ressuscitaram. Seu amor não o ergueu.

Simplesmente porque mortos não reagem ao amor de Deus.

É por isso que anunciamos a cruz; afirmamos que alguém veio a este mundo e morreu por amor. Absorveu as nossas dores. Assimilou a baixeza dos homens. Absorveu o desprezo do homossexual, a catástrofe e a alienação da lésbica, a angústia do homem que já experimentou tudo e não conseguiu satisfação - nem ao menos mitigar a fome e a sede existencial. Absorveu os cânceres, as lepras, as AIDS, as dores de todos os homens. Pagou o preço da minha culpa, meu pecado, minha transgressão, meu delito. Fez isso conscientemente.

A história convergiu para ele. Tudo estava nele. Ele pagou o preço de tudo, sentiu as dores de todos. Tentamos mostrar isso às pessoas, mas essa mensagem não produz nelas nenhuma reação. Não as quebranta. Elas não se emocionam, não se movem, não aceitam, não acatam. Não acatam e não reagem a uma mensagem tão tremenda e veemente como esta porque estão mortas, e mortos não reagem ao amor de Deus. As lágrimas de Jesus não as levantam de seu túmulo.

Mortos também não reagem ao amor dos seus semelhantes, amigos e queridos que desejariam partilhar vida e ressurreição com eles.

Marta e Maria choravam; seus amigos choravam, todos pranteavam, mas Lázaro não levantava, não ressuscitava. É por isso que você tem passado noites inteiras derramando lágrimas por seus filhos, ou por seu esposo, e eles não levantaram até hoje É por isso mesmo que eles acham que você é fanática, ou que perdeu o juízo. Eles não conseguem reagir ao amor. Eles crêem que você se fanatizou, que de alguma maneira se alienou e está com a mente perturbada. Não a compreendem, julgam-na emocionalmente fraca porque seu porte é diferente do deles; suas inclinações, outras; seus olhos se enchem de lágrimas. Você quer partilhar com eles a vida de Jesus, mas eles não podem entender isso.

Simplesmente porque mortos não reagem ao amor de seus semelhantes.

De que será que os mortos espirituais precisam? Alguém diria que eles precisam de estímulo. Mas isto é tão simplista quanto pegar um cadáver de quatro dias e aplicar sobre ele uma descarga de 220 volts. A única coisa que vai acontecer é que ele será violentamente sacudido e continuará morto. Mortos não carecem de estímulo.

Há muita gente tentando ressuscitar mortos com o poder do pensamento positivo. Andam pela rua dizendo: 'vou conseguir, vou conseguir!" Conseguem coisa nenhuma! Mortos não precisam de energia.

Mortos não precisam de estímulo.

Mortos também não precisam de "shows". Quatrocentas mil pessoas assistiram ao "show" 'viva o Gordo" em sua temporada em São Paulo.

Eram mortos aplaudindo mortos. E ninguém viveu ali. Mortos não precisam de passeio. Mortos não precisam de conforto. Mortos não precisam de turismo à Terra Santa. Mortos precisam de vida!

A resposta de Jesus aos mortos espirituais é: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crer em mim ainda que morra viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá

eternamente Crês isto?" Mortos precisam de ressurreição. Mortos precisam sair do pó. Mortos precisam de um encontro com Jesus.

Não é uma ressurreição sem fonte, que acontece por acaso. É uma ressurreição que tem um objetivo, uma fonte, uma origem, uma pessoa, alguém de onde ele emana "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crer em mim, ainda que morto viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente".

Você quer ressuscitar? Você, que não tem apetite para Deus, que não tem ação espiritual, para quem a mensagem da cruz não produz nada, e o amor do próximo nada diz. Você, que está morto, quer ressuscitar? Então vá a Jesus. Ele é a ressurreição e a vida!

Fico pensando na atitude de Jesus quando olha para estes mortos espirituais. Primeiramente ele os olha e se comove. Veja o que diz o v 34: "E perguntou: Onde o sepultaste? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê. Jesus chorou."

Jesus se comove quando vê o homem morto espiritualmente. Ele se comove porque não fez o homem para morrer. Jesus se comove diante de um homem que está como eu estava ou como você está: mortos espiritualmente. Se ele houvesse se aproximado do túmulo de Lázaro sem lágrimas, ele seria um Deus indigno. Como é que Deus pode se aproximar de um morto sem chorar? Se não chorasse seria porque ele mesmo teria feito a morte; e se fez a morte ele não seria um Deus bom. Mas um Deus que olha para a morte e a odeia, um Deus que tem repugnância do morrer, que olha para a morte e chora, é um Deus que merece ser amado, pois ele está implicitamente dizendo suas lágrimas clamam: "Eu não fiz o homem para morrer!"

Foi isso que Camus não entendeu no seu livro "A Peste", no qual colocou o seguinte dilema: se você numa certa aldeia, num lugar onde a peste bubônica se alastrasse, resolvesse lutar a favor dos médicos que estavam combatendo a doença você estaria lutando contra Deus; e se não lutasse a favor dos médicos para extirpar a peste você estaria lutando contra o homem. O fato é que Camus simplesmente não entendeu que a peste não foi Deus quem fez. Você pode matar os ratos contaminados sem ofender a Deus. Deus não fez ratos com

peste bubônica. Foi o nosso pecado que provocou isso tudo. A Bíblia diz que pelo pecado de Adão toda essa tragédia envolveu o homem, atingiu a planta, o mundo, o Cosmo, o mundo microscópico, transmitindo-lhe morte, desgraça, enfermidade, dor, angústia.

E quando Jesus vê o homem morto - o homem que não tem apetite para seu Criador, que não tem ação espiritual, que não reage diante da cruz - ele só tem é de chorar. Ele vê como está desfigurado, pobre, mesquinho, medíocre; como consegue viver morto!

Diz ainda o texto que Jesus chora por causa do morto porque ele ama o morto. Lázaro morrera, mas Jesus o amava. Ele não tinha reação, mas Jesus continuava amando-o.

Você está alienado, morto para Deus, mas Deus o ama.

Jesus ainda se comove diante do homem morto e reage diante dele porque se sente tremendamente desafiado afazer alguma coisa por ele. O vs. 36, 37 e 38 dizem: "Vede quanto o amava! Mas alguns objetaram: não podia ele que abriu os olhos ao cego, fazer com que este não morresse?" E diz mais: que "Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta". Era um desafio.

Será que ele não pode fazer alguma coisa pelo homem morto? Se Jesus o ama, que faça algo por ele. E Jesus se sentiu desafiado. Ele se agitou e disse:

"Aceito este desafio. Saiam da minha frente que vou andar na direção do homem morto. Meu caminho agora é em sua direção".

Jesus também aceitou este desafio em relação a você. Ele está caminhando na sua direção. Ele quer dar-lhe vida. Quer levantá-lo. Quer ressuscitá-lo. Oh! como Ele se sente terrivelmente desafiado!

Mas que precisa fazer o homem morto para ressuscitar? para ser salvo? para ter vida eterna? para sair de seu estado de morbidez e letargia? Antes de mais nada Deus diz que o túmulo do homem morto precisa ser desobstruído. "Tirai a pedra", disse Jesus.

Quando o corpo de um homem está morto, nós o sepultamos em túmulo de pedra.

Mas onde é sepultado o espírito que estava nele? O Espírito se sepulta no corpo que o possui. Há tantos sepulcros andantes em nossas ruas!

Tantos espíritos sepultados em corpos a vida inteira! Tantos espíritos que nunca tiveram um lampejo de vida e de luz! Sepultados em seus corpos. E qual é a porta de um corpo? Qual a entrada para o psiquismo de um homem?

Qual a entrada para sua interioridade? É o próprio coração. Tire dele a pedra - a pedra do preconceito religioso. Você diz: "Eu não nasci nesta religião: tenho de morrer na minha!" Mas eu o estou convidando é a vir a Jesus que dá vida! Se religião comunicasse vida, o mundo não estaria como está, e você não estaria vivendo do jeito que vive. São os religiosos os que mais pulam de janelas e se suicidam. É preciso tirar a pedra do preconceito e de certos pecados que estão tapando, bloqueando o coração.

A pedra da indiferença, da incredulidade, da carnalidade, da vaidade, do vício, do adultério, da ambição. Tire a pedra!

E mais: Jesus anda na direção do homem morto e diz que esse processo de ressurreição implica crise - crise profunda e aguda. Ele diz: "Tirem a pedra!" Marta contesta: "Vai ser um mau cheiro horrível! Ele já está morto há quatro dias, o cérebro já não existe, já se liquefez. Os pulmões também; o fígado e o baço igualmente; o sangue é só salmoura! A carne está podre! Ele é mais água do que matéria sólida.

Está em plena decomposição!" Contudo Jesus diz: "Eu assumo a crise desse mau cheiro. Tirem a pedra. Que cheire mal! Que essa realidade venha à tona! E o homem morto se manifeste. Se cheira mal, que cheire mal!"

Se você quer ressuscitar, vai ter de entrar em crise; seu mundo inteiro vai ter de se destampar. Há pecados antigos guardados. Jesus disse que quem está morto espiritualmente, está morto em delitos e pecados.

São pecados antigos que você varreu para de baixo do tapete.

Papai não sabe, mamãe não descobriu, o marido não sabe, a mulher não viu, ninguém percebeu. Mas Deus viu. O tempo não apaga pecados. Religião não perdoa pecados. Reza não absolve ninguém. Só o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado.

Vai cheirar mal... São amarguras guardadas; são ódios antigos; são ressentimentos incubados. Vai cheirar mal, não resta dúvida, mas Jesus quer a realidade. Ele não se importa com mau cheiro; ele quer a verdade. Quer o que você é!

Se você quer ser salvo, Jesus diz que você precisa estar disposto a ouvir a sua voz. A pedra foi tirada; o mau cheiro se exala. A multidão frenética está querendo ver o que Jesus fará. Aproximando-se do lugar, ele diz: "Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste."

E tendo dito isto, clama em alta voz: "Lázaro, vem para fora!" E hoje a voz de Jesus nos convoca a sair da morte. Hoje a sua palavra imperativa nos convida a sair de entre os mortos. Porventura a voz e a palavra de Jesus já chegaram até seus ouvidos e seu coração? Porventura sua voz já ressoou na região do seu silencio interior, onde seu espírito está morto há tanto tempo? "Desperta tu que dormes! Levanta-te de entre os mortos!"

"Pedro, vem para a vida!" "Cristina, vem para fora!" "Paulo, vem para a ação!" "Susana, vem à vida eterna!" "Lázaro, vem para fora!" - diz Jesus a diferentes mortos, chamando todos os nomes do mundo.

Tenho um amigo que numa certa ocasião vinha dirigindo seu carro, o sono lhe foi chegando, começou a lutar contra as pálpebras. As pestanas estavam fechando, o sono o dominava, a noite era escura e a estrada não era iluminada. Ele não agüentou mais, parou o carro à margem da estrada, tirou seu saco de dormir, introduziu-se nele, puxou o zíper e dormiu profundamente, apenas com parte do rosto para fora. Quando foi às cinco horas da manhã, a luz começou a banhá-lo, os primeiros transeuntes surgiram; as vozes e a luz denunciavam a chegada do dia; ele acordou. Ao olhar para os lados descobriu que estava entre duas sepulturas: era um cemitério.

"Desperta tu que dormes! Levanta-te de entre os mortos! Cristo te iluminará."

Quando a luz de Jesus começar a entrar nessa caverna escura que é a sua alma; quando a voz dele o despertar, ponha-se de pé: venha para fora. `Lázaro, vem para fora! Quero um confronto contigo! É a vida que te chama! Sou eu que te amo; eu, teu amigo. Vem ao meu encontro!'

Há ainda uma coisa que você precisa saber. Jesus diz que quem ressuscitou, quem porventura quer receber a vida eterna, salvação pela fé nele, precisa desatar-se das amarras da morte, para manifestar a plenitude da vida de Deus na sua existência. Lázaro ressuscitou, mas ainda havia amarras que o prendiam. Jesus então lhes ordenou: "Agora desatai-o. Deixa-o ir! Não é justo que um homem ressuscitado viva amarrado e oprimido".

Há muitos, já salvos, já ressuscitados, que estão no entanto oprimidos, com amarras do inferno e da morte; apesar de salvos não têm a certeza da salvação. Muitos, não obstante salvos, vivem experimentando depressões malignas, opressões demoníacas. Muitos vivem apavorados, com terror de despachos e outras coisas. Muitos estão amarrados a pecados, vícios, hábitos; à sensualidade. Jesus hoje quer desamarrá-los.

Desatai-o! O ressuscitado necessita de viver livre: "Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Não vos ponhais, pois em jugo de escravidão outra vez!"

Ele convoca você à salvação, à liberdade. Vá a ele hoje mesmo! Ele o convida a andar com ele, como Lázaro fez. Venha para fora!

Capítulo 5

MEDO DE DESCRER

"Depois destes acontecimentos veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande. Respondeu Abrão: Senhor Deus, que me haverá de dar, se continuo sem filhos, e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliezer? Disse

mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro. A isto respondeu logo o Senhor, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti, será o teu herdeiro.

"Então conduziu-se até fora, e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça. Disse-lhe mais: Eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra.

Perguntou-lhe Abrão: Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la? Respondeu-lhe: Toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho. Ele, tomando todos estes animais, partiu-os pelo meio, e lhes pôs em ordem as metades, umas defronte das outras; e não partiu as aves.

"Aves de rapina desciam sobre os cadáveres, porém Abrão as enxotava. Ao pôr do sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram; então lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente que tem de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas. E tu irás para teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. Na quarta geração tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniqüidade dos amorreus. E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços.

“Naquele mesmo dia fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: A tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates: o queneu, o quenezeu, o cadmoneu, o heteu, o ferezeu, os refains, o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu " (Gênesis, 15:1-21).

Desejo pensar com você, basicamente, sobre o medo de descrer, duvidar, desconfiar de Deus. O texto acima parece nos ensinar que Abraão estava realmente com medo de descrer. O v 1 nos diz que ele teve uma visão, e que nela, quando Deus a ele se manifestou, a primeira coisa que disse foi: "Abraão, não temas." Ora, Deus não é um ser capaz de expressar palavras vazias, ocas e inadequadas ao contexto de nossa vida. Quando

ele nos dirige uma palavra é sempre para tratar de um problema, uma necessidade nossa. Ao entrar Jesus na sala onde estavam abrigados os discípulos, com medo dos judeus, ele lhes disse: "Paz seja convosco" - isto porque certamente o contexto era de muita aflição. Também quando em meio ao fragor apavorante do mar da Galiléia veio ao encontro deles, andando por sobre as águas, ele os aquietou dizendo: "Não temais". E na ocasião em que Jairo se encheu de temor com a trágica notícia de que sua filha estava morta, Jesus assim lhe falou: 'Não temas, crê somente'. Foi sempre assim; e assim será sempre: Deus se manifesta a nós dizendo coisas pertinentes. Ele não desperdiça palavras, não diz nada desnecessário.

Ora, se o Senhor se manifestou a Abraão, dizendo-lhe 'Não temas!' é porque o patriarca estava possuído de um sentimento de temor. Algo indesejado se apoderara de seu coração e de sua mente. E eu fico me perguntando que tipo de medo seria aquele. Certamente não era medo da guerra, pois ele acabara de vencer os reis do Norte e trouxera de lá os que eles haviam levado cativos, quais sejam, Ló, seu sobrinho, juntamente com todos os seus familiares. Voltou com êxito retumbante a sua terra, tendo sido guardado por Melquisedeque, rei de Salém, que estava ali para recebê-lo com uma comitiva dos reis do Sul, gratos a ele pela vitória que lhes trouxera.

Então, que tipo de medo poderia estar acontecendo na mente, no coração de Abraão? Antes de mais nada havia medo de descrer diante de Deus, por causa da insegurança material na qual ele estava vivendo. Em Gênesis, 12:1 e 7, quando ele morava em Harã, a uma boa distância do lugar onde agora se achava, o Senhor lhe falara: "Abraão, sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei." "Darei a tua descendência esta terra" prometeu-lhe. Deus lhe fizera a promessa também de que ele iria herdar uma propriedade, uma terra, uma nação, um espaço. Só que ele já vinha peregrinando havia algum tempo; habitando em tendas como nômade, como errante, sem saber para onde estava indo. E agora seu coração começa a experimentar uma série de problemas e tensões com relação a esse nomadismo, essa insegurança material. Se lermos com calma do capítulo 12 até o 15 veremos que até aí os problemas haviam girado em torno da terra, da propriedade. Seus dilemas, portanto, relacionavam-se à segurança ou insegurança material.

Imagine Deus lhe afirmando que lhe resolverá o problema da habitação, da casa própria, do emprego, da segurança econômica razoável, sem abastança, sem burguesia, sem exagero nos ganhos, mas com o necessário, o suficiente para viver! No entanto a efetivação dessa promessa vem se adiando indefinidamente: um ano, cinco, dez, quase vinte, ou até mesmo trinta, sem que você, de posse dessa palavra, tenha recebido aquilo que lhe foi prometido como garantia de Deus. Qual a sua situação?

Na alma de Abraão começou a apontar e a crescer esse medo de descrer; medo de não continuar acreditando em Deus, na sua palavra, na sua promessa. E Deus então vem e diz: "Abraão, não temas!"

Outro medo que certamente atormentava a alma de Abraão era o medo de descrer da promessa de um filho. Deus não apenas lhe prometera a terra, mas também uma descendência. Os anos rapidamente passavam, o corpo envelhecia e o filho não aparecia. Estava amortecido, perdendo a ação masculina para gerar filhos. O mesmo acontecia com sua mulher. A promessa, porém, permanecia no ar, sem a concretização.

Quando diante do seguinte dilema, nos sobrevém o medo da descrença, por um lado nos apoiamos na promessa de Deus, que garante estruturar-nos a família, os filhos, a vida íntima, o lar, ao nos firmarmos em sua garantia de zelo por nossa descendência; por outro lado, os fatos como que contradizem a esperança - não se encaixam, não se ajustam, não se concretizam, não chegam a tempo. É quando uma montanha de gelo vai se formando em nosso espírito, ao ponto de nos paralisar.

Tenho encontrado não poucas pessoas começando a temer descrer da promessa de Deus em razão de as promessas estarem se adiando indefinida e torturantemente em sua vida.

A palavra de Deus, dita para remover o medo da alma de Abraão, foi esta: "A tua confiança deve estar em mim, e a tua esperança na minha promessa. Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo, e o teu galardão será sobremodo grande." É isto, justamente, o que significa esta palavra: que Deus é nossa proteção, nosso escudo, a garantia de que não estamos em perigo, de que as palavras e as promessas que dirigiu a nós se

cumprirão. Ele é nosso abrigo, nosso escudo, e nosso galardão será sobremodo grande. Nossa fé está nele, porque ele é nossa esperança.

"Espera com paciência, pois essa paciência te galardoará", procurava o Senhor dizer a Abraão. "Terá recompensa esta tua esperança considerada longínqua, perdida e desnecessária. Enquanto esperas pacientemente, acumulas. Cada dia de espera, cada dia em que as tuas esperanças parecem se adiar e os planos serem protelados, a minha palavra te defende em relação a tua vida. Tem a certeza de tudo isso é porque as minhas promessas estão na minha poupança!

E o teu galardão será sobremodo grande. Suprirei o que pensas ser hoje falta, atraso divino, com um galardão muito maior do que podes imaginar.

Abraão, depois que o Senhor lhe disse isto, por trás da dúvida revelou fé.

Os vs. 2 e 3 nos deixam ver que por trás das palavras de Abraão aparece mais fé do que receio.

Veja só: quando o Senhor acabou de dizer isto, Abraão retrucou: "Mas Senhor, que podes tu dar-me? Já estou velho e não tenho filho; estou ficando aflito com esta situação, e é o damasceno Eliezer, que mora na minha casa, quem vai herdar o meu tesouro - se é que vou ter algum. E se eu tiver alguma terra, vai ficar para ele também. Afinal de contas, é um servo nascido em minha casa que se vai apropriar do que é meu!"

O importante nisso tudo é observar que é a fé de Abraão - conquanto ainda não estivesse plenamente formada - que refulge na sua pergunta e na sua resposta, bem como na incredulidade. Sabe por quê? Um homem com estrutura intelectual e moral menor que a de Abraão teria se acostumado com as palavras de alento do v 1, sem a especificação de como é que Deus iria cumprir a promessa que lhe estava fazendo. "Abraão, eu sou o teu escudo, teu galardão será sobremodo grande." São palavras maravilhosas, mas eminentemente genéricas. Abraão quis especificações: "O que vais me dar? Filhos eu não tenho. Quem vai herdar o que possa ter é Eliezer. Então, que vais me dar?"

Vejo aqui uma estrutura, uma garra, uma força interior, uma disposição de se apoderar das primeiras promessas de Deus. Abraão fixara-se no que Deus lhe dissera no princípio, lá em Harã: "Dar-te-ei filhos, descendência e terra." Deus não teria outras palavras. Deus não faria emendas ao que dissera. Ele não iria tentar driblar o que afirmara; não iria de alguma forma criar uma nova situação, alterando a promessa já feita. E Abraão disse: "Senhor, meu desejo é ter um filho, o meu sonho é ter terra. Não me asseguraste isso lá em Harã? E além de filho e terra, que me prometeste? Não desejo nada senão isso. Não faço trocas. Saí de minha terra crendo no que me disseste, e é no que me disseste no princípio que estou continuando a crer. É a tua palavra original que espero.

E se não cumprires a palavra que me disseste - não há nenhum remendo possível que possa ludibriar ou convencer meu coração. Quero o filho que disseste que me darias, e o cumprimento da promessa do que disseste que me caberia em minha vida".

Na realidade, quando nos acomodamos ao não-cumprimento das promessas de Deus em nossa vida é que somos incrédulos. Quando não nos apoderamos das coisas escritas, prometidas, e que com absoluta certeza a nós se destinam, aí sim é que somos incrédulos.

A pergunta de Abraão não revela incredulidade. A resposta de Abraão não era cética. Na realidade, o que ele estava dizendo era: "Tu prometeste, portanto quero o que prometeste". E a lição que nos fica é esta: às vezes nos acomodamos, esquecemos coisas que estão escritas para a nossa vida nas Escrituras, como diz II Coríntios, 1:18-20: Todas as coisas que outrora foram escritas estão escritas para nós, porque nelas nós temos o "amém" o "sim" de Deus, a sua afirmação de que a nós se destinam. E quando nossa vida está diametralmente oposta às promessas, quando não se adapta a elas, quando vivemos um cristianismo diminuído, mirrado, sedento de migalhas, sem poder, sem vitória, sem virtude, sem conquistas, sem sucesso espiritual; quando estamos quase como indigentes cristãos e nos acomodamos a nossa situação, sem perguntas, sem porquês, sem inquirir o que está acontecendo, aí sim, é que nossa incredulidade se manifesta. Mas quem faz perguntas dizendo: " Ó Deus, está escrito, e eu quero que essa seja uma verdade em

minha vida", não está sendo incrédulo, está apenas manifestando por trás daquilo que aparentemente possa ser uma dúvida, uma fé forte, uma estrutura espiritual gigantesca, de alguém que quer tudo quanto Deus lhe prometeu por herança.

Deus confirmou a fé de Abraão, fé aparentemente titubeante, mas forte, se bem que latente. Observa-se isto nos vs. 4 a 6. Deus lhe confirmou a fé, dando-lhe certeza da sua posteridade. Veja como é bonito o v 4. Diz ele: "A isto respondeu logo o Senhor. Deus está com preza de responder a Abraão. Este logo expressa preza, sofreguidão. Ele diz consigo: "Eu não posso deixar que ele fique com esse tipo de pergunta no coração!" E os vs. 4 a 6 nos dizem que Deus lhe deu certeza da sua posteridade: "Não, não será um escravo, mas um filho que nascerá do teu sangue Abraão!"

Imagine agora esta cena: Abraão no interior de uma tenda, lá no extremo sul da Palestina, numa região de carvalhais e montanhas, e também cercada por desertos. Uma noite estrelada, escura, negra como breu, cintilante de estrelas luminosas. Ele estava ali, orando, quando foi alvo de uma manifestação subjetiva, uma visão: Deus começa a falar com ele, e sua voz lhe ressoa na alma: "Vem cá! Sai comigo!" Ele abre a tenda e Deus lhe diz: "Olha para cima!" Ele olha para o alto. E Deus lhe pede que faça algo que só pela eternidade ele lograria cumprir: "Conta as estrelas, se é que podes!" Abraão olha e diz: "Senhor, impossível!" Então o Senhor lhe afirma: "Assim será a tua posteridade." O v 6 diz que Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.

Fico me perguntando: até que ponto o céu estrelado foi um sinal? Não houve um milagre nem nada, apenas a voz de Deus numa analogia - o céu estrelado.

Deus não disse: "Abraão, se vires uma estrela cadente, isto será sinal de que tua descendência será como as estrelas." A voz dele Abraão já conhecia.

O problema, então, não era saber se Deus existia, se falava ou não falava.

Nenhum sinal lhe foi manifesto. Deus apenas lhe disse: "Eu te darei um filho". Já dissera antes: "Sairá das tuas entranhas." Já afirmara anteriormente: "Se queres prova disso, olha para cima

e conta as estrelas!" Abraão argumentou: "Não posso". Ele creu em Deus! E isso lhe foi imputado para justiça.

Fiquei me perguntando até que ponto esse céu estrelado foi um sinal de Deus.

E que sinal é esse que está sobre a cabeça de cada um de nós.

Na maior naturalidade, e sem nenhuma manifestação extraordinária, para mim aquele céu estrelado diante de Abraão foi como uma palavra visível de Deus. Porque o Senhor disse: "A tua descendência não se poderá contar". E então acrescentou: "Olha para cima!" E o que Deus dissera ganhou expressão visual, ficou impresso no coração de Abraão. Foi uma espécie de ponto focal da promessa - algo parecido com os efeitos das ordenanças na nossa vida. O pão na ceia é promessa focal do que o Senhor me falou, de sua bênção, de sua morte. Quando pego o cálice, é vinho. Mas como uma espécie de céu estrelado, que dá intensidade, nitidez à Palavra de Deus para a nossa vida, assim é a ordenação. Também a água do batismo é água, mas ela traz de alguma forma impressões fortes para o nosso coração, a nossa fé. O céu estrelado, o céu-céu, o céu de todas as noites sobre a cabeça de Abraão foi o céu do milagre, o céu das ordenanças, o céu símbolo, que Deus - que despertou fé no coração, associada àquele elemento visual - fez explodir no coração de Abraão, dando-lhe a certeza de que ele cumpriria sua palavra e sua promessa.

Prosseguindo, Deus consolidou a fé de Abraão (vs. 7 a 17).

Depois que Abraão resolveu o problema do filho, crendo que o teria, Deus resolveu esclarecer o problema da terra, dizendo- lhe: "Além de muitos filhos eu te darei a terra". Diz- nos a Palavra de Deus, no v 8, que Abraão perguntou: "Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?" Então Deus lhe falou: "Faça o seguinte: Pegue uma novilha, uma cabra, um cordeiro, uma rola e um pombinho, parta-os ao meio, coloque-os de um lado e de outro e fique vigiando". No dia seguinte, logo cedo Abraão fez como Deus lhe mandara: partiu a novilha pelo meio, pôs uma banda para um lado, uma banda para o outro, fez a mesma coisa com o cordeiro, depois com a cabra e colocou tudo lá. E ficou esperando por algo que dizia respeito à terra. E certamente ficou pensando: "Que têm a ver estes animais partidos pelo meio com

a promessa de uma terra?" Mas persistiu aguardando. Já caindo a tarde, os urubus começaram a dar vôos rasantes. O patriarca pegou então o seu cajado e se pôs a expulsar os corvos.

Abraão foi ficando então profundamente sonolento, enquanto as aves de rapina gulosamente investiam sobre sua oferta ao Senhor. Depois profundo terror e cerradas trevas o acometeram. Então veio a ele a Palavra do Senhor e disse: "A tua descendência vai sofrer, vai ser peregrina, escravizada, mas eu vou libertar o teu povo. Tu vais morrer, e vais em paz encontrar com teus pais na eternidade". E o v 17 diz que quando o sol já estava posto, as trevas densas aumentaram, apareceu algo fantástico, que podemos chamar de uma teofania, uma manifestação de Deus. Diz o texto que passou uma tocha acesa e um fogareiro fumegante entre aqueles pedaços, de um lado e de outro. Que significa isso?

Em Jeremias, 34:18,19 o Senhor diz algo a respeito, falando a Ismael: o povo tinha partido animais em sacrifício. Deus disse que faria com eles a mesma coisa que haviam feito com os animais. E por quê? Porque aquele era um tipo de sacrifício que tinha o seguinte sentido: duas pessoas estavam fazendo um acordo, uma aliança, uma sociedade e queriam executar isso diante de Deus.

Então, que deveriam fazer? Partiam os animais pela metade e dispunham as partes uma diante da outra, e ambas as pessoas, que estavam fazendo um pacto, uma jura, um compromisso, passavam deles, dizendo uma à outra: "Serei fiel aqui nesta aliança, e se a romper, aconteça a mim o mesmo que aconteceu a estes animais que foram partidos pelo meio". Observem que quem passou pelo meio dos animais foi Deus, foi a tocha acesa, o fogareiro fumegante. Foi o Senhor, dizendo: "Abraão, eu fiz uma aliança, um acordo contigo, e se eu não cumprir a minha palavra, que eu como Deus seja despedaçado. Que eu como Deus que deixe de ser Deus. Eu sou fiel, Abraão! Vou cumprir a minha palavra dada a ti".

As lições que esse exemplo de Abraão dá são as seguintes: Primeiro, Deus está profundamente interessado em consolar-nos: do nosso medo, nossas dúvidas, crises, nossos por quês, e perguntas. "Não temas, eu sou teu escudo, eu sou o teu galardão", afirma-nos ele. Ele deseja agora remover, destruir, arrancar da nossa mente muitas dessas perguntas que possam

estar nos ameaçando: medo de descrer, medo das promessas que se adiam, das suas palavras que aparentemente não se cumprem, gerando o medo, o pior inimigo da fé.

A Palavra de Deus ainda nos ensina que nem todas as questões que nos vêm ao coração são sintomas de incredulidade. Elas podem ser necessárias, para que tenhamos uma fé mais esclarecida, como aconteceu a Abraão. As perguntas só o levaram àquele clímax quando ele creu em Deus de maneira tão firme que isso lhe foi imputado para justiça.

Depois fica a lição de que as ordenações-ceia, batismo - são fundamentais para nos darem uma palavra visível, que nos encha o coração de fé. O céu estrelado foi para Abraão algo que deu força à palavra de Deus. O pão, o vinho, o batismo devem ser sinais que tragam a força da Palavra de Deus e de suas promessas ao coração. Também quando se unge uma pessoa com óleo há um céu estrelado para ser visto, há um simbolismo que quer impregnar-se em nosso coração, para que nos apropriemos da realidade que está sendo simbolizada; e assim por diante.

A palavra de Deus também nos ensina que a voz de Deus pode ser ouvida em meio às tensões, ao cansaço, ao medo e a escuridão psicológica. Os vs. 11 e 12 nos dizem que Abraão estava tenso, nervoso, enxotando os bichos, cansado, apavorado com uma escuridão tremenda se lhe apoderando da alma. Mas veja como se inicia o v 13: "Então lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos". Que coisa maravilhosa! Em meio àquela situação deprimente, angustiante, veio a ele a palavra de Deus.

Talvez você esteja hoje assim: cansado, tenso, nervoso, apavorado, numa vida espiritual lúgubre, escura, mas a palavra do Senhor pode chegar agora até você - apesar de tudo, não obstante toda a escuridão ambiental que o cerca.

Por último, a Palavra de Deus nos ensina que a presença do Senhor aclamará a noite escura e nos garantirá que a sua promessa está comprometida com ele mesmo. Quando passou pelo meio dos pedaços, reafirmou: "Eu fiz aliança contigo: se não cumpri-la que me despedace!" O mesmo Deus nos diz que aquelas promessas, aquelas palavras que nos tem dito, que

parecem estar sendo adiadas, que dão a impressão de estar demorando, se são suas, legítimas, e se você está vivendo de acordo com o que as Escrituras pedem de você, ele passará pelo meio do sacrifício, e as cumprirá.

Paulo diz que Deus jurou por si mesmo, quando não encontrou ninguém superior por quem jurar. A Palavra de Deus, creio, cumprir-se-á na sua vida, em nome de Jesus! Amém!

Capítulo 6

VIDA SOB A GRAÇA

"Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz, ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém, não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos, levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo.

"Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que em nós opera a morte; mas em vós, a vida. Tendo, porém, o mesmo espirro da fé, como está escrito: eu cri, por isso é que falei, também nós cremos, por isso também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco.

"Porque todas as cousas existem por amor de vós, para que a grafa, multiplicando-se, torne abundante as ações de grafa por meio de muitos, para glória de Deus. Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as

que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (II Co. 4:6-18).

Quem assistiu ao filme "Amadeus" deve ter percebido o conflito da mente do compositor Salieri a respeito de sua capacidade de conciliar a mistura do humano com o divino, aquela confusão, aquela mescla do divino com o carnal, do santo com o promíscuo, visto que Amadeus não era alguém que pudesse ser recomendado pela moralidade convencional da sociedade dos seus dias. E Salieri, que vive uma vida limpa, irrepreensível, moralmente pura, vê-se diante de um conflito imenso, visto que se ofertara ao Criador do Universo, na expectativa de que Deus, por assim dizer, o "marionetasse", fizesse dele um instrumento absolutamente divino de expressão musical.

O Mozart promíscuo tinha, apesar de sua promiscuidade, uma divindade inserida musicalmente nos seus nervos, na sua carne. O que Salieri não alcançava entender é que a graça que Mozart possuía era graça comum, graça que Deus distribui de forma absolutamente gratuita ao homem, indiscriminadamente, numa socialização democrática de sua bondade. Mas já a graça especial, graça salvadora, é alguma coisa que Deus fez canalizar para a vida humana mediante a fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. No entanto, ainda assim o conflito de Salieri permanece em nosso meio. Mas o que nos custa a crer é que gente da nossa espécie, do nosso quilate - pouco quilate - pessoas cheias de defeitos e não buriladas, cuja vida dificilmente se deixa instrumentalizar por Deus, poluídas, manchadas, cheias de sujidades, possam ter em si mesmas a grandeza, a qualidade e o poder da divindade absoluta que só se deixa enxergar e achar em Jesus de Nazaré.

À medida que faço contato, converso, estabeleço relações com o povo de Deus, vou descobrindo que nos vemos quando muito como pessoas salvas por essa graça de Deus. No entanto desenvolvemos uma mentalidade negativa com relação a nós mesmos e àquilo que poderíamos ser, em função dos nossos legalismos e do poder arbitrário de nossas leis, que cobram de nós aquilo que é humana e absolutamente impossível. Pela mesma razão Jesus veio ao mundo para ser justo e justificados de cada um de nós. Mas em função dessa superexpectativa de um condutismo, de um behaviorismo moralista intangível e

intocável, alguns de nós vamos nos sentindo abatidos, esmagados, incapacitados de nos ver a nós mesmos cofres de tesouros divinos.

Essa afirmação do v. 7 do texto acima é extremamente chocante, porque sumaria, sintetiza e resolve o conflito de Salieri, só que no nível da graça especial de Deus para com seu povo: "...temos, porém esse tesouro em vasos de barro." O vaso é de barro; é quebrável, destrutível, rachável, frágil, corruptível.

Mas aprouve a Deus que esse vaso de barro que sou guardasse um tesouro - ironia da graça divina. Pegar alguém como eu e como você e torná-lo receptáculo de um tesouro espiritual é algo maravilhoso!

O que este texto afirma de maneira contundente, magistral e fascinante, e ao mesmo tempo desafiante, é que a vida do cristão é habitada, no corpo por extraordinárias riquezas espirituais. Talvez você olhe para dentro de si, e vasculhe, esmiúce, e não consiga perceber onde está esse veio de riqueza em sua alma. Mas o que Paulo afirma é que há pepitas, grutas não trabalhadas, de uma riqueza imensurável habitando este vaso . Desde o momento, o confronto, a resolução, a entrega a Cristo; desde que fomos feitos santuário do Espírito Santo; desde que selados, pela graça de Deus como povo de Deus em Cristo Jesus, passamos a ser vasos de barro habitados por extraordinárias riquezas espirituais.

E que riquezas são essas? O v. 7 tanto evoca o texto antecedente como nos introduz no imediato, fazendo-nos pensar que esse tesouro deve ser encontrado na afirmação anterior, como também descoberto nas afirmações posteriores.

Que tesouros espirituais são esses? Se lermos o v 6 vamos descobrir que a primeira afirmação da Palavra de Deus é que temos dentro de nós a glória de Cristo; temos o monte Hermom. Ou seja, temos um cenário de transfiguração; temos a recriação do mundo: das trevas resplandece luz. Temos um caminho de Damasco, como quando Paulo foi "infectado" pela glória de Jesus: ele expressa a sua conversão no v 6 dizendo que o que aconteceu com ele foi como o fazer da vida no princípio. Ele ia cambaleando na escuridão, no caos, mas das trevas resplandeceu luz, e ele descobriu o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Mas onde isto acontece? Ele responde à

pergunta no v 6: no nosso coração. É a expressão da transfiguração, da criação, do encontro de Paulo com Cristo na estrada de Damasco objetivo, histórico, concreto, exterior - agora no nosso íntimo. O que louvamos como grande privilégio do apóstolo ele expressa objetivamente. Mas subjetivamente Deus está, e quer, e pode, e vai realizar a mesma coisa no nosso coração. Não só no meu, no seu também - essa glória íntima de Cristo, esse shekiná de Deus vai habitar o seu coração.

Ele também nos traz à mente, a idéia da invasão divina na inauguração do templo em Jerusalém, quando tamanha foi a glória de Deus que nem os sacerdotes podiam entrar para ministrar. Só que a linguagem do Novo Testamento, que expressa essa perspectiva do templo e da glória, faz esta glória manifestar-se no nosso íntimo - lugar único onde Deus tem templos, nos corações humanos rendidos e entregues a Jesus Cristo.

Esta é a primeira riqueza: a vida não precisa ser lúgubre; nosso interior não precisa ser escuro; nossa vida não precisa ser pálida; nosso íntimo não precisa ser fraco; o homem interior não tem de ser molambo; não há por que viver em mendicância; não somos filhos da desgraça, posto que no íntimo de nós há a afirmação de uma glória radiante, reluzente. Isso pode parecer mera figuração teológica, mas se essa palavra é Palavra de Deus - como cremos que é - há de haver aqui mais do que mera exposição teológica; há de haver aqui informações contundentes, inquestionáveis, praticáveis, na existência de cada um.

Portanto, a primeira riqueza extraordinária que pode e está se manifestando - quem sabe de maneira ofuscada, apagada dentro de nós, mas que pode ser reacendida - é essa glória de Cristo no nosso íntimo. Essa teologia de glória no nosso íntimo é algo muito forte, e isso Paulo afirma várias vezes nos caps. 3 e 4. No cap. 3:18 ele diz: "E todos nós, de rosto desvendado, contemplando como por espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória na sua própria imagem, como pelo Senhor". Esse é o ciclo da glória, o ciclo de retroalimentação, o Espírito trabalhando diária e diuturnamente, incessante e incansavelmente na existência de cada um. Ele afirma novamente essa idéia de glória no v 15 do cap 4, como também no v 17 do mesmo capítulo. Ele está com a mente impregnada

da possibilidade de que o interior humano seja uma caverna fúnebre, escura, tumular, mas que o interior do cristão seja um contraste pleno do resplandecer da glória de Deus.

Uma outra riqueza espiritual que Paulo afirma habitar esse vaso de barro é a excelência do poder de Deus. Temos este tesouro em vaso de barro para quê? Para que a excelência do poder seja de Deus e não nossa. É interessante que ele não afirma apenas o poder de Deus, mas a excelência desse poder. Poder extraordinário, que vence o comum, que choca a mera força: poder excelente. E quando pensamos nesse poder excelente de Deus, só nos vem à mente o que o próprio Paulo nos diz em Efésios, l: 19 e 20: Eu oro para que vocês provem a suprema riqueza do seu poder "segundo a eficácia da força do seu poder, o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à direita, nos lugares celestiais".

Se você quiser pensar no poder que está no íntimo, é só pensar no que aconteceu na manhã de domingo na ressurreição. Ele disse: "Ouçam, eu estou orando para que vocês provem essa excelência, essa grandeza do poder de Deus. E se vocês quiserem saber que poder é esse eu lhes digo: é o poder que venceu a morte. É o poder que tirou o Cristo macerado da tumba e o fez glorificado para sempre. É o poder que Deus exerceu, quando levantou Jesus dentre os mortos".

O interessante é que Paulo usa três palavras gregas relacionadas com os jogos olímpicos: levantamento de peso, arremesso de peso, força de gladiadores.

Ele está apelando para o vigor da linguagem atlética, a força que os homens podiam reconhecer nos seus dias. Se fosse entre nós talvez ele dissesse: é o poder de "x" megatons, que Deus exerceu levantando Jesus da morte. É o poder atômico, poder irreprimível, poder da ressurreição. Ressurreição é mais que um fato; ressurreição é um fator. Não foi só poder para levantar o Cristo da história; é força, é vida, é energia para desencadear processos da minha existência aqui e agora. A mera crença nisso já nos levanta de qualquer depressão, qualquer túmulo existencial.

Outra riqueza que Paulo afirma habitar esse vaso de barro é a vida de Cristo em nosso corpo. Nos vs. 10 e 11. ele diz que a vida de Jesus se manifesta em nosso corpo e em nossa carne

mortal; que há essa expressão pujante de seu Espírito em nós, gerando uma qualidade de vida cristã.

A palavra cristã parece um rótulo, um clichê, uma tatuagem religiosa que puseram em nós, mas originalmente significava a cristificação de pessoas. Era gente que estava tão impregnada de Jesus que ia se cristificando, vivendo de maneira tão semelhante, tão comprometida a um estilo de vida, tão desinstalado dele e ao mesmo tempo radical com relação às implicações do Reino de Deus na sua existência que foram chamados de cristãos.

Estavam se cristificando. É o Espírito Santo que gera esta cristificação. É a vida de Jesus impregnando, energizando, essa nossa carne mortal, tendente ao pecado, ao egoísmo, às concupiscências, à lascívia, à violência e a tudo quanto faz de nós de antemão derrotados. Esta vida gera em mim pelo menos três coisas.

Primeiramente gera em mim qualidade existencial; depois, pureza moral; e finalmente vida de discipulado. E aí Paulo afirma que nesse vaso de barro Deus faz habitar uma riqueza extraordinária, uma fé imbatível na glorificação. Veja o que dizem os vs. 13 e 14. A descrição que Paulo faz é a daqueles que afirmam com segurança o fato de que aquele mesmo que ressuscitou o Senhor Jesus de dentre os mortos também nos ressuscitará com ele. É essa fé que afirma a glorificação como imbatível.

Isso pode parecer teologia paulina antiga, obsoleta, esclerosada, no sentido bom de nos adormecer nos nossos sonolentos cultos.

Essas histórias de glorificação, de teologia escatológica, de qualquer tipo de futurismo podem nos parecer tão futuristas quanto distantes do real. Mas o que Paulo está dizendo é que hoje, aqui, agora e já, foi manifesta esta fé, quando fui embalado pela certeza de que o mesmo Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos me garante glorificação e ressurreição, essa fé imbatível - fé que fala, que afirma, como diz ele no v 13; que declara vitória; que lança toda a sua confiança em Deus; que se atira à vida, na certeza de que a morte já não pode mais nos açoitar com o poder de destruir-nos, porque já foi tragada com o poder de Jesus Cristo; esta fé que tem a certeza absoluta de que

a morte já não mata mais, porque a nossa confiança está naquele que é o Deus da ressurreição.

Esta nossa confiança tem de ser mais que mera declaração teológica confessional; precisa ganhar vida, tornar-se carne e sangue, ser confissão que gera vida. Precisa ser mais do que doutrina; ser força, propulsão, turbina na alma, motor da vida, combustível para a existência. Eu creio, que meu destino é glória, ressurreição; não é sepultura, envelhecimento com grandes probabilidades de esclerosamento. Pode ser que eu passe por essa fase, mas minha direção está para lá disso - para além de setenta, oitenta anos: para além de achaques e reumatismo, tonturas, quedas e tropeções; esquecimentos e envelhecimentos. Para lá de toda fraqueza irremediável.

Tenho medo de falar dessas coisas, porque às vezes a gente ouve isso e vai se tornando escapista demais, fugindo demais, esquivando-se em excesso do aqui e agora, de compromissos concretos com a existência. Mas é imperioso que saibamos equilibrar de um lado a vida, compromissos aqui e agora; de outro lado, a urgência de ser veemente, corajoso, esperançoso, intrépido, largado e valente para enfrentar a vida aqui e agora. Não tenho medo da vida aqui e agora, pois sei que tudo quanto ele possa fazer para me assustar - suas caretas - já está de antemão vencido pelo meu destino irreprimível, minha caminhada inexorável na direção da glória, da ressurreição.

Se essa fé habita no coração, isso é riqueza, é força, é coragem, é viço, é seiva, é preciosidade; é bomba. E olhe: a última coisa que o apóstolo diz que habita neste vaso de barro é a certeza de que eu sou co-herdeiro do cosmos - não do Brasil, da América Latina ou do planeta Terra apenas! A veemência, a grandeza da reflexão deste homem, a ousadia da percepção cristã deste Paulo vai tão além de todas pretensão humana que ele afirma no v 15: "Todas as coisas existem por amor de vós!" Todas as coisas que existem, existem por amor de nós! Isto pode parecer muita pretensão - essa relação com o cosmos, com a grandeza do Universo da vida. Sou co-herdeiro com Cristo de tudo que existe. Sou mais rico dentro do que fora. Maior riqueza tem quem possui esta convicção do que toda a riqueza que possa habitar fora de nós. Isso não nos faz meros e fortuitos habitantes do Universo; isso nos faz cidadãos legítimos do cosmos!

Todas as coisas - ou sejam, todas as coisas, graças a Deus - existem por amor de nós. Isso me deveria levar a chupar manga com muito maior prazer; deveria me fazer cortar uma rodela de abacaxi e me atolar nela devocionalmente. Deveria me fazer comer melão sacramentalmente. Deveria me fazer mergulhar no oceano com alegria do mandamento do batismo. Porque tudo existe por amor de nós! Isso faz da vida palco da devoção, da alegria, do júbilo, da explosão, do cântico, da festa. Faz da vida uma ciranda-cirandinha, uma séria brincadeira, ou uma felicidade séria. Isso faz da vida, vida!

Não faz com que eu olhe para o pé de comigo-ninguém-pode como algo terrível. Quando me converti era de um radicalismo renovacionista, tão cheio de viseiras e de reducionismo cósmico que cheguei a crer que essa planta era do diabo. Dava a impressão de que Deus tinha criado tudo menos a planta comigo-ninguém-pode. Isso porque nas casas de macumba sempre há uma planta dessas na porta. Se a põem ali o problema é deles! Pois quem criou essa planta foi o meu Deus! Eu a recebo com ações de graças, e tenho uma bem grande na porta da minha casa. Isto porque é bonita e foi feita pelo Senhor. Também porque todas as coisas existem por amor de nós!

Quando percebemos isto a vida cresce; a adoração cresce, o culto aumenta, a catedral se torna cósmica, a devoção diária, e tudo vem gestar, engravidar a nossa mente com louvores ao Senhor. Que coisa rica poder viver com devoção constante, absoluta. É uma riqueza imensa que habita nesse vaso de barro.

Paulo também me diz qual é o caminho que devo percorrer, a fim de me apropriar dessas realidades. Isso porque ele disse inicialmente que conquanto a promessa seja de que essas riquezas todas habitem em nós que somos de Jesus, a experiência mostra que na maioria de nós essa resplandecência não aparece, essa fé não vem à tona, essa pujança não viceja, essa riqueza não brilha. Então, como é que apesar de ser herdeiro disso tudo, eu posso deixar de ser mendigo, faminto, morando sobre o tesouro? Como? Como me aproprio disso?

Talvez você diga que é preciso orar muito, jejuar, ir às vigílias, ao culto de doutrina, às reuniões de oração, fazer hora silenciosa todos os dias, ir à escola dominical... Mas se ler a Bíblia mecanicamente, orar orações-ladainhas do evangelho e ir à escola dominical com o rigorismo de quem bate o ponto

devocional em algum lugar gera isso tudo, então seríamos a comunidade da resplandecência... Pois até que fazemos tudo isso com regularidade.

Paulo diz que conquanto todas essas coisas como orar, ler, cultuar, estar junto, sejam importantes, é imprescindível que assumamos no cotidiano, e não com hora marcada, algumas atitudes extremamente significativas e essenciais, a fim de que nos apropriemos dessas riquezas.

Antes de mais nada é preciso ter consciência da perecibilidade desta dimensão. Veja como este cap. 4 está repleto de afirmações que atribuem perecibilidade à presente ordem de coisas. No v 7 Paulo chama o corpo de vaso de barro; no v 11, nossa estrutura corpórea de carne mortal. No 16 ele diz que o homem aparente, tangível, se corrompe; no 18, que as coisas que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas. O que ele está afirmando com estranha veemência é que essa dimensão é perecível.

Note que estou afirmando que é perecível, e não que não é importante. Não estou dizendo que o espiritual é mais importante que o material. Isto é falso. A Bíblia não divide em duas estas dimensões. Se o material não fosse importante eu não iria ser julgado no Além pelas coisas que fiz aqui e agora, enquanto carne, homem no tempo e no espaço.

A prova de que o que acontece aqui neste mundo das ações e da tangibilidade é uma coisa importante é que vou ser julgado pelo que fiz no corpo. Então repito: não estou afirmando que não é importante. O que a Palavra de Deus está dizendo é que eu preciso ter consciência de que esta dimensão é perecível, e por isso não devo ancorar, enraizar, dimensionar minhas ambições no nível das coisas que agora estão aqui. Parece que Colossenses é o maior brado disso no cap. 3, quando me recomenda buscar, esperar, guardar as coisas lá do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus.

Se você deseja se apropriar destes tesouros, a primeira coisa que precisa acontecer é deixar-se invadir pela consciência da perecibilidade dessa dimensão. Porque quem não tem essa consciência não está preocupado com a glória de Cristo no íntimo, nem com a excelência do poder de Deus, com a vida de Cristo no corpo, com a fé na glorificação, ou com a certeza de

ser co-herdeiro do Cosmos. Quem acredita na durabilidade desta dimensão, investe a vida em outras coisas: não cultiva a interioridade, não se preocupa com a vida abnegada, altruísta; não investe a existência no amor; não se lança naquilo que constrói o bem do próximo; não se deixa instrumentalizar pela graça de Deus. Ao contrário, vai à luta egoísta, arroja-se na ambição. A glória que ele almeja não é dentro, mas fora; a única fé que ambiciona é a fé da segurança material, econômica, humana. Quem quer estas riquezas tem de ter consciência da perecibilidade desta dimensão. Paulo diz ainda que precisava haver aceitação do morrer de Jesus em nosso corpo. Se você quer tomar posse dessas riquezas, aceite o morrer de Jesus em seu corpo mortal. Ele diz no v 10: "levando sempre (não de vez em quando) no corpo o morrer de Jesus'; e afirma no v 11: "Somos sempre entregues à morte"; e no 12: "em nós opera a morte". Como é que isso acontece? Como é esse morrer de Jesus na nossa carne?

Alguns interpretam isso de modo budista, especialmente os acostumados à leitura evangélica oriental de Watchman Nee. Negam isso, negam aquilo, negam tudo! Constroem um estilo de vida que parece com o estilo de vida de Buda, não com o de Jesus de Nazaré! Porque não se pode ter vontade; não se pode ter desejo, gosto, prazer; não se pode ser pessoa; não se pode ter ego; não se pode dizer "eu". Matam, matam tudo - todo desejo, todo sonho, todo prazer. Matam, matam, matam; suprimem, excluem, arrancam, exorcizam, expulsam. A vida tem de ser desbotada, insossa, desagradável. Nada disso! Não é dessa morte que ele fala. Lembre-se de que eu não tenho nenhum outro padrão, nenhum outro referencial de vida senão o de Jesus de Nazaré. Ele é o protótipo, o arquétipo, a vida para a qual me direciono. Ele é o modelo! Ele é o paradigma! E Jesus é o homem do choro; mas é também o do afago. É o homem do jejum, mas é o homem que come e bebe com alegria. É homem do deserto, mas é homem da cidade. É homem da pobreza, mas é homem que se assenta no banquete sem crise de consciência. A única vida que eu tenho para viver é a vida de Jesus, e o que a gente não percebe é que viver essa vida, esse carregar de cruz contínuo, implica morte, porque a grande morte que eu preciso morrer não é das coisas que eu deixo de fazer para mim. A grande morte que eu preciso morrer é a de ter coragem de me dar para outros.

Mais difícil do que ter coragem de morrer para alguém é ter coragem de viver para alguém. Esse morrer é um entregar-se a Deus e aos homens; é um pluralizar da vontade de Deus e do bem do próximo, aqui e agora. É um existir, não com negação do prazer, mas uma denúncia da ganância da injustiça, da maldade, da luxúria, do excesso, do supérfluo, aquilo que me engorda a alma, enquanto aqueles que me tocam, que me cercam, estão na mais profunda imersão, na indignidade, na dor, na angústia, na miséria na desgraça, na infelicidade, na impotência. Eu preciso aceitar esse morrer de Jesus na minha carne mortal. E como é que isso acontece experiencialmente na vida de cada um de nós?

Paulo deixa isso muito claro no contexto antecedente, no v 8 em diante. Ele vem falando umas tantas coisas e conclui dizendo que essas coisas acerca das quais está falando significam teologicamente o morrer de Jesus na nossa carne mortal. Então como é isso?

Ele diz: somos atribulados por circunstâncias adversas, por doenças, por reveses, pelo inesperado. Diz: somos perplexos, chocados, surpresos, atingidos pelo súbito, perseguidos, oprimidos, antipatizados, caluniados. Somos psicologicamente abatidos - na reputação, nas emoções, no nome, na honra, na moralidade. Quando nos apontam o dedo, quando nos acusam, então é que ele diz: "Levando sempre o morrer de Jesus".

Talvez alguém diga: "Mas como é que a tribulação, a aflição, a perplexidade, o abatimento no cotidiano podem gerar esse morrer de Jesus na vida?"

Não é ser atribulado, perplexo, abatido em virtude da nossa soberba, do nosso orgulho, do nosso egoísmo, do nosso fanfarrismo, da nossa injustiça, da nossa maldade, da nossa crueldade disfarçada. É ser atribulado, perseguido, perplexo e abatido em razão do nosso estilo de vida, do nosso compromisso com Jesus Cristo. Senão, observe: todas estas coisas nos fazem morrer; a tribulação acaba com nossa segurança; as perplexidades destroem nossos planos; a perseguição nos tira a tranqüilidade e a respeitabilidade; o abatimento leva para diante a presunção e tudo que resta. É a vida de Jesus nesta carne mortal.

Paulo diz ainda que se você quer se apropriar desse tesouro espiritual você precisa manter a sua vida sob a graça que se multiplica, que transborda, que aumenta. Esta é uma das coisas mais difíceis de se fazer! - manter a vida debaixo da graça. Nossa tendência é mantê-la sob nosso moralismo, nosso legalismo, nosso fanfarronismo doutrinário, nossa exacerbação denominacional, nossa institucionalidade; mas sob a graça nem sempre a mantemos. No v 15 ele diz que a graça vai se multiplicar.

Quando começamos a viver desse jeito, essa graça se multiplica, se retroalimenta. Como isso acontece? Preste atenção: multiplica-se quando eu dependo de Deus para ser ou fazer qualquer coisa.

Paulo é de um teocentrismo quase exagerado. Veja no cap 3, v 5: "Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós,• pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus".

Ele chega ao ponto de afirmar: “Nem pensar eu posso - se o meu pensar não tiver subsistência em Deus! Minha suficiência vem dele”. Nós nos mantemos sob a graça quando dependemos de Deus para ser ou fazer qualquer coisa! A graça se multiplica quando eu creio que os espaços vazios da minha vida Deus preencherá; ou quando entendo que o nada é a substância essencial para ele fazer algo; e quando compreendo que o pouco é necessário para Deus fazer muito.

Por último, eu me aproprio dessas riquezas espirituais quando aprendo a desenvolver uma atitude de ações de graças. Temos levado muito pouco a sério a importância das ações de graças. Pensamos que elas são apenas poucos rituais com hora marcada em certos dias, quando recebemos alguma benesse especial, principalmente aquela que nos enche o bolso, ou nos promove status, ou nos livra de morte súbita. Venha então o culto de ação de graças!

É bom, é louvável, é maravilhoso que se faça isso. Que se continue a fazer!

Mas a Escritura, pela pena paulina, fala nas ações de graças na perspectiva comportamental; e de modo mais profundo ainda na perspectiva motivacional, nas atitudes do cotidiano.

Quer fazer uma experiência? Procure uma chave bíblica e abra na palavra ações, ou graças, e verifique quantas vezes o Novo Testamento fala em ações de graças. E observe a que a Palavra de Deus a relaciona: é à vida, ao entrar e ao sair, ao ir, ao vir, ao sentar, ao ter, ao ler, ao ganhar, ao perder, ao ser e ao não ser; a tudo, a Deus, à vida!

Viver com ações de graças! Viver com gratidão! como é difícil... Pois a vida nos solapa, nos joga de um lado para outro, nos torna pessimistas, nos chicoteia, nos enche de azedume, de azias, de amarguras, destrói nossos sonhos, nos faz "ganches" na vida! Mina até mesmo nossa confiança em Deus. As lutas vêm e nos fazem crer que Deus é adversário, cúmplice indiferente e gélido na maldade que nos atinge, nos solavancos que nos abalam, deixando- nos meio fechados, fracos, anêmicos, cauterizados; às vezes até meio cínicos.

E perdemos a poesia para com o divino; o fervor, o delírio, a exaltação para com o eterno; e perdemos a capacidade de ações de graças.

Veja o que diz o v 15: quando começamos a andar nessa vida ela começa a borbulhar em abundantes ações de graças. Gosto disto! Não é em algumas, em uma ou outra ação de graça, mas numa nuvem, um tropel, uma cachoeira, um borbulhar de ações de graças!

Mas como aprendemos as ações de graças? Veja nos vs. 8,9,16 e 17 as adversativas da gratidão. Normalmente as adversativas são adversativas das adversidades. Não é mesmo? Vai tudo muito bem, mas... ia tudo muito bem, porém... Eu estava conseguindo fazer, todavia... Eu já ia realizar, contudo... Eu estava conseguindo o impossível, entretanto...

Paulo inverte o processo, dá um nó na linguagem, na sintaxe, e faz a adversativa vencer a adversidade e torna-se finalmente adversativa adversária do adverso! Adversativa da vitória! Adversativa das ações de graças!

Veja novamente o v 8: "Atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos". V 16: "corroído, mas dentro renovado"; v 17: "afligido, mas glorificado".

Só quando aprendemos essas adversativas da graça é que surgem dentro de nós essas abundantes ações de graças. Porque se formos esperar que a vida se nos apresente como palco de humor para fazer-nos rir e agradecer, estaremos iludidos. A vida não é uma comédia. No seu teatro, quando as cortinas se entreabrem, a tragédia sobrepuja o riso.

Quem não sabe as adversativas da gratidão sucumbe no amargor da pobreza interior, no pântano, no lodaçal da lamúria, no chiqueiro das agonias, no atoleiro das depressões, na pocilga da entrega e da inércia!

Será que vamos deixar de ser vasos com tesouros ocultos para continuar a ser vasos de barro, mas com tesouro resplandecente, excelente? Quem escolhe é você: ser mendigo, pedinte, miserável sentado sobre o tesouro, ou dono daquilo que por direito lhe pertence?

Quem opta pelo estilo de vida é você. Ou "passa pela vida em brancas nuvens", maltrapilho, indigente adormecido "em plácido repouso", ou passa como filho do Deus vivo, não apenas na doutrina da salvação, não na perspectiva de prosperidade do primeiro-mundista norte-americano, mas na perspectiva neotestamentária:

"Atribulado, mas não angustiado, perplexo, mas não desanimado, perseguido, mas não desamparado, abatido, mas não destruído, corroído, mas renovado; afligido, mas glorificado".

Não o isenta de dores, mas diz que apesar delas haverá um fulgor na sua existência, capaz de ironizar a adversidade, mediante uma vida que resplandece a glória de Deus que habita em nós.

Capítulo 7

O DISCÍPULO DE CRISTO

"Caminhando junto ao mar da Galiléia viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus. Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles deixaram imediatamente as redes, e o

seguiram. Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo chamou.

Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus." (Mc. 1:16-19) O texto acima vai nos servir de fio condutor para uma reflexão sobre o que seja a vocação dos discípulos. E quando falo em vocação de discípulos não estou me referindo à vocação dos apóstolos, já que o texto escolhido é pré-apostólico. Nesta passagem vemos Pedro, André, Tiago e João sendo convocados para o discipulado, o que nos leva a imediatamente nos identificar com o registro. Aí Jesus nos desafia ao discipulado. Está aí definido o que o Senhor tenciona fazer a cada um que crê nele como o Messias.

Depois da leitura do texto, alguém poderia ser levado a perguntar: "Será que Jesus passou por Pedro, André, Tiago e João, e simplesmente lhes disse que o seguissem, prometendo-lhes que faria deles pescadores de homens? E eles, não o conhecendo, não tendo tido nenhum contato prévio com ele, abandonaram tudo e o seguiram imediatamente, como sugere a narrativa dos Evangelhos?" Buscando outros trechos, verificamos que esses homens já haviam sido impactados de alguma forma através do ministério de Jesus.

É João mesmo quem nos conta, no capítulo primeiro do seu evangelho, entre os vs. 35 e 41, que João Batista tinha André, irmão de Simão Pedro, no seu grupo de discipulado. E aconteceu que, certa vez, quando passava Jesus pela Judéia, João Batista o apontou, dizendo: "Eis o Cordeiro de Deus". Posso imaginar o que passou pela mente de André: "Muito obrigado: o que aprendi foi maravilhoso, mas agora vou seguir o Cordeiro de Deus". Despediu-se de João Batista e foi atrás de Jesus. Ofegante no encalço do Messias, perguntou-lhe: "Mestre, onde moras?" Ao que Jesus respondeu: “vem e vê”. Esta aproximação possibilitou o convite que André fez ao irmão: "Nós achamos o Messias, aquele de quem falam as Escrituras". Pedro resolveu acompanhar o irmão. Encontraram Jesus às quatro horas da tarde - a hora décima -, fizeram um lanche com ele, conversaram profundamente, e Jesus começou a revelar-lhes a intenção de Deus de tomar o império das trevas, pegar seus cativos, e levá-los para o Reino do seu amor. Jesus, então começou a desafiá-los a participar dessa intenção: tomarem o reino das trevas e

transferirem os que nele estavam cativos para o Reino do Filho do amor de Deus.

André e Pedro ficaram muito interessados na proposta que Jesus lhes fizera, mas o coração ainda não se lhes queimava. Ainda não lhes ardia no peito o desejo de um compromisso inadiável com ele. Não se deixavam transformar imediatamente pelo poder de Jesus e pela infiltração do seu senhorio. Voltaram para Galiléia e continuaram sua pescaria na cidade de Cafarnaum, justamente onde Jesus estabelecera seu Q.G.

Certa manhã Jesus passa pela borda marítima, e multidões que o tinham visto no dia anterior curar muitos enfermos e expulsar legiões de demônios começaram a se mobilizar para ouvi-lo. Ele vai sendo comprimido e empurrado para trás, até que a água lhe atinge os artelhos. O povo quer tocá-lo, e a situação se torna difícil: ele fala com os pés já dentro da água, num local onde há enorme quantidade de pedras, o que torna sua permanência incômoda e desconfortável.

Jesus chama então André e Pedro, pede-lhes o barco emprestado e ordena-lhes que o afastem um pouco da praia. Cedido o barco, ele ensina às multidões assentado sobre ele. "Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar" (Lc. 5:4). Pedro então retruca: "Senhor, nós pescamos a noite inteira e já fizemos o que foi possível. Conhecemos este mar como a palma da nossa mão. Há anos que vimos pescando por aqui e sabemos que hoje a maré não está para peixe. Contudo, sob a tua palavra lançaremos as redes". Entram no barco, remam para o meio do mar, lançam as redes, e de repente vêem que elas fervilham: há uma quantidade indescritível de peixes dentro delas.

Chamam amigos do barco mais próximo. Tiago e João, seus sócios, vão remando até lá. Dividem os peixes, ficando os barcos repletos, ao ponto de quase irem a pique. Vem remando para a praia, e quando chegam ali Pedro, cheio de arrojo, um coração que é só arroubo, joga-se aos pés de Jesus e diz: "Arreda-te de mim, porque eu sou pecador!" Que maravilha! "Afasta-te de mim, pois tu és santo, e eu sou pecador!"

Pedro fica empolgado, comovido de admiração pelo milagre. Ele que conhecia aquele mar, um dos pescadores mais experientes da Galiléia, que garantia que não havia peixes

naquela noite, vê Jesus reunir tantos cardumes que a rede quase não pode suportar. Tamanho foi o impacto, que não tiveram outra alternativa senão seguir Jesus quando lhes convidou: 'linde após mim, e eu vos farei pescadores de homens". Largaram eles redes, barcos, pai, amigos, empregados, e decidiram: "Vamos participar desta luta pelo Reino de Deus".

Quem são os convocados?

Surge então diante de nós uma questão: quem são os homens e mulheres convidados a participar da grande obra que o Senhor quer fazer? A primeira coisa que esse texto nos ensina sobre a identidade dos convocados é que são pessoas alvo de intensa observação do Senhor. (Leia os vs. 16 e 19 de Marcos, 1, e note a ênfase que se dão ao verbo "ver": "a vi passando, viu André e Simão". ...Pouco mais adiante, viu(...)") Faço-me então uma nova pergunta: "O que será que Jesus viu naqueles homens?" Não foi por certo cultura nem erudição. Não os viu como filhos de rabinos da época. Não viu neles modelos convencionais, nem pessoas que pela aparência pudessem ser descritas como adequadas. Tratava-se de pescadores rudes, de mãos calejadas, e que falavam a própria língua com certa dificuldade. Não tinham freqüentado escolas nem eram dos mais religiosos. Que foi, então, que Jesus viu neles?

A observação que Jesus fez a priori daqueles homens mostrou-lhe tratar-se de pessoas não-eruditas nem preocupadas com a religiosidade, mas homens que estavam totalmente envolvidos com a sua vocação; pessoas ocupadas e dispostas para o trabalho. Gente que tinha trabalho a noite inteira e não estava ociosa. Pessoas capazes de aceitar responsabilidade.

Mas havia uma segunda característica que Jesus viu no coração daqueles homens: eram pessoas que ambicionavam o Reino de Deus. O paradoxo na vida desses pescadores é que eles não eram religiosos, não foram instruídos pelos rabinos, mas viviam a realidade popular do Reino de Deus. Observe que André, ao receber a informação de João Batista, deixou-o, procurou o irmão e lhe disse:

"Achamos o Messias". Que significa isso? Que eles estavam procurando. Lá dentro deles, com todo o seu jeito místico e rude, eram homens cheios de sede de mudança. Ansiavam pelo Reino de Deus. Não o estavam buscando através dos modelos teológicos convencionais. Eram homens irreligiosos, mas tinham na alma um desejo imenso de encontrar o Messias. "Achamos o Messias!" Em outras palavras: achamos o que ambicionávamos: o Reino de Deus!

A observação de Jesus levou-o ainda a perceber que eles eram capazes de se lançar em mares mais extensos, e que tinham ambição de dar maior significado à vida que levavam. Jesus aumentou a perspectiva deles: não mais este mar.

Ele é demasiado pequeno para vocês. Não mais estes peixes: o mar agora é o mundo agitado, e os peixes são as almas dos homens. Deus espera que haja muita insatisfação no nosso coração, e que nos sintamos inquietos quando nossos limites forem muito estreitos. Ele quer ver em nós a ambição de realizar um trabalho com propósito mais firme e sério, razão maior de ser de seu Reino e da Igreja de Jesus.

Além disso, chegamos à conclusão de que Jesus constatou também que aqueles homens se sentiam como estranhos neste mundo, na esperança e na busca de algo novo. Homens desinstalados e capazes de se movimentar na dinâmica de Jesus. Não há casa neste mundo que sirva de lar àquele que busca a vontade de Deus para sua vida. Nossas fronteiras se deslocam para onde nos envia o propósito do Senhor.

Esse é o único lugar onde temos teto, parede, abrigo, aconchego e conforto, é seguindo o Filho do homem para onde quer que nos leve. É ele mesmo quem diz: "As raposas têm seus covis e as aves do céu ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt. 8:20). Só que isto não é um convite à pobreza. É antes de tudo um convite à desinstalação e à disposição de servi-lo como peregrinos.

Conheci uma senhora nos Estados Unidos que tinha nas mãos uma lista com oferta de um milhão de empregos para cristãos que aceitassem testificar de Jesus no mundo árabe e em outras regiões fechadas ao Evangelho. São oportunidades para engenheiros, médicos, enfermeiras ou técnicos em diversas áreas, já que pastores e missionários não conseguem aí entrar

para falar de Jesus. Surgem então pessoas que têm a vida organizada, mas são capazes de abrir mão do seu status para se fazerem pescadoras de homens, Através do exercício da sua profissão buscarão almas perdidas em países distantes. Podem dizer: "Minha pátria está no céu.

Eu aqui sou peregrino e estou para ir aonde Deus me enviar e ali ser o que ele quer que eu seja, para a glória do seu Nome".

O desafio de Jesus

Nessa aventura com Deus, percebemos ainda que a vida é um constante desafio. O v 17 é claro: "Disse-lhe Jesus: Vinde após mim". Não se trata apenas de um desafio à peregrinação e à desinstalação. Está implícito neste convite que o seguidor vai aprender com a convivência, e não por preceitos.

O que Jesus deseja é que aqueles que se propõem seguí-lo venham aprender no dia-a-dia com ele.

É semelhante ao convite do próprio Paulo, que dizia: "Imitem-me! Se alguém quiser imitar-me pode fazê-lo, pois eu estou imitando Jesus Cristo". Aliás, esta atitude de Paulo desmascara um pouco as intenções de alguns que se preocupam em aconselhar aos que lhes estão próximos: "Você deve olhar só para Jesus, porque se olhar para mim vai se decepcionar". Essa é conversa do diabo, que deseja nos envolver num cristianismo rasteiro, irresponsável e descomprometido. Nossa conversa tem de ser esta: "Quando eu falhar com você, olhe para Jesus, que ele não falha nunca. Mas enquanto isso não acontecer olhe para mim, pois eu estou querendo andar de modo semelhante ao dele". Quando eu errar em relação ao meu próximo, então confessarei: "Eu pequei, dei mau exemplo.

Olhe para Jesus, que vou olhar também". Tiago desmistifica e descanoniza os personagens bíblicos, lembrando que eram homens como nós.

No dia de o pastor Antônio Elias ser consagrado pastor emérito e o pastor David Glass pastor honorário, afirmei à igreja que esses eram dois homens segundo o coração de Deus. Mais tarde, alguém me disse que, refletindo sobre o assunto, ficara

triste pois se "já não existem homens segundo o coração de Deus como poderia ser possível eu comparar pessoas do nosso tempo àqueles que realizaram tamanhas façanhas descritas na Bíblia. No entanto eu afirmo: não é de se admirar, pois na verdade há homens sobre os quais a Bíblia nada diz, muitos "bartolomeus", sobre quem nenhuma referência se faz, que nos surpreenderão no céu - homens que seguiram de muito perto a Jesus.

Há homens segundo coração de Deus. Há apóstolos vivos hoje. Há gente que pode dizer: "Olhe para mim, porque estou andando após Jesus". Este convite ao discipulado é um convite para nos estereotiparmos em Cristo. Seu tipo não é o de um pastor; tampouco seu vocabulário. Sua maneira de falar não é a dos religiosos daqueles dias. Seguir Jesus é imitar sua maneira de ser; é deixar que o temperamento, o caráter, os potenciais, a capacidade, tudo enfim em você, se torne o mais possível parecido com Jesus.

Conviva com o Senhor e com sua Palavra. Ganhe a obsessão dos que estão querendo ser imitadores de Jesus. Algumas vezes, o que estamos fazendo hoje é tentar imitar algumas estrelas do evangelismo, a quem chamamos "grandes servos de Deus" - o que é em si mesmo um paradoxo, já que o servo não é grande, e quem é grande não é servo. Mas o desafio de Jesus é diferente: “vinde após mim”. Venha aprender através da convivência comigo. Assemelhe-se a mim. Esqueça a teoria e viva comigo.

Na seqüência do seu convite Jesus acrescenta: "E eu vos farei pescadores de homens". Gosto desta palavra "farei". Ela nos revela que o discipulado é algo artesanal; não acontece num passe de mágica. E isso tira boa parte das minhas frustrações, quando olho e constato o quanto ainda estou distante do padrão. Posso me sentir encorajado por dois motivos: primeiro, porque Jesus disse: "Eu farei". É ele quem opera isso. Em segundo lugar, eu me animo porque o processo é gradual: "Farei" nos dá a idéia de futuro, e progresso significa que Jesus opera em nós sempre - operando paulatina e ininterruptamente. É no correr diário que acontece a capacitação para a obra que ele nos envia a realizar.

A experiência é diária

Não há dúvida de que esse forjar de caráter e de mente é gradual e cotidiano. E é fácil verificar por quê: Jesus nos ensina através da experiência.

Preciso lhe dizer uma coisa: boa parte do que aprendemos na igreja é esquecido pouco além dos umbrais de suas portas. Uma das coisas frustrantes para um pregador - mas que acontece com mais freqüência do que deveria - é fazer uma exposição e, ao perguntar dois dias depois algo sobre o que havia dito, ouvir como resposta: "Não consigo reproduzir bem a idéia. Sei que o sermão foi uma bênção, mas não me lembro direito..." Às vezes, chegando de viagem, pergunto: "Quem pregou?" e obtendo como resposta: "Domingo foi fulano, quarta foi beltrano". "E sobre o que pregaram?" - indago. A resposta que ouço é esta: "Não me lembro; só sei que foi bom".

Expressando-me assim, parece que não falo sério. Mas na realidade é isso que ocorre na grande maioria das vezes. E sabe a razão? É que fica muito pouco em nós do aprendizado por preceitos. E nem é culpa de ninguém.

O aprendizado capaz de mudar a nossa vida é aquele que advém das experiências cotidianas. É quando a gente vive a realidade proposta por Jesus e tem a chance de pôr tudo em prática. De nada vale aprender teorias e continuar aprendendo. Nunca se vai chegar ao conhecimento de verdade. A menos que se encarne o que foi aprendido e se deixe ser usado por Deus. Só assim as lições não serão jamais esquecidas.

O trabalho artesanal de Jesus na vida dos homens tem uma conseqüência evidente: permite que recebamos do Senhor autoridade. Aparece três vezes nas páginas do Evangelho a seguinte expressão: "Concedeu-lhes autoridade sobre espíritos imundos, para os expelir, e para curar..."

Fiquei feliz em saber que uma das pessoas que haviam atendido a um apelo para seguir a Jesus logo teve ocasião de se confrontar com um endemoninhado. A própria pessoa me contou que a primeira intenção foi de telefonar-me pedindo socorro, mas depois resolveu assumir a situação em nome de Jesus, e quando enfrentou o demônio ele saiu. Que experiência! Como é bom constatar o poder de Jesus!

Eu me lembro de como, com seis meses de fé, eu orava para que Jesus jamais me colocasse diante de um endemoninhado. Desviava-me de todos eles. Tinha verdadeiro pavor. Empurrava os endemoninhados para meu pai, que naquele tempo tinha o hábito de levá-los para nossa casa a fim de dar-lhes maior assistência.

Um dia me haviam convidado para uma reunião, eu estava vestindo meu primem paletó, presente de papai. Dava os retoques finais na gravata quando de repente entra um carro em nossa garagem cantando os pneus.

Assustado, fui até o carro, e de dentro saiu um homem possesso. Mesmo trêmulo, clamei: "Sai dele, em nome de Jesus!" O homem veio decidido em minha direção, e eu repeti: "Sai, em nome de Jesus!" E o diabo saiu. Mais aliviado, comecei a conversar com o moço e fiz um convite definitivo, dizendo: "Dê seu coração a Jesus agora". Ele começou a negar, falando a respeito de algumas garotas que não gostaria de abandonar, e alegou também que Jesus deixava as pessoas muito quadradas. Com isso o diabo entrou nele de novo. Ele deu uma gargalhada e me interpelou: "Eu não disse que ele é meu?" Abri então Apocalipse, 19 e comecei a ler. Ele fechou os punhos e partiu na minha direção. Confesso que tive vontade de fugir dali o mais rápido possível. Mesmo assim consegui gritar: "Sai dele, em nome de Jesus!" Foi um grito cheio de pavor, mas Deus foi tão misericordioso que o homem ficou liberto, e liberto até hoje. Aleluia!

Deus usou aquela situação para extirpar de mim o medo. Quando saí dali, pensei admiradíssimo: "Mas como Jesus tem poder!" Daqui para frente não vou fugir de endemoninhado. Na chance seguinte ainda vacilei um pouco, mas vi o poder de Jesus se manifestar novamente, e daí em diante o medo desapareceu. Sumiu de fato: o diabo é só diabo, porque Cristo é o Senhor. No entanto não há livro, não há teoria que nos ensine a perder o medo. É preciso experimentar o poder de Jesus e vê-lo em ação para não mais temer.

Muitos se convertem e ficam sentados na igreja esperando uma pseudo- maturidade que não chega nunca. O que tem caracterizado a "maturidade" de muitos de nós é a introversão de conhecimentos. Quando o indivíduo se converte e não sabe quase nada é que leva pessoas a Cristo. Ele não sabe de nada e

sabe de tudo ao mesmo tempo. Sabe por exemplo contar uma experiência de amor; sabe narrar o que aconteceu com ele. É a época em que traz mais gente para igreja. Começa então a passar por um processo de pseudomaturação: vai adquirindo a linguagem do grupo, certas gírias religiosas; começa a dizer "aleluia" e "amém", e... os amigos não mais entendem seu dialeto. Enche-se de cacoetes evangélicos e se torna impaciente com as fraquezas dos outros. Torna-se um intolerante, um implicante. E quanto mais "conhecimento" tem, tanto mais se instala em sua alta torre de cristal, distante de tudo e de todos. Se o pastor pede que os crentes convidem os amigos para um evento ele não tem mais quem convidar. Afirma que está maduro e não tem mais amigos fora da igreja.

Vejo na Igreja Primitiva algo diferente. As pessoas que se convertiam ganhavam responsabilidade e ocupação. Olhando bem para trás e avaliando o que Deus está fazendo, constato que raramente os que estão assumindo posições de frente no Reino de Deus são pessoas que passaram por longo processo de maturação. Normalmente são pessoas que assumiram responsabilidades e se envolvem logo com elas.

Lembro-me de José João, que hoje é pastor em Manaus, na mesma igreja em que meu pai é pastor. Ele se converteu em 1975. Converteu-se numa terça-feira à noite, e meses depois já tinha aberto uma congregação. Possuía um sítio na cidade de Maracapuru, e percebendo que havia umas sessenta pessoas morando nas adjacências começou a levá-las para sua própria casa, e a realizar cultos com elas. Meses depois já havia ali uma congregação. José João nunca parou: tem uma impressionante visão missionária. Vive com obsessão de missões e de expandir trabalhos. Conheceu a maturidade vivenciando o seu dia-a-dia com Jesus. Desde o começo.

O senhorio de Cristo

Finalmente, as pessoas a quem Deus quer usar são justamente aquelas que se submetem sem hesitação ao senhorio de Cristo. O v 20 declara que "deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus".

Era um senhorio que tinha concretude. Em alguns de nós, o senhorio de Cristo se traduz apenas por uma lista de negações: quem roubava, não roube mais; quem se prostituía, não se prostitua mais; quem mentia, não minta mais. É só uma linguagem de coisas pecaminosas que deixamos de praticar. Trata-se de um senhorio apenas moral e que demanda de nós nada além de um bom comportamento.

Só que o senhorio de Cristo tem um elemento prático que está além do moral, do comportamento e do negativo. Observe as demandas práticas no que concerne ao senhorio de Cristo na vida daqueles quatro galileus. É claro, logo de início, que o senhorio de Cristo implica deixar bens. Eles deixaram seus barcos, ou seja, deixaram tudo o que tinham. Eles fecharam as portas do seu comércio. Se acontecesse isso hoje em nossas igrejas, o comentário seria: "Que loucura!

É o que dá ficar ouvindo palavras manipuladoras de um pastor. Que gente imprevidente..."

Bendita inconseqüência de Pedro, Tiago e João! Deixaram o barco de lado e foram viver a obsessão do Reino de Deus. Talvez na sua vida, leitor, não haja necessidade de tal drasticidade. Mas certamente, o senhorio de Cristo terá profundas implicações nos seus bens. É preciso começar a abrir mão de coisas e diminuir a carga horária dedicada apenas aos próprios negócios, para que tenhamos tempo para as demandas do Reino. Se nossa pátria está no céu, temos de dizer como Paulo: "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes" (1 Tm. 6:8). O resto é do Reino.

O senhorio de Cristo tem suas implicações nos nossos sentimentos.

Diz o texto: "Deixando seu pai". Provavelmente Zebedeu continuou trabalhando, gerindo os negócios, mas os filhos disseram: "Pai, nós o amamos. Sabemos que você contava conosco, que fez projetos a nosso respeito, que a nossa indústria pesqueira estava indo muito bem e que tínhamos condições de nos expandir em toda a Galiléia... Mas desculpe, pai, vamos trabalhar para o Reino de Deus. Jesus nos desafiou e nós aceitamos o seu desafio. Toque o negócio para a frente, e invista seu dinheiro na obra de Deus, porque nós vamos investir a vida no Reino do Senhor Jesus".

"Ninguém que, tendo posto a mão no arado e olha para trás, é apto para o Reino de Deus" (Lc. 9:63). Aceitar o senhorio de Jesus implica ruptura de certos vínculos, mesmo com dor no coração e saudade na alma. Tornando isso prático: um dos grandes problemas na vida de algumas pessoas chamadas por Jesus para uma obra específica são as relações sentimentais.

Como pensar em sair da cidade, deixar alguns irmãos, romper laços afetivos e relações tão amistosas e agradáveis? Quem sabe o Zebedeu de alguns é a própria igreja. Deixar a comunhão tão agradável, os cultos maravilhosos, os irmãos tão amáveis e o louvor tão entusiasmante para começar um trabalho na favela?...

Que coisa difícil!

Cremos porém que o chamado não é para que todos saiam. É necessário haver chamamento, e não autoconvocação. Mas quando Deus chamar, não titubeie. Doe onde doer, rompa onde romper, siga o fluxo do Reino, e você encontrará o caminho da mais absoluta efervescência de vida.

Mas um terceiro aspecto aparece implicado no senhorio de Cristo. Não só os bens, não só os afetos; também a posição social, o status. O texto diz: "Deixando o pai e os empregados(...)" Tenho a impressão de que deve ter havido luta interior a perturbá-los. Eram tão novos e já tão respeitados!

Tinham capacidade empresarial. Talvez os amigos até comentassem: "Como estão prosperando!"

Eles no entanto preferiram deixar de lado o serem servidos, o ter empregados, para serem servos e empregados do Reino de Deus, sem direito a coisa alguma a não ser o privilégio de conhecerem de perto a Jesus.

Para aqueles que trabalham para Deus, basta-lhes a recompensa de um dia o terem conhecido: nada além de ter experimentado as riquezas dos ideais de Deus e da vocação para a qual foram chamados - utopia para os homens, mas a realidade de Deus na implantação do seu Reino na fase da terra.

Uma dramática história acontecida neste século é a vida do jovem Sadu Sundar Sing, filho de um importante homem da índia. Ele conheceu a Jesus Cristo como Senhor e Salvador e se deixou envolver inteiramente por ele. Convertera-se a Deus de

toda a sua alma. 0 pai achou que ele cometera uma loucura, e na esperança de dissuadi-lo mandou raspar-lhe a cabeça, tirando-lhe o direito à herança. Mas o jovem Sundar Sing não se deixou intimidar. Enviado à própria corte do rei, este lhe prometeu todas as honrarias, contanto que abandonasse a fé. Ao que ele respondeu: "Saiba, Vossa Majestade, que o tesouro que encontrei em Jesus ninguém neste mundo pode me oferecer".

Em vista disso um tio seu, triste e furioso ao mesmo tempo, apelou para uma última tentativa. Levou-o aos porões de sua casa, onde se encontrava o depósito de todos os bens da família: jóias, prata, ouro, riquezas em abundância.

Tirou o turbante da cabeça - sinal da maior humilhação para um homem daquela estirpe - e lhe disse: "Tudo isto será seu, se você abandonar Jesus". E o garoto de apenas quatorze anos se manteve firme na sua inabalável recusa.

O tio o devolveu ao pai, que o envenenou. Ainda espumando, agarrou-se a um trem e foi socorrido por dois missionários numa cidade vizinha. Por um milagre de Deus sua vida foi preservada - milagre tão evidente que o médico que cuidou dele converteu- se na manhã seguinte. Tais são, às vezes, os custos do senhorio de Cristo.

É urgente que acabemos com a divulgação de certas facilidades mentirosas concernentes à vida de discipulado. Compromisso com Jesus significa mexer no dinheiro, nos afetos e nos ideais. Jesus mexe nos nossos próprios projetos; e mexe conosco. E quando mexe conosco, mexe com o mundo.

Veja-se a si mesmo cheio do Espírito Santo. Você não é diferente de Pedro.

Você até sabe mais do que ele. Pedro realizou o que realizou porque estava consciente de que nada podia, razão por que se entregou totalmente ao Senhor. E Deus o usou para a glória do seu nome! Aleluia!

Capítulo 8

Uma bomba chamada Se

“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.

Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então o diabo o levou á cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo. E lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos anjos ordenará a teu respeito; e eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.

Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e lhe disse: Tudo isso te darei se, prostrado, me adorares. Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto. Com isto o deixou o diabo, e eis que vieram anjos, e o serviam" (Mt. 4.1-11).

O existir humano se desenvolve em meio a contingências de contradições, lutas e conflitos. Dia a dia estamos voltados para os dialéticos embates da existência. Muitas coisas nos chocam, nos esmagam e nos deixam atordoados, provocando uma varredura da paz do nosso coração, e nos expulsando da mente toda tranqüilidade. Com as idéias em turbilhão, nossos sentimentos ficam como que vulcanizados numa erupção quase incontrolável. Conseqüentemente, esta maneira ambígua de existir é, atingida por tentações e tensões, coabitadas freqüentemente pela dúvida.

Fontes de tentações

As tentações e situações que nos acometem a nível de luta, no que se refere a nos conduzirem a uma condição de distanciamento da vontade de Deus, têm basicamente três fontes.

A primeira delas é a nossa própria carne, e eu a chamaria de fonte psicofísica.

Como diz Paulo, vivemos a realidade de uma psicose básica: somos criaturas divididas, rachadas na nossa tessitura íntima: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço". (Rm. 7:15,18,19)

O apóstolo diz que o bem que desejamos fazer não fazemos, e o mal que queremos repudiar, esse praticamos. Porque lá no fundo de todos nós, cada um a sua maneira, existe essa luta, essa ação dramática entre forças diferentes. E é daí que nasce parte do nosso conflito, particularmente aquele que se existencializa sob a forma do desejo, da vontade, do querer irreprimível: "Ao contrário, cada um é tentado pela própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça depois de haver concebido, dá á luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte' (Tg. 1:14,15).

Outra fonte de tentações é o mundo que nos cerca, ou seja, a fonte social. Por si mesmo, o mundo é capaz de produzir em nós paranóias, desvios comportamentais ou motivacionais. Ele é sedutor, e está todo preparado para conquistar, cativar nossa mente e nosso coração. João diz que a concupiscência dos olhos e a soberba da vida que agem no mundo impetram um estado definitivo de guerra contra nossa alma e nossa própria vida (I Jo. 2:15).

Outra fonte de luta é o diabo, o que vai caracterizar a fonte espiritual de tentações. Personagem às vezes descrito de maneira grotesca ou ridícula, ganha tanto maior espaço quanto menos se acredita nele. De fato quanto menos se crê na sua existência, mais à vontade ele fica para agir.

Paulo diz que "a nossa luta não é contra carne e sangue" apenas (Ef. 6:1-13). Nossa principal batalha não se trava contra a química do corpo, ou as doses de adrenalina descarregadas no sujeito assustado; nem está relacionada a condicionamentos biológicos, segundo a perspectiva de Pavlon (que reduz o homem a cérebro e condicionamento psicobiológico). Nossa luta é sobretudo contra "principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes".

Este é, pois, o conjunto de nossos adversários: a carne, o mundo e o diabo.

Um deles habita em nós: é a nossa esquizofrenia primal; o outro nos cerca e é conjuntural: o mundo; finalmente, está aquele que trabalha no nível da mentalização de desejos que sempre estão em oposição à vontade revelada de Deus para a nossa existência: nosso inimigo espiritual.

Jesus na batalha da tentação

Mateus, 4:1-11 nos apresenta Jesus como um ser tentado, e nos permite ver a origem de sua tentação: o diabo. Ele não foi tentado no deserto por um mal abstrato, como alguns preferem crer, afirmando que o diabo não existe, mas tão- somente a maldade. A Bíblia deixa claro que, a maldade se personifica na pessoa de Satanás. Mateus nos apresenta uma luta pessoal entre Jesus e a maldade personificada.

A tentação é tanto mais profunda e ardilosa, tanto mais sutil e perigosa quanto mais possa vir vestida sob a forma da dúvida. A tentação que se explica e se apresenta como óbvia, aquela que não deixa espaço para o mistério, é logo banida e varrida da alma. Quando ela vem, porém, questionando os pressupostos básicos de todas as nossas arquiteturas de fé, quando toca a pedra angular sobre a qual erigimos a nossa vida, tanto mais perigosa ela se torna.

Esta a razão de a tentação a Cristo ter sido baseada na dúvida. Dúvida essa que ganhou elaborações diferentes em cada uma das três vezes em que ocorreu. Na presente análise, vamos nos ater ao fato da dúvida em si, já que as três tentações que

são feitas a Jesus vêm vestidas de dúvidas: "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães"; "Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito"; e mais: "Tudo isto te darei se prostrado me adorares".

A bomba chamada se

A bomba chamada se tem demolido mais estruturas de fé do que os arrazoados filosóficos mais bem arquitetados, tornando este ataque do diabo o mais veemente e ardiloso. O diabo insinua. Não se trata de uma negação direta e objetiva, mas da colocação de uma dúvida na base da nossa alma.

Desde o princípio foi assim. Ou você são notou o que está escrito em Gênesis, 3:1? Satanás se aproxima da mulher e diz: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" Ele sabia o que Deus dissera. no entanto ao colocar uma interrogação no fim da frase ele implantou a dúvida no coração da mulher. Note como um mero signo lingüístico, ou uma simples alteração de voz, pode transformar uma história, pode fazer diferença entre o bem e o mal, a morte e a vida, a obediência e a rebelião.

A mulher cai em dúvida: Será que ouvi mal o mandamento? Será que esse tempo todo tenho olhado para essa fruta suculenta sem aproveitá-la? Será que são fiz uma boa exegese do texto? Será que usei uma hermenêutica literalista em lugar de alegorista? Na verdade são estou realmente percebendo o que Deus está querendo me dizer!

Apenas uma interrogação, e ele "abismou" a alma e a mente dessa criatura humana num questionamento que veio a se tornar avassalador e destrutivo para toda história da humanidade.

No caso de Jesus, inicialmente o diabo colocou dúvida num texto bíblico, o Salmo 2:7, que afirma acerca do Messias: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei". É em cima deste texto que Jesus constrói sua consciência em relação ao Pai. E é justamente essa base bíblica que o diabo tenciona solapar: "Se és Filho de Deus(-)" É o ardil da relativização da Palavra de Deus.

Quando a Palavra é desabsolutizada; quando deixa de ser o referencial dos referenciais; quando perde a força de ser o juiz definidor de todas as situações, o que daí advém pode trazer riscos terríveis. E o pior de tudo é que o diabo lança dúvida nas promessas mais incisivas e asseguradoras que Deus nos possa fazer quanto a garantir nossos vínculos com ele. O Diabo também duvidou de toda a vida de Jesus e do seu relacionamento com o Pai.

Todos aqueles anos humanos - trinta - vividos na presença de Deus são de repente vistos por Satanás como banalidades. O que ficou para trás podia ser desconsiderado: Vê se és mesmo Filho de Deus!

A bomba é lançada em pontos vitais

O diabo pode lançar dúvida na perspectiva da nossa relação com Deus: se és filho..., se és nascido de sovo..., se tens certeza da vida eterna..., se realmente estás seguro de que os teus pecados estão todos perdoados-, se és selado pelo Espírito Santo da promessa..., se és salvo... E prossegue usando este se nos postos vitais da nossa vida.

Acontece freqüentemente lançar esta dúvida sobre a bondade de Deus. E poucas dúvidas nos prejudicam mais do que aquelas que vão recair sobre a nossa perspectiva da bondade divina.

Um Deus cheio de bondade pode abandonar-nos com fome? "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. "E aquele que ouve esta palavra está com o estômago colado, nos estertores da fome.

Que Deus é esse que, sendo bom, deixa passar fome? Que Deus é esse que, sendo bom, permite que seus filhos estejam à míngua? Que Deus é esse que, sendo bom, permite o sofrimento na vida humana? E sós quase sempre nos deixamos enredar por esse engodo. Isso porque nossa visão do que seja a bondade de Deus está apenas limitada a nosso conceito do que seja um pai - ou talvez até um avô - bonachão, daquele tipo que sem se interessa por saber o que as crianças fizeram de molecagem desde que elas estejam muito felizes.

Mas Deus é Pai celeste. Um Pai de bondade severa e de severidade bondosa (Rm. 11:22). Uma bondade diferente da nossa, porque quase sempre a nossa bondade é sentimentalista e acaba abrindo espaço para coisas que, em sendo consideradas boas pára aqueles com quem desejamos ser bons, acabam às vezes sendo más. A bondade de Deus não é divertimento. Não se limita à estrepolia infantil. Na verdade, o conceito de sua bondade é pequeno em relação àquilo que conhecemos (ou que ainda não conhecemos) a respeito do amor de Deus. O amor é mais do que simples bondade, e é por causa desse amor que o alvo principal de Deus para a nossa vida é transformar-nos em pessoas que ele possa amar sem impedimentos. Ser feliz é muito mais do que gozar a vida: é ser alvo do amor ilimitado de Deus.

A bomba tira sua energia das circunstâncias

Já vimos que o diabo nos ataca com dúvidas e lançando-as em postos vitais da nossa existência. Veremos, ainda como ele sustenta a dúvida através das circunstâncias.

Enquanto a luta é filosófica e teológica você sua frio mas acaba arranjando uma saída metafísica para o problema do bem e do mal, para a questão do sofrimento, entre outras coisas. No entanto, quando a dúvida deixa o campo filosófico-teológico para abrigar-se numa conjuntura absolutamente concreta, a coisa muda de figura. A circunstância é um círculo, uma instância que nos cerca.

Está ali, em derredor. Para onde voltemos os olhos, ela é arrasadora.

Se for a solidão, o diabo diz: Você está só. Como um pai bom abandona o filho? A solidão, a depressão, o vazio, a angústia, o drama psicológico, as perturbações emocionais têm se tornado destruidores para a fé de alguns. Nessas horas, de nada vale elucubrar, dizer que é só impressão, porque o que se instalou no seu coração foi o vazio, o desânimo, a tristeza profunda. Não há como negar.

Se a questão for de moradia, aluguel caro, despejo... o diabo tem a chance de sustentar a dúvida com um problema mais concreto ainda. No caso de Jesus, ele estava no deserto.

Seria acaso um lugar para o Filho de Deus? Da mesma forma, uma casa pequena e de aluguel caro é casa para um filho de Deus? O diabo, neste caso, pode até insinuar se Deus não poderia dar aquele jeitinho para ser contraventor, a fim de colocar você numa vantagem abençoada em relação a uma concorrência... Você é filho, afinal!

Outros nem têm casa para morar. Estão aí nos antros da terra...

Em nosso país são milhares os que vão vivendo como cães, como bichos. E a fé no coração de muitas dessas pessoas parece algo impossível. A vida delas é miséria concreta. O tempo todo.

Conforme a narrativa de Marcos, Jesus estava no deserto sendo tentado por Satanás, mas também sendo acossado por feras (Mc. 1:13). E quantos de nós não vêem nascer a dúvida no coração em razão de uma companhia opressiva? Se você é filho de Deus, por que planejam prejudicá-lo ou fazer-lhe mal os que se aproximam de você? Querem sempre tirar-lhe algo, gerando contínua ameaça a sua paz e segurança.

Comparando a nossa vida a situação de Jesus no deserto, e suas relações com Deus - solitário, sem teto e com fome, e ainda acossado por feras - estabelecemos um paralelo, ao qual ficam claras as situações de Satanás.

Talvez você esteja se sentindo abandonado, vazio, deprimido, preso a carências e entregue a circunstâncias extremamente difíceis, e a inimigos muito ferozes. A impressão que você tem é que, quanto mais tenta se aproximar de Deus, mais as feras assolam contra você. E aí, mais a dúvida cresce; mais desgostos você sofre.

Desativando a bomba

Se este é o seu caso, saiba o seguinte: quando enfrentamos esta dúvida, esta bomba se, e a vencemos, ele se torna extremamente útil para nós. O diabo parece ignorar que quando tenta nos atropelar, aí é que ele acaba arando a terra da nossa vida para que mais fértil se torne.

Muitas das substâncias que ele joga para envenenar a raiz da nossa vida terminam por se transformar em adubo, a fim de que floresçamos em esperança e confiança. Se você está com alguma dúvida que vem de Satanás, então ela é uma Certidão de Filiação Divina. Quando é o diabo que coloca esse tipo de dúvida em minha mente, posso até me sentir muito feliz!

Porque em quem não é filho do Pai ele nem cogita de instaurar dúvidas acerca dessa filiação. Ele sabe que colocar tal dúvida na mente de um ser humano alienado de Deus pode significar empurrá-lo para os braços de Deus.

É melhor deixá-lo andando "sem Pai" vida afora do que perguntar pela existência do Pai.

Quando vencemos essa dúvida satânica ela se torna útil para nós, pois através dela nos preparamos para vencer as dúvidas humanas. Quem enfrenta os questionamentos do diabo e os vence, mais pronto estará para enfrentar e vencer os questionamentos humanos.

E mais ainda: quando vencemos o vendaval da dúvida, o que se segue é bonança e calmaria. Diz a Palavra de Deus de um modo maravilhoso: "Com isto o deixou o diabo, e eis que vieram os anjos, e o serviram". Saiba que nunca o mar é mais calmo do que após a tempestade. Nunca o céu é mais limpo do que depois de ser lavado pelas chuvas torrenciais. Nunca o dia fica mais silencioso do que após ter sido aturdido pelo ribombar de trovões e relâmpagos.

Quando tudo passa, cai uma calma e um silêncio dominadores sobre a terra.

O que a Palavra de Deus diz é que assim é com os psiquismos humanos. Hoje pode ser que você esteja vivendo no meio de um vendaval. Resista! Não sucumba à dúvida! Você é filho de Deus com pão e sem pão, com sinal milagroso ou sem sinal milagroso; e ainda que tropece na pedra e se machuque. Você é filho com reino humano ou sem reino humano, com bens ou sem bens. Você é filho. Diga isto: eu sou filho, arreda-te Satanás!

O que vem depois é um banquete angelical: "Vieram anjos e o serviram".

O que vem depois é a mesa farta de graça divina. Amém!

Capítulo 9

VIDA EM ABUNDÂNCIA

“Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo tenhais vida em seu nome" (Jo. 20:30,31).

Uma coisa interessante e que sempre deve ser observada nas Escrituras Sagradas é o contexto histórico, ou seja, o público ao qual a Palavra de Deus foi dirigida. Embora essa Palavra seja universal e sempre se destine a todo homem, ela nunca deixou de ter um público imediato; ela jamais deixou de tratar com um contexto histórico concreto, e também nunca foi lançada ao vento. Ela sempre teve a finalidade específica de produzir alguma coisa imediata num contexto determinado pela vida dos implicados nela.

Quando leio o evangelho de João fico imaginando o contexto histórico no qual vivia o povo para quem ele foi escrito, inspirado por Deus.

Ao escrevê-lo João vivia na cidade de Éfeso, na atual Turquia e antiga Ásia Menor. A tradição da igreja ali o coloca. São as afirmações de homens como Irineu, Eusébio e Justino Mártir que nos fazem crer ter ele estado em Éfeso até ser desterrado para a ilha de Patmos, não muito distante dali, e onde por certo veio a morrer.

Era portanto o evangelho de um pastor que estava vivendo num contexto urbano, num dos maiores centros da Ásia. Do ponto de vista religioso Éfeso era a cidade mais importante da região, onde Diana - cuja estátua era tida pela tradição pagã como tendo sido feita de um meteoro caído de Júpiter - era fanaticamente venerada.

Posso imaginar João naquela cidade pagã de onde saíam muitas estradas. Quando Paulo passou uma temporada na escola de Tirano, em Éfeso, o impacto de sua mensagem se fez ouvir por todos os habitantes da Ásia (At. 19:9,10), o que exemplifica a

importância da cidade, por onde passavam muitos viajantes. Pois foi ali que João se instalou, tendo sido pastor daquela comunidade durante alguns anos.

Gostaria que você imaginasse João ali, tentando comunicar o evangelho à cidade. O objetivo e o interesse de seus registros estão expressos no contexto citado acima: compartilhar vida com seu público. João queria comunicar vida àqueles que vinham ouvir-lhe a palavra. Diz ele: "Estes, porém, foram registrados para que creais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".

A intenção de João era mudar a vida daquela cidade e produzir a vida de Jesus naquele meio social. Seu desejo era que os homens dali fossem impregnados da vida alternativa e eterna que Cristo veio propor, e que as pessoas, ao crerem na Palavra de Deus, recebessem a influência dessa vida inteiramente divina que Jesus veio compartilhar com os homens.

Tive a curiosidade de contar o número de vezes em que a palavra vida aparece no evangelho de João. Contei 43. Na verdade não há nenhum outro evangelista que fale mais em vida do que este apóstolo. Aliás, isto acontece em relação a todo o Novo Testamento. As cartas de João, apesar de curtas, repetem mais a palavra vida que as de qualquer outro autor que nele aparece. Ele deveria estar plenamente convencido de que conhecer Jesus era conhecer a vida, andar com ele era andar vivo, e estar impregnado dele era estar impregnado de uma qualidade de vida que mais nada neste mundo poderia produzir. A clássica expressão de Jesus "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" só é encontrada no evangelho de João.

A vida eterna, conforme nos é apresentada pelo apóstolo, é um estilo divino de existir. Atente para isto: vida eterna não significa apenas viver para sempre, posto que a morte eterna também não significa inexistir para sempre. Existe unia imortalidade na morte eterna. Isto é um paradoxo, mas é o que a Bíblia ensina. O inferno não é lugar de extinção, mas de autoconsciência e de existência eterna. Quando a Palavra de Deus nos fala de vida eterna não está dizendo que aqueles que não a recebem ficam aniquilados na existência. Pelo contrário: vão existir eternamente no inferno, em dor, sofrimento e alienação da presença e da pessoa de Deus. Logo, vida eterna, especialmente nas páginas de João, é muito mais estilo de vida

do que uma descrição da duração da vida. João mesmo escreve, repetindo as palavras de Jesus: "E a vida eterna é esta: Que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo. 17:3).

Vida eterna é conhecer a Deus. É manifestar a qualidade de vida de Deus. É absorver a intensidade de vida de Deus. É dar sinais das virtudes divinas na vida pessoal. É apresentar a duração da vida de Deus na própria vida, já que agora também viveremos para sempre. Vida eterna é pois um estilo divino de viver. E foi isso que Jesus veio partilhar conosco: não apenas uma existência imortal como para alguém que houvesse tomado o elixir da longa vida. Jesus veio para fazer mais do que isto: veio aquinhoar o meu espírito, que está destinado a viver para sempre com a possibilidade de a partir de hoje, aqui e agora, começar a viver melhor e entrar na eternidade, na dimensão do inteiramente indescritível em termos de qualidade e de pujança de vida em Cristo Jesus, nosso Senhor.

A vida eterna começa a se manifestar em qualidade a partir daqui e de agora mesmo. Portanto, o objetivo desse evangelho de João, segundo o texto escolhido, é compartilhar vida. E o contexto para o qual João estava pregando de modo imediato era a cidade de Éfeso.

Fé e vida

João nos ensina ,que a fé é o meio pelo qual Deus nos comunica vida. O texto em foco diz exatamente isto: a intenção é comunicar vida.

Mas só existe uma possibilidade de comunicá-la: através da fé. Aliás, há no evangelho de João uma conexão marcante entre fé e vida. Se você tiver a curiosidade de examinar a palavra vida numa chave bíblica, irá observar que nas inúmeras vezes em que ela aparece sempre há no contexto imediato uma ligação com crer, ter fé. João, 3:15, por exemplo, diz isso: "...para que todo o que nele crê tenha a vida eterna'; o v. 16 diz: "para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna"; João, 5:24 afirma: "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me

enviou tem vida eterna"; João, 6:47: "Quem crê tem a vida eterna".

Verificamos, pois, que há uma associação incontestável entre vida e fé. Em todo o contexto do evangelho de João, para ter vida é preciso ter fé. Mas conquanto o evangelho nos coloque a fé como veículo pelo qual essa vida se manifesta, todavia a sua fonte é única e exclusivamente a pessoa do Senhor Jesus. Ter vida é estar em Cristo.

O fundamento da fé que gera vida

Observe agora que a base sobre a qual João estabeleceu a Fé - veículo de vida- são os milagres. Veja o mesmo texto: "...outros sinais(...) não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creais que Jesus é o Cristo(...) e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".

É interessante como João faz uma relação com todo, o contexto antecedente do seu evangelho. Ele está como que dizendo: "Ouçam, eu me refiro a muitos milagres. Jesus realizou muitos outros. Mas eu preparei uma coletânea dos que julguei mais importantes para comunicar vida a vocês.

Tudo o que escrevi até aqui teve um propósito; os milagres que arrolei no meu evangelho têm a finalidade de comunicar vida a vocês e à cidade, para que crendo nestes sinais recebam toda a ingerência e a manifestação que essa vida pode vir produzir em vocês".

As sete promessas de vida

Se contarmos os milagres narrados por João, concluiremos que são sete. É interessante notar que sete era um número especial para os judeus. João, como bom judeu, narrou aqui sete milagres para falar dessa vida plena, abundante e total em Cristo. Também é válido lembrar que no contexto bíblico sete é o número da totalidade.

A qualidade da vida

O primeiro milagre registrado por João aconteceu num casamento em Caná da Galiléia. Jesus e sua mãe tinham sido convidados e se fizeram acompanhar pelos discípulos. Como o vinho houvesse acabado antes do tempo, Maria chamou Jesus e lhe disse: "Eles não têm mais vinho." Ao que Jesus respondeu: "Mulher, que tenho eu com isso? Ainda não é chegada a minha hora". Então ela chamou os serventes e lhes instruiu: "Fazei tudo como ele vos disser".

Jesus, em lugar de mandá-los buscar vinho fora, ordenou-lhes: "Peguem algumas talhas e as encham de água". Eles encheram até a borda. Sem nenhuma pompa e sem nenhum passe de mágica, Jesus lhes diz que levem a água ao mestre-sala. Os serventes talvez pensassem com estranheza: "Como é que falta vinho e ele nos manda encher as talhas de água para levar ao mestre-sala? Que absurdo!..." A obediência à ordem de Jesus tem porém resultado inesperado. O mestre-sala, tomando o caneco, bebe dele, dá um estalo com os lábios e pergunta admirado: "Onde está o noivo? este rapaz não tem senso de economia... Que indivíduo sem sentido prático! Onde está o noivo?"

E quando se depara com ele, lhe diz: Não compreendi tua atitude.

Todos costumam servir primeiro o bom vinho, e quando as pessoas já perderam um pouco do olfato, servem o inferior. Tu, no entanto, guardaste o bom vinho até agora!?..."

E diz a Bíblia: "Com este deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele". Pergunto então: Qual a mensagem central deste milagre?

Certamente ela nos é revelada através da pessoa do mestre-sala: "Todos costumam por primeiro o bom vinho (...) tu, porém, guardaste o bom vinho até agora". João nos está ensinando, e a seu público em Éfeso, que Jesus é o Senhor da qualidade, e que quando ele está presente o nível de vida sobe. Isto significa que o que Jesus pode fazer nem a melhor intenção festiva do homem no próprio dia do casamento pode realizar. "O que não subiu ao coração do homem, Deus tem preparado para

aqueles que o amam." Chega Jesus e supera todas as expectativas, até mesmo aquelas que as intenções da alma podem produzir no dia maior do amor.

Está é a primeira mensagem de João dirigida não apenas a Éfeso, como também a cada um de nós, para fazer entender que Jesus, o Senhor da vida, realizou este primeiro sinal com a finalidade de nos dar a profunda consciência de que ele é também o Senhor da qualidade de vida. Somente nele podemos saborear a existência, e isto nos deve fazer questionar qualquer projeto de vida cristã que tire das pessoas a alegria de viver.

O horizonte da vida

Passemos agora ao segundo milagre narrado por João. Encontra-se no cap. 4, v. 46 a 54, e trata da cura do filho de um oficial do rei. A distância entre Caná da Galiléia, onde Jesus se encontrava, e Cafarnaum, onde estava o rapaz doente, é de cerca de trinta quilômetros, e o funcionário do rei deve ter andado dois dias subindo montes em busca de Jesus - levando-se em conta que a jornada normal de um dia é de aproximadamente quinze quilômetros. O oficial do rei convida então Jesus a parar o movimento evangelístico que estava realizando para ir em sua companhia, a fim de curar-lhe o filho, o que significa mais dois dias de viagem de volta.

É uma longa distância para fazer a pé. Jesus então lhe diz: "Se porventura não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum crereis". Ao que o homem insiste com ele, para que volte com ele e coloque a mão sobre seu filho, salvando-o da morte. Jesus porém lhe assegura: "Vai(...) teu filho vive". O homem então parte para casa. Por volta de uma hora da tarde do segundo dia vê ele que vêm alguns dos criados em sua direção. Ao encontrarem-no, dão-lhe a notícia de que o filho vive. Pergunta-lhes então a que horas isso acontecera, e eles respondem: "Ontem, por volta de uma hora da tarde". Reconhece ter sido essa precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: "Vai teu filho vive". A palavra do Senhor viajou trinta quilômetros e atingiu aquele moço, curando-o imediatamente.

Quem vive na região urbana começa logo a entender a razão porque João, que também pregava numa cidade, compartilhava o fato de que a vida em Jesus é acessível a todas as pessoas, mesmo que estas sejam habitantes de uma megalópole. O apóstolo está ensinando que Jesus é o Senhor das distâncias. E se há um problema altamente significativo nas cidades, este é o das distâncias. As pessoas estão geograficamente afastadas e interpessoalmente separadas, vivenciando distâncias afetivas, emocionais, sociais, políticas e raciais. Mas Jesus veio para aproximar. Ele avizinha todas as pessoas na possibilidade de um viver abundante nele e uns com os outros.

Isto nos leva a crer e a afirmar que um dos sinais da vida eterna na existência humana é a capacidade de vencer as distâncias que separam os seres humanos.

A recuperação da vida

Há um terceiro milagre registrado no capítulo 5 de João. No tanque de Betesda havia um paralítico que há trinta e oito anos aguardava o dia da sua cura. Bastaria que ele fosse o primeiro a entrar nas águas depois que um anjo que descia do céu de tempo em tempo as agitasse. Como porém seu problema era de locomoção, ali permanecia o homem quase sem esperança de ser sarado. Ao ver o que se passa, Jesus lhe faz uma pergunta óbvia: "Queres ser curado?" Ao que o paralítico respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque quando a água é agitada, pois enquanto eu vou desce outro antes de mim". Em outras palavras: sempre perco a oportunidade. Jesus então lhe ordena: "Levanta-te, toma o teu leito e anda", e a narrativa conclui revelando que "imediatamente o homem foi curado".

Desta forma João nos ajuda a entender que Jesus é também o Senhor do tempo. O que as misérias humanas fizeram àquele homem em trinta e oito anos Jesus resolveu em fração de um segundo. Há certas coisas na vida dos homens que vão desgastando a existência. São realidades destrutivas e malignas que se embrenham na psique humana fazendo com que a vida seja vivida de modo terrível. Mas eis que subitamente Jesus pode

produzir vida abundante. Ele é o Senhor do tempo. Agudo que as desgraças se encarregam de produzir em anos, ele é capaz de desfazer imediatamente.

A vida em abundância

A multiplicação dos pães é o quarto milagre narrado por João, e aparece no cap 6. Trata-se de um sério problema econômico. André se aproxima de Jesus e lhe diz: "Está aí um menino que tem cinco pães e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?" Jesus não rejeita esta pequena contribuição, mas pede que todos se sentem formando grupos distintos. Depois de abençoar os pães e os peixes e de dar graças, os distribui. E quando aqueles cinco mil se fartaram, foi preciso recolher o que havia sobrado, e eles "encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que haviam comido". Jesus deu, pois, a cada discípulo incrédulo um cesto cheio de pães que haviam sobejado. Isto por causa da abundância do milagre.

Jesus é o Senhor da quantidade: ele é capaz de produzir em nós o que nos falta, de acrescentar o que temos em escassez e de suscitar em nós o que nem sequer existe.

Ambiente e espaço de vida

Neste mesmo cap. 6 há um outro milagre que João registra com a finalidade de produzir em nós vida. Trata-se do relato do grande acontecimento do mar da Galiléia, quando Jesus anda por sobre as águas. É bom observar as lutas terríveis com as quais Jesus teve de se confrontar: o mar irritado, a noite escura e o vento contrário. O ambiente era hostil. Além do mais, Jesus estava vencendo as dimensões: a lei da gravidade e as forças que empurram para trás.

Este milagre foi colocado aqui para que nós, crendo, tivéssemos vida em nome de Jesus. O que João quer deixar claro é que esta vida pode ser abundante porque Jesus é o Senhor dos ambientes. E quando se vive numa cidade, esta é uma palavra

altamente significativa, já que as regiões urbanas sempre nos impõem problemas ambientais. É sua turbulência e agitação; são as forças contrárias que nelas atuam; é a escuridão e a falta de perspectiva; enfim são todas as lutas e todos os confrontos típicos à vida citadina. Em visto disso o autor declara que se você tiver Jesus é possível ultrapassar e vencer tudo isso, pois ele é o Senhor dos ambientes- por mais escuros, confusos e tumultuados que sejam. Ele acalmou o mar e andou sobre as águas. A escuridão e os ventos contrários para ele nada significam.

Respostas aos problemas da vida

O sexto sinal está exposto no cap. 9, e nos dá conta de certas observações que os discípulos de Jesus fizeram a respeito de um cego de nascença que por ali andava. Uma preocupação se revela na pergunta que os discípulos fazem a Jesus: "Mestre, quem foi que pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?"

A resposta de Jesus é esclarecedora: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestassem nele as obras de Deus".

João agora nos apresenta Jesus como Senhor de todas as questões filosóficas. Ele é o Senhor do problema da dor. Ele tem resposta para as mentes inquiridoras que habitam as cidades e para os que se mostram perplexos ante os problemas da existência. Aos que perguntam "Por que as problemáticas invadem a vida das pessoas desde o ventre?" "Por que crianças nascem deformadas?

Por que enfim, a dor?" ele responde: "Para a glória de Deus".

Para livrar este cego do seu problema congênito Jesus cuspiu na terra, fez lodo com a saliva e emplastou-lhe os olhos antes de dizer-lhe: "Vai, lava-te no tanque de Siloé". Todo sujo, foi ele descendo pelo vale até chegar a. Siloé, onde se lavou. Ao fazer isto seus olhos foram se abrindo e ele começou a ver uma imagem trêmula saindo da água. De repente deu um grito: "Este

sou eu! ... Jesus me curou! Um homem chamado Jesus untou de lodo os meus olhos e eu fiquei curado!"

Jesus é o Senhor do problema da dor. Aquilo que é aflição hoje terá um dia explicação satisfatória. O presente peso de angústia que nos parece mistério indecifrável encontrará resposta em tempo determinado, e nós saberemos que "foi para a glória de Deus".

Mas nem sempre Jesus usou cuspe e terra para curar cegos. Com Bartimeu foi diferente. Estava ele às portas de Jericó quando começou a perceber um burburinho incomum - crianças gritando, pessoas em tropel, batidas de cajados de velhos, agitação de animais; enfim, a cidade em sobressalto. O cego, isolado, sem ninguém que se importasse com ele, continuava sentado, querendo no entanto parar alguém para saber o que estava acontecendo. Foi quando ouviu dizer que era Jesus. Pôs-se então a gritar a plenos pulmões: "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!" As pessoas o repreenderam para que se calasse, mas ele gritava cada vez mais forte: "Filho de Davi, tem misericórdia de mim!"

Ao ouvir tais clamores Jesus parou e disse: "Chamai-o. Imediatamente levaram Bartimeu à presença de Jesus, que fez ao cego esta pergunta esquisita: "Que queres que eu te faça?" O outro deu resposta óbvia: "Mestre, que eu torne a ver". Ao que Jesus lhe disse: 'vai, a tua fé te salvou". Este homem recuperou a visão no mesmo instante em que ouviu tais palavras, e diz a Bíblia que ele "seguia Jesus estrada afora'.

Vida para além da morte

O último milagre registrado por João está exposto no capítulo 11 do seu evangelho, e narra a ressurreição de Lázaro. Esta exposição tem por objetivo revelar que Jesus é também o Senhor da vida e da morte.

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra vivera".

João declara que todos os sinais por ele descritos tinham como finalidade levar-nos à fé que conduz à vida no nome do

Senhor Jesus. E sua intenção era ainda mostrar-nos que essa qualidade de vida caminhava sempre para o melhor. João pretendia que entendêssemos que não há distância que nos separe da vida, e que ele poderia nascer em nós imediatamente, sem tempo de espera, pois ele é o que desfaz todos os sinais produzidos até aqui pela morte. E mais: que há exuberante quantidade de graça para os que recebem a vida em Jesus, abundância de vida mesmo em meio aos ambientes mais negativos, pois é ela mais pujante que a dor do tempo presente. Finalmente: ele nos oferece vida para além da própria morte, pois a ressurreição e a eternidade já penetraram nossa vida aqui e agora.

Estes sinais foram escritos para que creiamos e, crendo, tenhamos vida no nome do Senhor Jesus. Maravilhoso evangelho cuja intenção é levar-nos a viver vida abundante em Jesus Cristo, através da nossa fé.

Que assim seja conosco!

Capítulo 10

Em busca da Terra Prometida

Minha intenção ao abordar as riquezas deste texto é que cada leitor possa retirar alimento e exortação da parte do Senhor, a fim de que, com perseverança, entre no descanso, na graça, no alívio e na morada de Deus para todo o sempre.

Logo no início do trecho que destacamos o autor estabelece um paralelo entre a Igreja de Cristo e o povo de Israel na peregrinação pelo deserto. Os cinco primeiros versículos deixam isto muito claro, resumindo aí que somos tão peregrinos hoje sobre a face da terra quanto o foi Israel no deserto, a caminho de Canaã. Estas semelhanças são verificáveis? Certamente. De imediato, somos convidados a observar que nós temos, assim como eles também tiveram, uma vocação: fomos chamados do pecado, convertidos das trevas para a maravilhosa luz do Senhor, para a pátria celestial que está sendo oferecida no céu em Jesus. Assim também eles foram chamados do Egito, onde

eram escravos, para provar algo novo e melhor que Deus lhes havia reservado.

Mostra-nos ainda o autor uma outra semelhança com referência à peregrinação deles e à nossa. Dizem o v 11 do cap. 3 e os vs. 9 e 11 do cap. 4 que também para nós está destinado um repouso. Israel não teve sossego e tranqüilidade enquanto peregrinava pelo deserto, pois estava previsto que tal repouso eles receberiam na terra prometida, caso andassem na vontade e no caminho do Senhor.

E o terceiro aspecto deste paralelo diz respeito àquele que introduz o povo no país ambicionado. Israel teve um introdutor. Moisés, que os tirou do Egito, conduziu-os pelo deserto e lhes acenou com a terra prometida. Também a nós é revelado que temos um introdutor (cap. 3:1,2), que nos chamou para essa vocação celestial e que agora nos guia a caminho do descanso, à morada eterna de Deus.

A vocação celestial da Igreja

Não devemos nos esquecer de que a carta aos Hebreus foi dirigida, como pelo próprio nome fica explícito, a hebreus que tinha conhecido a graça de Jesus Cristo, e o haviam recebido como Messias, Senhor e Salvador, tendo depositado nele sua confiança. Agora porém, no curso dos anos, estavam como que retrocedendo aos rituais judaicos, ao legalismo, à lei mosaica, ao sacrifício, às abluções, à fé na Lei e a todas aquelas coisas das quais Cristo, no seu sacrifício redentivo e vicário na cruz, libertou a Igreja de uma vez para sempre.

Cristo abolira as ordenanças, legislações e estatutos que sobre nós pesavam, dentro dos quais não conseguíamos viver em absoluta obediência, conforme reividincava a Lei. Jesus cravou todas essas ordenanças na cruz, libertando-nos de vez de todo o jugo de escravidão. Ele tirou de sobre nós o peso da lei que, ao ser transgredida, produz em nós o sentimento e a realidade da morte. Ele nos livrou da condenação por causa da lei do Espírito e da vida: a lei da liberdade, a lei do Espírito Santo que agora aplica a sua graça salvadora ao nosso coração.

Como os hebreus estavam retrocedendo de todos esses benefícios, o autor lhes escreve esta carta, a fim de fazê-los perceber que a responsabilidade deles e nossa, como Igreja de Jesus, como povo de Deus no tempo presente, é muito maior, muito mais elevada e séria do que a dos israelitas quando caminharam pelo deserto entre o Egito e a terra que Deus lhes prometera.

Senão observe como a nossa responsabilidade maior se acentua com a comparação. De imediato notamos o peso dessa diferença: a vocação da Igreja é celestial, enquanto a deles terrena. A nós Deus promete o céu; a eles prometia uma terra de alguns trezentos quilômetros de comprimento por cento e cinqüenta de largura. Nada mais que isso.

Nosso descanso é celestial, e nele só entraremos ou pela via da morte ou pelo arrebatamento, quando o Senhor Jesus voltar para buscar a sua Igreja, a fim de estarmos para sempre com ele. O repouso deles era terreno, e se eles houvessem andado em obediência teriam feito a trajetória com todas as crianças, velhinhos, bois e ovelhas, do Egito à Terra Santa no espaço de alguns seis meses. Homens saudáveis fazem-na pelo deserto em quinze dias.

Foi a desobediência que levou o Senhor a fazê-los andar em círculo durante quarenta anos, até que todos os descrentes daquela geração sucumbissem no deserto, conforme a Palavra do Senhor dada através de Moisés.

Também o introdutor que nos faz entrar nas moradas celestiais e no descanso eterno, Jesus, é infinitamente incomparável e superior a Moisés.

Posso até imaginar o impacto que essa declaração deve ter provocado nos sacerdotes que, de acordo com Atos, 6:7, estavam obedecendo à fé e aos quais esta epístola foi destinada em primeira mão.

A tendência dos judeus cristãos e de boa parte dos sacerdotes naqueles dias era imaginar Jesus, o Messias, Senhor e Salvador, como uma extensão do ministério de Moisés. Jesus seria o cumpridor, aquele que interpretou e absorveu a Lei dentro dó Espírito de Deus. Mas vem o escritor aos hebreus e diz claramente que não se pode comparar Moisés a Cristo. Moisés era um profeta, e "fiel em toda a casa de Deus como servo", mas

Jesus, em contraposição, era o Filho daquele que construiu a casa. Eles são inteiramente distintos: o Senhor Jesus não é um profeta, mas o Filho de Deus, com todas as prerrogativas de herança e de direito naturais ao primogênito.

Jesus: Nosso Sumo Sacerdote

Constatamos que o texto começa pela locução "por isso", o que logicamente reivindica razões no contexto antecedente. Recorremos então ao que foi considerado no cap. 2, especialmente no v 18, para explicar a perfeita superioridade de Jesus como Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão: "Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados".

0 que está sendo dito aí é que a responsabilidade da Igreja de Cristo é muito maior do que a dos hebreus no deserto, pois nunca houve um tempo histórico, antes de Jesus Cristo vir a este mundo, no qual os homens tivessem tantas oportunidades para resistir, vencer e sobrepujar o poder do pecado. Que outro tempo houve no qual os homens tivessem um sumo sacerdote que intercedesse por eles junto ao trono da graça? Qual foi o outro tempo quando Deus enviou o Espírito sobre toda carne para energizar, fortalecer, convencer, encorajar e estimular os que nele cressem? Que outro tempo houve em que se falasse clara, definida e explicadamente sobre o poder do sangue purificador de Jesus Cristo, derramado na cruz do Calvário? Que outro tempo se viveu em que demônios, principados e potestades, e o diabo obedecessem à voz e ao pronunciamento de um nome, como neste tempo o fazem ante o nome do Senhor Jesus? Em que tempo foram as Escrituras mais compreendidas do que nesta dispensação, na qual o Espírito Santo tem lançado luz a respeito das revelações ali registradas, as quais, no curso dos anos, estiveram impedidas de serem manifestas e discernidas em virtude da ausência do Espírito que tudo clareia?

Somos pois tão peregrinos como os israelitas o foram, mas com uma responsabilidade muito maior. O povo de Deus hoje - a Igreja de Jesus - está revestido de poder para resistir à tentação mais do que em qualquer outro tempo da história. Temos um Sumo Sacerdote que intercede por nós: o Espírito do nosso Deus

que nos estimula e nos conduz à vitória, para a glória do Senhor. De posse de todos esses recursos, que é pois que nos cabe fazer a fim de não cairmos pelo caminho como aconteceu à maioria deles?

Tanto em I Coríntios, 10, como no texto do qual estamos tratando, verifica-se a intenção do Espírito Santo de levar-nos a entender que Israel deve ser considerado por nós como um exemplo, a fim de que, observando sua conduta e procedimento, o caráter de Deus, o amor e o juízo do Senhor para com eles, o coxear do povo e todo o resto nos ajudem a compreender a melhor forma de viver hoje. Já bastam os erros de Israel no passado.

Temos hoje para onde olhar. Temos história! Podemos olhar para trás e tirar lições para que não nos deixemos enredar pelas sutilezas dos laços do adversário em nossa própria carne.

Fico pensando nos seis ou sete anos em que, pastoreei junto com meu pai na igreja de Manaus. Devo ter pregado cerca de duas mil vezes. Um dia desses refletia comigo: quanta pregação, quanta palavra dita! E hoje, muitas daquelas pessoas estão no mundo e distantes de Deus... A gente vai ficando com o coração temeroso, pois há sintomas aparentes de que alguns estão prestes a cair no desvio e na apostasia...

Tem um pé dentro e outro fora da igreja. São alegres, cantam, louvam, procuram os primeiros lugares, mas depois de algum tempo começam a se afastar, indo um pouco mais para trás, ficando ausentes, até que não aparecem mais. Distantes e alheios à comunhão de Deus, imergem no mundo, apartando-se finalmente do Senhor. É como se as coisas ensinadas nunca houvessem sido aprendidas. E quando a gente confronta a sua vida, tem a sensação de que estiveram cegos, surdos e endurecidos à revelação de Deus.

Entretanto, se Deus nos trouxe à igreja, tem nos conservado nela e nela nos tem ensinado, é porque seu interesse profundo e inarredável é que, como peregrinos na face da terra, cheguemos ao lar celestial, entremos no seu descanso e nos apropriemos dos benefícios realizados em nosso favor por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Como fazer, então, para permanecer firmes neste mundo que mais do que nunca jaz (e manifesta que jaz) no maligno? Como e de onde vamos arrancar

forças para nos estribar e caminhar sem tergiversações até o lar celestial, em Cristo Jesus, nosso Senhor?

A exultação da esperança

O v. 5 nos dá integralmente a chave desses dois capítulos e dos ensina- mentos que nos expõem. Vejamos o que diz: "E Moisés era fiel em toda a casa de Deus como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas; Cristo, porém, como filho, sobre a sua casa; a qual casa somos nós(...)" Ele afirma que nós somos "casa de Deus% mas acrescenta: "Se guardamos firmes até o fim a ousadia e a exultação da esperança".

O apóstolo insere um "se" na sua assertiva, e este talvez seja o "se" mais perigoso das Escrituras Sagradas. Somos povo de Deus. Somos casa de Deus. Vamos ser introduzidos no lar celestial em Cristo Jesus "se guardamos firmes até o fim a ousadia e a exultação da esperança". Até que a porta da mansão celestial se abra e Deus diga: "Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu Senhor" (Mt. 25:21).

"Se guardarmos firmes até o fim a ousadia e a exultação da esperança." A palavra grega correspondente a ousadia é "coragem", e a expressão "exultação da esperança" significa literalmente "orgulho da esperança". O que o Espírito Santo está querendo dizer é que essa esperança não é algo de que devemos nos envergonhar. A esperança em Deus - falar do céu e da volta de Jesus - não nos obriga a baixar a cabeça por achar que no fundo quem vai resolver os problemas do mundo é a tecnologia, ou as ciências políticas. É a coragem de proclamar até o fim que as escrituras dos homens são impotentes, e caminhar perseverantemente olhando para o céu, exultante, confessando a vinda do Senhor como uma apoteótica, definitiva e última manifestação solucionadora de Deus para as terríveis questões deste planeta e da história da civilização.

Quando ouvimos essa declaração e imaginamos que ela está associada ao contexto da peregrinação do povo de Israel no deserto, o que nos salta à mente é o exemplo de ousadia e de

exultação da esperança dos dois únicos homens que prevaleceram contra a incredulidade daqueles dias e tomaram posse das promessas que Deus lhes fizera. Moisés os mandou espiar a terra junto com dez outros príncipes do povo de Deus. Eles entraram lá, foram pelo Neguebe, subiram as montanhas do Sul da Judéia e alcançaram Hebrom. E quando chegaram a Hebrom viram que a terra era habitada pelos filhos de Enoque: homens grandes, de imensa estatura, verdadeiros gigantes. Ao verem aqueles homens grandes e fortes, temeram e tremeram da cabeça aos pés. Observaram que suas cidades eram amuralhadas e inexpugnáveis, e ficaram olhando para as ameaças que aqueles homens em si mesmos constituíam.

Alguns que chegaram ao vale de Escol, "dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens numa vara; como também romãs e figos'. Imaginem dois homens para carregar um único ramo de videira com cachos de uva até o deserto onde Moisés estava acampado com o povo! Extraordinários, eram o esplendor, a pujança e a produtividade daquela terra.

Vendo os frutos maravilhosos o povo exultou, mas dez dos mensageiros enviados infamaram a terra dizendo que era "terra que devora os seus moradores% e que o povo que nela habitava era constituído de homens de grande estatura, a ponto de parecerem eles próprios gafanhotos em comparação com eles. "Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós", garantiram.

Josué e Calebe, porém, tomando a palavra disseram a toda a congregação dos filhos de Israel: Não é verdade. A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará: a terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo desta terra, porquanto como pão os podemos devorar; retirou-se deles o seu amparo; o Senhor é conosco; não temais" (Nm. 14:7-9). Deus está conosco! Creiamos na sua palavra! É sua intenção nos dar descanso e nos fazer bem. São as boas-novas que nos foram anunciadas. Há uma pátria, uma terra próspera aguardando por nós!

Eles no entanto sucumbiram na incredulidade, e Deus prometeu que não mais entrariam no seu repouso: "Porém tão

certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, e todavia me puseram à prova já dez vezes e não obedecem à minha voz, nenhum deles verá a terra que com juramento prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá" (Nm. 14:2123). E foi assim que eles vagaram quarenta anos pelo deserto, sem entrar na terra que estava apenas e uns cento e cinqüenta quilômetros deles. Quarenta anos sem alcançar a terra da promissão por causa da incredulidade e da dureza de coração!

Quando Moisés morre, Josué, sucessor do profeta de Deus, introduz o povo em Canaã, e começam aí as conquistas. Calebe, aproximando-se de Josué, lhe diz: "...quarenta e cinco anos há desde que o Senhor falou esta palavra a Moisés, andando Israel ainda no deserto; e já agora sou de oitenta e cinco anos. Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou: qual era a minha força naquele dia, tal ainda agora, para o combate, assim para sair a ele, como para voltar. Agora, pois, dá-me este monte de que o Senhor falou naquele dia; pois naquele dia ouviste que lá estavam os enaquins e grandes e fortes cidades: o Senhor porventura será comigo para os desapossar, como prometeu" (Us. 14:10-12). Ironicamente, Calebe desejava para si o lugar mais perigoso da terra, onde se encontravam os gigantes e os inimigos. E "Josué o abençoou, e deu a Calebe, filho de Jefoné, Hebrom em herança".

Calebe subiu. Desalojou da terra os gigantes, destruiu tudo e instalou-se ali com o seu povo, fazendo dela sua morada. O mesmo se deu com Josué, que recebeu de herança a tribo de Efraim, no meio da terra. Estes dois varões são exemplos fortíssimos desse espírito de galhardia, combatividade, exultação e coragem, que deve existir no coração de cada um de nós ainda nos anos por vir, diante do desafio que nos resta enfrentar e no espaço que temos a percorrer até entrarmos no descanso de Deus.

Quando penso em alguém com orgulho da esperança da volta de Jesus eu me lembro do dia em que Billy Graham esteve na casa de Sir Winston Churchil, na Inglaterra, logo após a Segunda Guerra Mundial. O pregador fazia uma campanha naquele país, e as multidões afluíam em massa, o que resultou em muitas conversões. Jornais e rádios anunciavam tais eventos

maravilhosos, e Churchil soube da presença daquele evangelista jovem e cheio de carisma em seu país. Intrigado com o fato de as multidões irem ouvi-lo mandou chamá-lo. Quando o pastor chegou, o homem considerado a maior raposa, o maior estrategista, o maior crânio e a celebração da Segunda Guerra, responsável por todo o esquema intelectual da vitória sobre os nazistas, queria apenas saber: "Qual é a sua esperança para o mundo? Diga- me o que pode haver capaz de mudar este planeta". Ao que o evangelista, sereno e seguro, respondeu: "A minha esperança é o Senhor e a volta de Jesus. Esta é a única esperança". Diante da inteligência de um homem como Churchil, ele não hesitou em declarar exultante: "Precisamos de Jesus".

Um coração que não esmorece

A questão que coloquei anteriormente foi: O que fazer para não cair no meio do caminho?" E a resposta da Palavra de Deus é: "Não deixe que esmoreça em seu coração a coragem, a ousadia e a exultação da esperança".

Mas continuo inquirindo: "Como guardar no coração a ousadia e exultação de esperança?" Este é o ponto de capital importância.

O escritor de Hebreus nos diz que precisamos ter cuidado com a incredulidade. Observe os vs. 12 e 13 do cap. 3: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado".

Quando o coração se deixa envolver pelo engano do pecado ele se torna duro, e conseqüentemente incrédulo. Psicologicamente, a descrição feita do processo pelo qual o coração se deixa enganar é a seguinte: primeiro o pecado se introduz no coração; depois, somos iludidos pelo gosto do pecado; a seguir, ele fica endurecido, e com a dureza vem a incredulidade e a apostasia.

Incredulidade, no texto em foco, não é a incapacidade de crer: "Ah! eu não sei se Deus existe..." "Não sei se a morte de

Cristo na cruz foi vicária ou só um exemplo..." "Não sei se a ressurreição aconteceu de fato..." "Não sei se a Bíblia é realmente infalível..." Na verdade, incredulidade é admitir tudo isso e ter um coração duro, que não se submete às coisas que intelectualmente admite. E este é o problema da maioria de nós. Temos sido incrédulos, não por descrer da revelação, porém por crer, entender e discernir, sem no entanto nos submeter àquilo que entendemos e discernimos.

O povo que deixou o Egito tinha conhecimento sobre Deus. Pouca gente o teve mais que eles nas suas andanças pelo deserto. Você já foi acompanhado durante quarenta anos por um pão que caía nas cercanias da sua casa? Era só ir lá, apanhá-lo e comer... Em cima de seu teto, coluna de fogo à noite, e de dia uma coluna de nuvens? Quando tinha fome as aves voavam baixo e era só alcança- las com a mão? Certa vez, numa rebelião, intentaram um linchamento - como muitas outras vezes ameaçaram fazer-, e "a glória do Senhor apareceu na tenda da congregação a todos os filhos de Israel" (Nm. 14:10). Assim eram eles guiados na sua peregrinação. Não havia como descrer, pois Deus estava lá, inserido no contexto do seu dia-a-dia.

O que se pode verificar então é que eles tinham conhecido muitos sobre Deus mas faltava-lhes o conhecimento de Deus. E é isto que também nos falta.

Conhecimento sobre Deus em nós sobeja, mas eu afirmo que é muito melhor um pouquinho do conhecimento de Deus do que muito conhecimento sobre Deus.

Confiantes na palavra que opera

A segunda advertência que nos é feita com o fim de conservar em nós a alegria da esperança é no sentido de que não dissociemos a Palavra de Deus da fé: "Temamos, portanto, que sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado. Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé, naqueles que a ouviram" (Hb.

4:1,2). A Palavra do Senhor dirigida ao povo no deserto não tinha para eles sentido porque não havia fé.

Não tenho o menor constrangimento em afirmar que o que temos ouvido de Deus é mais do que ouviu a maioria das igrejas do Novo Testamento.

Eles receberam aspectos isolados da revelação, enquanto nós a temos hoje inteira- mente na mão, encadernada e insistentemente anunciada. Não aconteça que sejam estas boas-novas desperdiçadas em nossa vida por não serem acompanhadas pela fé!

A carta aos Hebreus nos admoesta ainda a empenhar nosso esforço por entrarmos no descanso: "Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência" (Hb. 4:11).

Li uma versão inglesa das Escrituras - a de William - que alegrou meu coração. Esta versão assim se refere ao texto de Filipenses, 2:12,13: "Com reverência e respeito continuarei labutando até o ponto final da vossa salvação, pois é o próprio Deus quem opera em vós, a fim de ajudar-vos a desejar e a fazer". Também aprecio imensamente o que Pedro diz no cap. 1, v 10, da sua segunda epístola: "Por isso, irmãos, procurai com diligência cada vez maior confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto procedendo assim não tropeçareis em tempo algum". É assim fazendo que vamos evitar todo tropeço, em nome de Jesus.

Uma outra condição para conservarmos a ousadia e a exultação de esperança vem traduzida nos vs. 12 e 13: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medula, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença". Ou seja, precisamos nos submeter à operação da Palavra de Deus. A palavra grega usada para expressar "eficaz" é nergos, que significa energia profunda que estabelece as coisas definitivamente. É poder que faz as coisas acontecerem de uma vez. O que a Palavra de Deus faz é uma verdadeira cirurgia: abre um corte profundo e penetra até o ponto de separar a alma do espírito, e as juntas e medulas. Por

isso mesmo não há criatura, por mais que se esconda ou use capuz, que não seja manifesta na sua presença.

Que a Palavra de Deus produza profunda alteração em nosso coração! Que ele raspe toda raiz de incredulidade da nossa alma e penetre a ponto de nos criticar e de revelar a nós mesmos quem verdadeiramente somos! Para nos subjugar, conduzindo-nos à obediência a partir de hoje, para a glória do Senhor da nossa vida e para a preservação da nossa alma, agora e na eternidade.

O Fiel Sumo Sacerdote

Para finalizar, o escritor aos Hebreus nos declara que só preservaremos a ousadia e exultação da esperança se entendermos os privilégios que desfrutamos no sacerdócio de Cristo, achegando-nos confiantemente a ele: "Tendo pois a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão". A palavra "pois", colocada logo no início do versículo, associa o texto a tudo o que dissemos até aqui.

Evoca todo o contexto para anexá-lo a esta nova afirmação.

Moisés e Arão não penetraram na Terra Santa. Mas nosso condutor e Sumo Sacerdote penetrou no céu, o lugar que prepara para nosso próprio descanso. Moisés apontou o caminho, chegou ao cume de Pisga, no cimo do monte que olha para a Palestina, e disse: "É lá!" Jesus, no entanto, penetrou o céu e disse: "É aqui!" Moisés disse: "Vão!" Mas Jesus diz: "Venham!"

"Tendo pois a Jesus (...) conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado". Você está sendo tentado? A Bíblia diz que Jesus, o Sumo Sacerdote que intercede por você durante todo o tempo da sua peregrinação, conhece todas as suas tentações. Ele também foi tentado em todas as coisas. Como eu e você. A diferença é que nós caímos e ele permaneceu sem pecado. Mas a maravilha é

que Jesus entende a angústia do tentado e simpatiza com as nossas dores. Ele tem compaixão de nós!

Acheguemo-nos a ele por causa disso: ele entende a nossa fraqueza. Acheguemo-nos confiadamente ao trono da graça. Não é o trono da lei, mas o trono da graça. Diante dele receberemos misericórdia, o sentimento divino que se relaciona com a nossa miséria. A graça é a virtude de Deus que se relaciona com nosso pecado, a fim de recebermos socorro em ocasião oportuna. E a ocasião oportuna, segundo a Palavra de Deus, é Hoje. É o presente. É agora.

Somos peregrinos na face da terra. Estamos caminhando para a pátria celestial e queremos chegar. Eu quero chegar lá. Quero me encontrar com você lá. Guardemos pois no coração a ousadia e a exultação da esperança. Vamos tirar do coração a incredulidade. Vamos acompanhar o que temos aprendido na Palavra de Deus com fé. Vamos nos deixar operar pela Palavra de Deus. E vamos nos agarrar ao Sumo Sacerdote da nossa confissão. Ele entende o nosso dilema, ainda que não justifique a nossa irresponsabilidade. Ele quer que os aflitos e necessitados, os miseráveis que reconhecem seu pecado, se aproximem do trono da graça com confiança, para acharem misericórdia e graça na ocasião própria: o dia que se chama Hoje.

"Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como foi na provocação no dia da tentação no deserto."

Amém!

O QUE É A VINDE

Fundada em 1978 pelo Rev. Caio Fábio, a VINDE - Visão Nacional de Evangelização, é uma missão interdenominacional que tem como objetivos: a Evangelização, a Edificação dos Cristãos, Treinamento de Lideres e o Compromisso Ético e Social

MINISTÉRIOS DA VINDE

Entre os ministérios da VINDE, destacam-se Cruzadas Evangelísticas, Congressos para Líderes, Famílias e Jovens, Programa de TV Pare & Pense, Vinde TV, Revista Vinde e Fábrica de Esperança.

COMO A VINDE É MANTIDA

Para atuar em tantas áreas diferentes e realizar tudo que tem realizado até aqui e ainda quer realizar, a VINDE precisa manter uma estrutura que envolve pessoas comprometidas com o Evangelho e que sejam bons profissionais, associada a uma tecnologia moderna. Para tanto, a VINDE é mantida pelas orações, incentivos e ofertas de amigos e irmãos que acreditam e são beneficiados por seus ministérios.

Se você faz parte deste grupo, mas ainda não é um mantenedor da VINDE, escreva para:

VINDE - Visão Nacional de Evangelização

Caixa Postal 100.084 - Niterói - RJ - CEP 24.120-040

* * * *